

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Modernas
Área de Língua Espanhola

BRUNA MACEDO DE OLIVEIRA Nº USP 5159006

**TESTE DAS MODALIDADES DE TRADUÇÃO LITERAL E DECALQUE COMO INDICADORES
DE DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA EM ANÁLISE DE *CORPUS***

São Paulo
2º semestre / 2008

BRUNA MACEDO DE OLIVEIRA Nº USP 5159006

**TESTE DAS MODALIDADES DE TRADUÇÃO LITERAL E DECALQUE COMO INDICADORES
DE DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA EM ANÁLISE DE *CORPUS***

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado à área de Graduação em Língua Espanhola do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Heloísa Pezza Cintrão
Área de concentração: Estudos de Tradução

São Paulo
2º semestre / 2008

BANCA EXAMINADORA

PROFA. DRA. HELOÍSA PEZZA CINTRÃO
(ORIENTADORA – DLM/USP)

PROF. DR. FRANCIS HENRIK AUBERT
(DLM/USP)

PROFA. DRA. FÁTIMA CABRAL BRUNO
(DLM/USP)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, pelo apoio e dedicação incondicionais, e atemporais, durante a tessitura deste trabalho. Minha imensa gratidão por ter-me ensinado e conduzido pacientemente pelos caminhos dos estudos da tradução.

À minha família, namorado e amigos, pela compreensão de minhas freqüentes ausências e, principalmente, pelo incentivo e carinho a mim devotados.

RESUMO

Depois de uma revisão das diversas abordagens da tradução, procedemos à construção de um estudo empírico, que se constitui como uma tentativa de aplicação do modelo descritivo consolidado por Aubert em 1998 (revisto em 2006) – as modalidades de tradução – a um *corpus* composto por trinta traduções do conto “*Historia de una princesa*” de Walsh (2000 [1966]). Foram realizadas algumas modificações no método de Aubert, com o objetivo de adequá-lo às características inerentes a esta pesquisa, ou seja, pretendíamos com elas observar como se dava a distribuição das modalidades entre os três grupos (P, EP e EC) que formam o *corpus* e verificar se uma intervenção pedagógica pela qual haviam passado os indivíduos do grupo principal teria causado alterações observáveis na utilização de tais modalidades na T4. Neste trabalho, centramo-nos em duas modalidades e seus desdobramentos, i.e., a tradução literal (próxima e distante) e o decalque (lexical e sintático). A partir dos resultados de um teste nas tabulações do *corpus* de traduções do referido conto, realizamos uma análise quantitativa com a qual procuraríamos responder duas perguntas essencialmente: (1) Há um padrão ou regularidade no uso dessas modalidades que diferencia o grupo de profissionais dos grupos de estudantes? e (2) Constatam-se mudanças, principalmente no grupo que participou da disciplina piloto, no uso de tais modalidades, entre a tradução inicial do conto e a segunda tradução? Dados qualitativos, entretanto, não puderam ser considerados devido ao recorte previamente estabelecido. Do mesmo modo, as marcações com zero, ou seja, aquelas que continham traços de mais de uma modalidade, com outra modalidade predominando sobre o decalque na quantificação, não puderam ser discutidas neste trabalho, o que evidenciou também a necessidade de um estudo de abrangência qualitativa.

Palavras-chave: modalidades de tradução; tradução literal; decalque; competência tradutória.

RESUMEN

Después de hacer un repaso de los diversos enfoques de la traducción, construimos un estudio empírico, que se constituye como un intento de aplicar el modelo descriptivo consolidado por Aubert en 1998 (revisto en 2006) – las modalidades de traducción – a un *corpus* compuesto por treinta traducciones del cuento “*Historia de una princesa*” de Walsh (2000 [1966]). Se hicieron algunas modificaciones en el método de Aubert, con el objetivo de adecuarlo a las características inherentes a esta investigación, es decir, teníamos la intención de observar con ellas cómo se daba la distribución de las modalidades entre los tres grupos (P, EP y EC) que forman el *corpus* y averiguar si una intervención pedagógica por la que habían pasado los sujetos del grupo principal habría provocado alteraciones observables en el uso de tales modalidades en T4. Para este estudio, nos hemos centrado en dos modalidades y sus desdoblamientos, a saber, la traducción literal (cercana y lejana) y el calco (léxico y sintáctico). A partir de los resultados de una prueba de tabulaciones del *corpus* de traducciones del referido cuento, realizamos un análisis cuantitativo con el cual buscábamos contestar a dos preguntas esencialmente: (1) ¿Hay un patrón o regularidad en el uso de estas modalidades que diferencia al grupo de profesionales del grupo de estudiantes? y (2) ¿Se constatan cambios, principalmente en el grupo que participó en el curso piloto, en el uso de tales modalidades, entre la traducción inicial y la segunda traducción? No se pudo considerar, sin embargo, datos cualitativos, debido al recorte previamente establecido. Asimismo, lo que estaba marcado con cero, es decir, lo que contenía rasgos de más de una modalidad, con la prevalencia de otra modalidad sobre la del calco, no pudo discutirse en este trabajo, lo que evidenció además la necesidad de un estudio de alcance cualitativo.

Palabras clave: modalidades de traducción; traducción literal; calco; competencia traductora.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 A INSERÇÃO DAS MODALIDADES DA TRADUÇÃO NOS ESTUDOS TRADUTOLÓGICOS	2
1.1 AS ABORDAGENS DA TRADUÇÃO	2
1.2 AS ABORDAGENS LINGÜÍSTICAS	6
1.3 A PROPOSTA DE VINAY E DARBELNET	12
1.4 A RECATEGORIZAÇÃO DE BARBOSA	20
1.5 AS MODALIDADES DE TRADUÇÃO DE AUBERT	25
1.5.1 Uma revisão da ferramenta	30
1.5.2 Modificando a ferramenta	32
2 SOBRE OS CONCEITOS DE TRADUÇÃO LITERAL E DECALQUE	37
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS	46
3.1 DESCRIÇÃO DO CORPUS	46
3.2 A ADEQUAÇÃO DA METODOLOGIA À TABULAÇÃO DOS DADOS	48
4 ANÁLISE DOS DADOS	56
4.1 TRADUÇÃO LITERAL	57
4.1.1 Literal próxima	57
4.1.2 Literal distante	59
4.2 DECALQUE	62
4.2.1 Decalque lexical	62
4.2.2 Decalque sintático	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
REFERÊNCIAS DOS TÍTULOS MENCIONADOS INDIRETAMENTE	75
ANEXOS	82
ANEXO A – RESULTADOS DOS TESTES DE TABULAÇÃO	82
ANEXO B – CD CONTENDO OS ARQUIVOS COM TODAS AS TABULAÇÕES	88
ANEXO C – TEXTO ORIGINAL, UMA TRADUÇÃO E RETRADUÇÃO DE CADA GRUPO	89

LISTA DE SIGLAS

CT – Competência tradutória

EC – Estudantes controle

ELE – Espanhol língua estrangeira

EP – Estudantes principal

L1 – Língua materna

L2 – Língua estrangeira

LF – Língua fonte

LM – Língua meta

M1 – Primeiro modelo de tradução do conto

M2 – Segundo modelo de tradução do conto (mais literal)

P – Profissionais de letras

T1 – Primeira tradução do conto

T4 – Segunda tradução do conto

TF – Texto fonte

TGI – Trabalho de graduação individual

TM – Texto meta

UT – Unidade de tradução

INTRODUÇÃO

A construção deste trabalho de pesquisa constitui uma tentativa de aplicação piloto do método das modalidades de tradução de Aubert (1998, 2006) a um *corpus* formado por trinta traduções do conto “*Historia de una princesa, su papá, una mariposa y el príncipe Kinoto Fukasuka*” de Walsh (2000 [1966]).

No capítulo 1 apresentaremos de maneira geral um panorama das distintas abordagens dos Estudos de Tradução, tomado principalmente de Hurtado (2001). Passaremos a uma consideração mais detalhada das abordagens lingüísticas, baseando-nos essencialmente nas discussões desenvolvidas pela supracitada autora e por Fawcett (1998) sobre o assunto. Dentro das abordagens lingüísticas, concentraremos nossa atenção nos procedimentos de tradução descritos por Vinay e Darbelnet (1958), dois dos principais expoentes dentro dessa perspectiva lingüística, e alguns trabalhos posteriores, decorrentes de reflexões acerca desse estudo pioneiro. Destacar-se-ão, assim, a recategorização realizada por Barbosa (1990) e as modalidades de Aubert (1998, 2006). Tomando a proposta de Aubert como nossa principal base teórica e metodológica, proporemos certas modificações em seu modelo, com vistas a adequá-lo ao teste das modalidades aqui realizado.

Após descrever todas as modalidades de tradução no capítulo 1, selecionaremos duas delas que serão aquelas que observaremos na análise dos dados, e as discutiremos mais a fundo no capítulo 2. Elas são a tradução literal e o decalque.

O capítulo 3 aparecerá dividido em duas etapas, na primeira descreveremos nosso *corpus* de trabalho e, na segunda, destacaremos os principais passos adotados para tabulá-lo seguindo a metodologia escolhida.

No capítulo 4, vamos explicitar as análises efetuadas nesta pesquisa e

procuraremos respostas para alguns questionamentos surgidos durante sua consecução. Além disso, exporemos algumas inquietações resultantes desse teste inicial.

1 A INSERÇÃO DAS MODALIDADES DA TRADUÇÃO NOS ESTUDOS TRADUTOLÓGICOS

1.1 AS ABORDAGENS DA TRADUÇÃO

Na segunda metade do século XX aparecem os primeiros estudos teóricos de caráter descritivo e sistemático sobre a tradução (HURTADO, 2001). Esses estudos, que numa primeira fase eram geralmente de base lingüística, surgem em um período em que se começa a dar à tradução uma enorme importância, o que pode ser comprovado, por exemplo, com o aparecimento de diversas publicações dedicadas ao tema.

Antes desse momento, as reflexões sobre a tradução, embora já tivessem milênios, costumavam consistir em considerações impressionistas feitas por tradutores beletristas que refletiam sobre impressões experimentadas durante a execução de seu trabalho. Entretanto, esses vários olhares impressionistas sobre a tradução tinham um caráter isolado e não chegavam a formar um corpo teórico (BARBOSA, 2004 [1990], p. 19).

Como marco importante nesse processo, podemos citar Vinay e Darbelnet que, a partir do livro *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction* publicado em 1958, deram um salto em direção ao surgimento dos estudos de tradução como uma disciplina acadêmica que observa seu objeto desde uma perspectiva descritiva e de modo sistemático, o que no caso concreto desses pesquisadores canadenses foi feito com fundamentação em uma linha lingüística de base saussuriana e vinculada à estilística.

A partir dos anos oitenta, e com o avanço das pesquisas na área, os estudos sobre a tradução se consolidam como uma disciplina acadêmica com identidade própria.

Nessa época se desenvolvem diversas abordagens que, como sugere Hurtado (2001), poderiam reunir-se em cinco grupos: *abordagens textuais*, *abordagens comunicativas/socioculturais*, *abordagens filosóficas/hermenêuticas*, *abordagens cognitivas* e *abordagens lingüísticas*. A seguir apresentamos suas definições e comentários fundamentados no trabalho da referida autora (HURTADO, 2001):

Os anos setenta presenciam o nascimento das **abordagens textuais**, que vinham a atender a seguinte reivindicação feita por autores como Seleskovitch (1968, 1975), Coseriu (1977), Meschonnic (1972) e Ladmiral (1979), a de que a tradução fosse vista a partir de uma perspectiva textual. Nessas abordagens, considera-se que as análises típicas das abordagens lingüísticas – cujo foco era o plano da língua, no nível da palavra ou no nível do sintagma –, não eram capazes de responder a todos os problemas com os quais se deparavam os tradutores, daí a formulação de propostas que procurassem abranger as operações textuais.

A partir das duas décadas subseqüentes, nas abordagens textuais, as atenções se voltam para a comparação de textos. Noções provenientes da *análise do discurso* e a *lingüística textual* foram incorporadas, tais como a de macro, micro e superestrutura; textualidade e textura; intertextualidade; coerência e coesão textual.

Assumia-se que línguas diferentes tratariam tais aspectos de distintas formas, o que traria conseqüências para a tradução. Hurtado considera que, nas abordagens textuais, merece destaque o trabalho de Reiss (1971, 1976), dado que a autora é pioneira em enfatizar o papel dos tipos de texto na tradução, além de apontar o caráter funcional e textual da equivalência tradutória.

Hurtado reúne nas **abordagens comunicativas e socioculturais** os estudos que levam em conta os elementos culturais, bem como os aspectos contextuais e a situação de recepção da tradução. São estudos que se centram em sua função comunicativa.

Sobressaem-se inicialmente os tradutólogos bíblicos contemporâneos, especialmente Nida e Taber (1969), que se dispuseram a estudar o papel dos aspectos socioculturais e foram os primeiros a utilizar o termo *equivalência cultural*.

Dentro das abordagens comunicativas e socioculturais são importantes também as contribuições de Pergnier (1978), que utilizou em seu trabalho os estudos sociolingüísticos; Brisset (1990), com sua proposta da sociocrítica da tradução; as relações entre cultura e tradução que ganham força com a abordagem variacional, na qual a tradução é vista como uma equação cultural (HEWSON; MARTIN, 1991).

Toury (1980) traz como contribuição a esta abordagem a teoria polissistêmica, cuja aplicação se realiza na Europa, especialmente nos trabalhos da chamada *Escola de Manipulação*. Outras teorias, como a do funcionalismo e lealdade (NORD, 1988), a teoria da ação tradutória (HOLZ-MÄNTTÄRI, 1984) e a teoria do *skopos* (REISS; VERMEER, 1984), são chamadas funcionalistas por colocarem em destaque a finalidade da tradução.

Há ainda autores cujas abordagens comunicativas focalizam a análise da tradução a partir do estudo dos elementos extratextuais que envolvem o ato tradutório. House (1977), por exemplo, com base em aspectos como o meio e o papel social, cria parâmetros situacionais de análise da tradução para o estudo das funções ideacional e interpessoal do texto. Seria este também o caso de Larose (1989) que, para observar na tradução as condições de enunciação, formula sua proposta de análise peritextual. Hatim e Mason (1990, 1997) com o intuito de estudar as relações entre o contexto e a tradução, elaboram as dimensões do contexto. Lvóvskaya (1997), por sua vez, estabelece diferenças entre a atividade bilíngüe equivalente e heterovalente (a adaptação) e ainda propõe um quadro de análise dos fatores que determinam a atividade tradutória em seu modelo comunicativo-funcional.

Outro tipo de estudo que se volta para os aspectos socioculturais e ideológicos é a análise de tradução a partir de perspectivas feministas, que conta com autoras como Díaz-Diocaretz (1985), Lotbinière-Harwood (1991), Simon (1996), Flotow (1997), Godayol (2000), etc.

Vale a pena mencionar, ademais, as análises que discutem questões como o mundo pós-colonial, o papel da tradução na representação de outras culturas, a manipulação e a apropriação dos textos. Trata-se de estudos de fundo sociocultural e ideológico, representados por Niranjana (1992), Robinson (1997) e Carbonell (1997,1999).

Ainda segundo Hurtado (2001), nas **abordagens filosóficas e hermenêuticas** podem-se reunir aqueles autores que, de um lado, ocuparam-se de alguma maneira da hermenêutica da tradução ou dos elementos filosóficos a ela relacionados, e, de outro, as reflexões pós-estruturalistas. Incluem-se aqui as abordagens hermenêuticas atuais, as desconstrutivistas, ou as teorias canibalistas. Alguns de seus importantes autores são Quine (1959), com suas reflexões iniciadas a partir da filosofia da linguagem; Schökel (SCHÖKEL; ZURRO, 1977), representante da hermenêutica bíblica, ou da tradução enquanto constructo filosófico, e Ladmiral (1979) que realiza uma análise filosófica da tradução.

Dentro dessas abordagens, há alguns estudos que vêem o uso de métodos científicos na análise da tradução com desconfiança. Estes se propõem a analisar temas como a origem da tradução, sua natureza, suas relações com a filosofia, com a retórica, com os estudos de culturas e com a literatura comparada, além de dedicar-se à análise de sua possibilidade e validação. Alguns de seus representantes são autores como Paz (1971), Berman (1984), Venuti (1986, 1995), Robinson (1991) e Rose (1997).

São mencionadas por Hurtado (2001) também as reflexões desconstrutivistas,

dentre as quais se destacam os nomes de Derrida (1985a, 1985b); Vidal Claramonte (1989, 1995, 1998) e Arrojo (1993, 1994). Por fim, a autora inclui neste grupo as teorias da tradução que despontaram pela primeira vez no Brasil, as denominadas teorias canibalistas, cujos representantes são Campos (1972, 1981), Gavronsky (1977) e Pires (1994).

Entende-se por **abordagens cognitivas** aquelas que têm como foco o estudo dos processos mentais do tradutor. Aqui há diversas vertentes, tais como a teoria interpretativa, ou teoria do sentido, (SELESKOVITCH, 1968, 1975; LEDERER, 1981, 1994; DELISLE, 1980, etc.), entre outros estudos desenvolvidos na *L'Ecole Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs* (ESIT) e a teoria da relevância de Sperber e Wilson aplicada por Gutt (1991) à análise dos comportamentos mentais do tradutor. Bell realiza seu trabalho de análise tendo como base as pesquisas sobre a psicolinguística e a inteligência artificial; Kiraly (1995) formula o modelo psicolinguístico; Gile (1995a, 1995b) propõe para a interpretação os modelos de *Esforços*; Wills (1996) aplica à tradução os estudos em psicologia cognitiva (WILLS, 1996); etc.

Evidenciam-se, outrossim, as pesquisas que se ocupam do estudo empírico dos mecanismos do processo tradutório, com o uso de técnicas como dos *Thinking-Aloud Protocols* (TAPs), ou protocolos verbais, isto é, a gravação e transcrição de verbalizações, pelo tradutor ou estudante de tradução, de suas ações e processos mentais, enquanto efetua seu trabalho. Alguns dos que se valeram desta técnica foram Krings (1986), Lörscher (1991), Kussmaul (1995), Kiraly (1995), Séguinot (1989) e Dancette (1995).

1.2 AS ABORDAGENS LINGÜÍSTICAS

Nosso estudo se insere principalmente nas **abordagens lingüísticas** e se situa no

que se convencionou chamar de *estilísticas comparadas*, por isso, nos estenderemos um pouco mais na discussão dessas abordagens, baseando-nos nas visões de Hurtado (2001) e Fawcett (1998) acerca do tema.

Segundo Hurtado (2001), as abordagens lingüísticas fundamentam-se na aplicação à tradução de modelos originários da lingüística. Trata-se de estudos de caráter descritivo e comparativo que não chegam a adentrar o âmbito do texto, concentrando-se apenas na comparação de línguas. Esta comparação, contudo, pode dar-se com a utilização de modelos variados, coexistindo tendências bastante diversas, como a lingüística comparada tradicional, as comparações gramaticais entre as línguas, a abordagem semântica, as abordagens semióticas e as estilísticas comparadas.

Os estudos que se valem da *lingüística comparada tradicional* utilizam a categorização proveniente da gramática tradicional e realizam comparações de unidades separadas entre as línguas, como o léxico, os aspectos morfológicos, sintáticos, etc.

As *comparações gramaticais entre as línguas* são comuns e usam diversos modelos, tais como alguns procedimentos das estilísticas comparadas (e.g. a modulação e a transposição) e categorias da gramática oracional.

Nas *abordagens semânticas*, Hurtado destaca os nomes de Durisin (1972), Kade (1973), Larson (1984) e, especialmente, o de Nida (1975).

A tradução nas *abordagens semióticas* é tida como um processo de transformação entre sistemas de signos. Alguns dos representantes desta linha teórica seriam Ljuskánov (1969) e Arcaini (1986).

No caso das *estilísticas comparadas*, entendidas como aquelas que consideram as características de uma língua reveladas na comparação com outra, procede-se à análise comparada a partir da aplicação dos estudos feitos em estilística dentro de uma mesma língua. A grande contribuição das estilísticas são os **procedimentos de**

tradução, sobre os quais vamos nos deter posteriormente, cuja primeira tentativa de categorização e descrição coube a Vinay e Darbelnet (1958).

Ainda houve outros *modelos de análise lingüística* utilizados nos estudos da tradução: Catford (1965) aplica em suas pesquisas a teoria dos níveis de Halliday; Vázquez Ayora (1977) utiliza-se do modelo transformacional e Garnier (1985) lança mão da sistemática do gramático Guillaume, etc.

Ao focar as abordagens lingüísticas, Fawcett (1998) dedica em seu estudo um espaço à polêmica sobre as relações entre a lingüística e a tradução. O autor relata que a questão fundamental, que há muito vem ocupando os principais expoentes das duas áreas, é se e como as teorias lingüísticas podem colaborar com a tradução. Em seu trabalho, Fawcett se propõe a esboçar os principais pontos de contato entre as duas disciplinas e a demonstrar as contribuições da lingüística para as teorias e a prática da tradução.

Segundo o autor, a complexa relação entre as duas áreas pode ser verificada de dois modos:

1) De um lado, os tradutores podem se valer de algumas propostas teóricas da lingüística no ato tradutório, para resolver questões pontuais encontradas em uma tradução. É o caso dos problemas que envolvem a reprodução de características específicas de um dialeto de uma língua em uma tradução para outra língua. Tomemos como exemplo um texto no qual haja traços muito peculiares que nos remetam ao universo caipira de uma cidade do interior paulista, se tivéssemos que traduzi-lo para o público norte-americano, seria interessante nos apoiarmos nos trabalhos de sociolingüística para entender melhor a problemática implicada nesse caso e para tentar resolvê-lo, talvez procurando conseguir a mesma reação de identidade obtida nos receptores do texto fonte (TF). Isso seria possível, por exemplo, se fossem incluídos no

texto meta (TM) elementos próprios da língua daqueles considerados caipiras nos Estados Unidos. Por outro lado, nem sempre há comparabilidade entre os dialetos dos diferentes sistemas lingüístico-culturais. Assim, a lingüística poderia oferecer subsídios para compreender melhor as questões pontuais envolvidas numa tradução, mas nem sempre pode oferecer todas as respostas aos problemas práticos enfrentados pelo tradutor.

2) De outro lado, podem ser criadas teorias lingüísticas da tradução, ou seja, teorias que levem em conta a lingüística não apenas como um suporte na solução de questões específicas, mas que a tenham como base para propor uma compreensão do conceito de tradução como um todo. É isso que ocorre quando Nida (1969) elabora a teoria da equivalência dinâmica e volta-se para o processo de tradução centrado nos receptores do TM, que, obviamente, são diferentes dos receptores do TF, tanto no que se refere ao conhecimento lingüístico, como no que se relaciona ao conhecimento cultural e enciclopédico. Visto deste modo, o processo de tradução apresenta-se como uma adaptação do texto na língua fonte (LF) a um grupo social diferente e, nesse sentido, a teoria de Nida nada mais é do que uma sociolingüística da tradução, na qual a lingüística serve de suporte para construir a teoria em seu conjunto.

Fawcett aponta autores dentro das duas vertentes. Na primeira, Albrecht (1973), Bell (1991), Hatim e Mason (1990), por exemplo, fizeram listas dos principais elementos da lingüística e procuraram mostrar de que modo se aplicavam à prática da tradução. Como representantes da segunda, Fawcett (1998) cita nomes como Catford (1965), a quem considera merecedor das muitas críticas vindas do fato de seu modelo não ir além do nível da oração, porém, aponta-o como sendo o detentor de um dos esforços mais originais de formulação de uma teoria geral da tradução de origem lingüística, ao tentar descrever a tradução em termos da gramática das camadas

lingüísticas de Halliday. Fawcett também menciona House (1981), que usa uma distinção básica da lingüística funcional para a descrição das estratégias de tradução aberta (textos claramente reconhecíveis como traduções) e de tradução encoberta (textos que não pretendem se mostrar como traduções, mas como se fossem textos originais), privilegiando cada uma dependendo da situação; e Shveitser (1987) que descreveu, entre outras coisas, a tradução como um processo de reescrita.

A aplicação das propostas teóricas da lingüística à tradução, inicialmente, foi relegada por muitos teóricos e práticos da tradução porque, como sustentavam, a lingüística não se propunha a enfrentar o problema do sentido, uma vez que acreditava não ser este observável e, além disso, ser pouco estruturado. Entretanto, essa posição se restringiu a algumas vertentes iniciais do estruturalismo, e a lingüística assumiu rapidamente a tarefa de explicar o sentido.

Com o intuito de alcançar tal objetivo, a lingüística formulou conceitos como conotação, denotação, campos semânticos e análise componencial, para descrever significados no nível da palavra e, para descrevê-los no nível da oração, criou conceitos como a pressuposição e as implicaturas. A aplicação destes construtos teóricos na comparação entre línguas é fundamental para a tradução, na medida em que evidencia como os significados e as estruturas de significado de uma língua não correspondem inteiramente aos de outra. Dito de outro modo, conforme Fawcett, evidencia-se que o significado que é transferido na tradução é quase sempre contextual e geralmente envolve algum tipo de perda.

A percepção dessas assimetrias no modo como as diferentes línguas se estruturam no nível dos sentidos deu impulso às taxonomias de procedimentos da tradução, que surgem como descrições das diferentes técnicas à disposição de um tradutor para transpor as distâncias e lacunas entre as línguas.

Porém, as taxonomias feitas nos níveis da palavra e do sintagma mostravam-se insuficientes para suprir todas as necessidades dos tradutores. Devido a isso, a tradução voltou seus olhos para teorias com as quais a lingüística procurava ampliar seu horizonte, enveredando por caminhos mais abrangentes, como o texto. A partir da lingüística textual, foram aplicados conceitos como a análise de registro (tom, modo e domínio). Os Estudos da Tradução valeram-se também de princípios e conceitos da pragmática (máximas de Grice, atos de fala, funções da linguagem e funções textuais) e da análise do discurso (coesão e coerência, estrutura temática).

Embora as mencionadas taxonomias da tradução tendam a concentrar-se no nível da palavra ou do sintagma, algumas propostas, como a de Vinay e Darbelnet (1958), na qual são descritas as técnicas de *empréstimo*, *decalque*, *tradução literal*, *transposição*, *modulação*, *equivalência* e *adaptação*, mostram-se bastante interessantes se pensarmos na descrição das operações tradutórias nos níveis frástico e subfrástico que são, como aponta Aubert (2006), níveis em que os tradutores de fato realizam boa parte de seu trabalho. Ainda que não correspondam a todas as dificuldades dos tradutores, uma observação sistemática de operações nesses níveis talvez tenha uma contribuição importante a dar para a compreensão de vários aspectos da tradução.

Como podemos notar, as abordagens lingüísticas mencionadas por Hurtado não equivalem às detalhadas por Fawcett. Tal diferença diz respeito ao modo como os autores vêem a lingüística. Enquanto Hurtado considera as abordagens lingüísticas em um sentido estrito, apoiada talvez numa visão saussuriana da Lingüística como ciência que tem como objeto a língua (*langue*) e não a língua em uso (*parole*), Fawcett inclui em seu estudo as teorias que se preocupam com o uso da linguagem, como a lingüística textual, a análise do discurso, a pragmática etc. Por essa razão encontramos autores como House, Nida e Hatim e Mason incluídos por Hurtado no grupo das abordagens

comunicativas/socioculturais, ao passo que Fawcett os menciona nas abordagens lingüísticas. A opção de Hurtado, no entanto, não diz respeito a uma visão “estreita” sobre a lingüística, poderíamos considerar sua proposta de divisão como uma escolha que visa, entre outras coisas, a tornar o assunto mais acessível, inclusive aos mais leigos.

1.3 A PROPOSTA DE VINAY E DARBELNET

Vinay e Darbelnet foram os pioneiros, dentro de uma perspectiva estilística, a estudar a tradução como uma disciplina que apresenta características e problemas específicos.

A ampla experiência destes estudiosos na avaliação de traduções para a contratação de tradutores apontava que, em geral, o sucesso de uma tradução vinha de uma abordagem metódica e que o aprendizado de métodos de trabalho era decorrente da experiência de profissionais cientes de que ser bilíngüe não é suficiente para ser tradutor (VINAY; DARBELNET, 1958, p. 8).

A partir de tais observações, os autores defendiam que a tradução era uma ciência exata, e não uma arte, e elaboraram uma tipologia de procedimentos comparando sistematicamente textos originais com suas traduções.

A criação dos procedimentos, entretanto, aplicava-se não apenas ao trabalho com traduções profissionais, na verdade, os autores defendiam que seria igualmente útil em três tipos de uso da tradução: na educação (usada na aquisição de um língua estrangeira), na prática profissional e na pesquisa lingüística.

Focando-nos nesta última, Vinay e Darbelnet sustentavam que a análise comparativa de duas línguas por meio da observação de traduções permitiria identificar as características e o comportamento de cada uma, suas semelhanças e diferenças. Desta

maneira, a tradução poderia ser pensada como uma disciplina auxiliar à lingüística, constituindo um objeto privilegiado de estudo do sistema e dos fenômenos lingüísticos de uma língua em relação à outra.

Com seu trabalho de categorização dos métodos ou procedimentos de tradução, esses pesquisadores pretendiam construir uma síntese de conceitos que, como observavam, apareciam freqüentemente dispersos, com o que acreditavam oferecer uma ajuda valiosa para classificar os conhecimentos já existentes e os novos (VINAY; DARBELNET, 1958, p. 10).

Embora afirmassem não acreditar em soluções únicas, Vinay e Darbelnet se diziam confiantes em que a confrontação de dois sistemas estilísticos permitiria esboçar orientações gerais e às vezes bastante precisas para o processo de tradução, capazes de levar os tradutores a identificar as dificuldades encontradas, a classificá-las em categorias operacionais e a encontrar soluções sistemáticas para os problemas de tradução.

Nesse trabalho, os autores partem da apresentação de uma série de conceitos básicos tomados da lingüística, nos quais fundamentaram suas considerações, como a noção de *signo lingüístico*, de *significado* e *sentido*, de *língua* e *fala*, de *servidão* e *opção*, de hipertradução (*overtranslation*), de *língua* e *estilística* e dos *níveis de linguagem*, para, na seqüência, explicar os métodos de tradução identificados para o propósito da análise comparativa que propõem.

Embora todos os conceitos citados anteriormente sejam importantes, vale a pena deter-nos um pouco sobre as noções de *servidão* e *opção* com o intuito de entender melhor as diferenças entre as estilísticas e sua relevância para os autores. Segundo Vinay e Darbelnet (1958), a *servidão* é algo imposto pela língua, geralmente relacionada à gramática, e a *opção* é a possibilidade de escolha, relacionada à estilística.

De acordo com tais pressupostos, os tradutores se preocupariam mais com as questões de opção do que com as relacionadas à servidão. Pensando nisso, os autores acreditavam que havia dois tipos de estilísticas: a **estilística interna** e a **estilística comparativa**.

Durante o processo de tradução, “os tradutores estabelecem relações entre manifestações específicas de dois sistemas lingüísticos, uma que já foi expressa e está dada, e outra que é ainda potencial e adaptável” (*nossa tradução*) [*“translators establish relationships between specific manifestations of two linguistic systems, one which has already been expressed and is therefore given, and the other which is still potential and adaptable”*] (VINAY; DARBELNET, 1958, p. 30). Os passos iniciais seguidos por um tradutor poderiam ser assim caracterizados: identificar as unidades de tradução (UT); reconstruir a situação que originou a mensagem; examinar o texto na LF, avaliando os conteúdos descritivos, intelectuais e afetivos das UTs; avaliar e ponderar os efeitos estilísticos, etc. Todas essas reflexões devem conduzir a uma mensagem na LM.

Os tradutores então buscam soluções em sua mente e nesse processo trabalham com UTs, definidas por Vinay e Darbelnet como o menor segmento de um enunciado cujos signos estão ligados de tal modo que cada um não poderia ser traduzido individualmente. Em algumas situações, a descoberta da tradução de uma unidade é quase instantânea. Nesse caso, o tradutor ainda deve assegurar-se de que nenhum elemento do TF foi omitido antes de finalizar o trabalho (VINAY; DARBELNET, 1958).

Os **procedimentos técnicos da tradução** surgem, desta forma, como um modo de descrever em detalhe este processo. Vinay e Darbelnet defendem que os diferentes métodos ou procedimentos poderiam ser condensados em apenas sete, cuja utilização

pode dar-se de maneira isolada ou combinada.

Inicialmente seria possível distinguir entre dois métodos gerais de tradução: a chamada **tradução direta**, ou literal, e a **tradução oblíqua**. A tradução literal é a que se caracteriza por uma transposição da mensagem na língua fonte para a língua meta, elemento por elemento. Segundo os autores, somente é possível entre línguas e culturas muito próximas.

Em contraste, é comum encontrar lacunas na LM que precisam ser preenchidas por elementos correspondentes para que a impressão geral do conteúdo comunicativo seja a mesma para as duas mensagens (VINAY; DARBELNET, 1958). Pode acontecer que, devido a diferenças estruturais ou extralingüísticas, certos efeitos estilísticos não possam ser transferidos para a LM sem modificações na ordem sintática ou léxica, e os autores dizem que nesse caso é preciso lançar mão de um método mais complexo que a transposição de elemento por elemento, os chamados métodos de tradução oblíqua. Entre os sete métodos ou procedimentos de tradução apresentados por Vinay e Darbelnet, os três primeiros são diretos, enquanto que os quatro últimos são oblíquos. As definições a seguir são tomadas dos autores (VINAY; DARBELNET, 1958, p. 31-40).

O **empréstimo**, segundo estes estudiosos, é o método mais simples dentre os procedimentos de tradução. Ele ocorre quando palavras ou expressões estrangeiras são utilizadas pelo tradutor, geralmente por dois motivos: a) para preencher uma deficiência, normalmente extralingüística, ou b) para garantir no TM a cor local da LF. Palavras como *paella*, entretanto, não podem ser incluídas nesta categorização, dado que apenas suscitam interesse os empréstimos mais recentes.

O segundo procedimento é o **decalque**, dividido em dois tipos: **lexical** e **estrutural**. Trata-se de uma espécie de empréstimo, relativo a um grupo de palavras, no

qual: a) é inserida uma nova forma de expressão, sem com isso subverter a estrutura sintática da LM, e b) é incluída na LM uma nova construção. Em ambos os casos, traduz-se literalmente cada um dos elementos da LF.

Na **tradução literal**, ou palavra por palavra, passa-se diretamente o TF para o TM, porém a idiomaticidade e gramaticalidade adequadas à LM são asseguradas. Os autores ressaltam que este é o único procedimento completo em si mesmo e que tem caráter reversível. Pode acontecer em línguas distantes, que em alguns pontos possuam traços extralingüísticos compartilhados ou convergência de pensamentos, ainda que seja mais freqüente em línguas próximas.

Há alguns casos em que se faz necessária a utilização de outros métodos de tradução oblíqua, são eles: A) quando a mensagem traduzida elemento por elemento tiver significado diferente da LF; B) quando a tradução literal produzir uma mensagem sem sentido; C) quando a mensagem for estruturalmente impossível; D) quando não existir na experiência extralingüística da LM uma expressão correspondente na LF; e E) quando a expressão existente não recuperar o mesmo registro da LF (VINAY; DARBELNET, 1958, p. 34-35).

A **transposição** desmembra-se em dois tipos, **obrigatória** e **opcional**. A este procedimento relacionam-se os casos em que uma classe de palavra é substituída por outra sem ocasionar mudanças no significado da mensagem. Há casos em que são possíveis tanto traduções literais como transposições, na maioria das vezes, porém, a escolha dependerá do tradutor e dos efeitos ou nuances que conseguirá utilizando uma ou outra forma.

À **modulação** ligam-se as variações formais na mensagem relacionadas a uma mudança de ponto de vista. O uso deste procedimento justifica-se quando um segmento do texto é gramaticalmente correto, mas inapropriado ou estranho na LM. Tal como na

transposição, esse procedimento se divide em **opcional** e **obrigatório**.

Quando uma mesma situação é expressa em dois textos com métodos estilísticos e estruturais totalmente distintos, tem-se um caso de **equivalência**. Este procedimento de natureza sintagmática tem efeitos sobre todo o enunciado e dele fazem parte o repertório fraseológico das línguas, bem como os provérbios, ditados populares etc. Um exemplo seria um contexto no qual um aluno cuja língua materna é o espanhol acerta uma adivinhação em aula e a professora diz “*¡Diste en el clavo!*”, a mesma situação com um falante do português brasileiro teria como reação a expressão “Acertou na mosca”.

Conforme definido por Vinay e Darbelnet, o procedimento de **adaptação** é o limite extremo, utilizado apenas quando não é possível reproduzir na LM a situação referida pela mensagem na LF, pois esta não é conhecida na cultura de chegada. Para suprir esta dificuldade, o tradutor tem de criar uma nova situação comparável, ou que seja considerada como equivalente, na LM. São as chamadas “equivalências situacionais” mencionadas pelos autores.

Após descrever os métodos, são apresentados exemplos de cada um deles em três níveis: o do léxico, o das estruturas e o da mensagem. A estes sete procedimentos essenciais ainda são acrescentados por Vinay e Darbelnet outros nove que, enunciados por pares opostos (exceto a compensação e a inversão), são os seguintes, descritos a partir de Hurtado (2001):

- 1) **Compensação**: ocorre sempre que algum aspecto informacional ou estilístico não pôde ser mantido no TM no mesmo ponto em que se encontrava no TF e este dado é inserido em outra parte do texto.
- 2) **Concentração** vs **dissolução**: na concentração um significado da LF passa a ter menos significantes na LM, enquanto que na dissolução, ocorre o

contrário, tem-se no TM mais significantes.

- 3) **Economia** vs **amplificação**: a utilização do primeiro se dá quando, para cobrir uma deficiência no nível sintático ou para assegurar um melhor resultado na expressão de um significado, é usado um número menor de significantes. A amplificação é o procedimento contrário.
- 4) **Amplificação** vs **condensação**: são usos específicos das modalidades anteriores, próprios do par francês-inglês.
- 5) **Particularização** vs **generalização**: na primeira, traduz-se um termo mais específico por outro mais geral; na segunda, ocorre o fenômeno contrário.
- 6) **Implicitação** vs **explicitação**: na primeira, uma informação presente no TF não é reproduzida no TM, por acreditar-se que a situação ou contexto serão capazes de precisá-la. Na segunda, introduz-se no TM um dado que estava implícito no TF.
- 7) **Lexicalização** vs **gramaticalização**: na primeira, os signos gramaticais são substituídos por signos lexicais. A gramaticalização é o procedimento inverso.
- 8) **Justaposição** vs **articulação**: trata-se de procedimentos opostos que correspondem à ausência ou à utilização de marcas lingüísticas de articulação quando é enunciado um raciocínio.
- 9) **Inversão**: ocorre quando uma palavra ou sintagma é transferido para outro ponto da oração ou parágrafo, a fim de se garantir na LM uma estrutura normal.

A autora salienta que as categorias de Vinay e Darbelnet não deixam de ter um caráter prescritivo. Desde o aparecimento deste estudo, muitas abordagens e classificações das técnicas de tradução surgiram. Estudiosos como Scavée e Intravaia

(1979) também dedicaram aos procedimentos algumas considerações. Estes autores crêem que os verdadeiros procedimentos de tradução restringem-se à transposição e à modulação, uma vez que esses seriam capazes de englobar todos os outros.

Para Hurtado (2001), um problema das várias propostas de categorização deste tipo é a confusão criada pela denominação usada para as técnicas de tradução, pois alguns autores as chamaram de procedimentos, outros de estratégias, e outros de métodos. Contudo, para a estudiosa, todas essas coisas são bastante distintas.

Diferentemente das estratégias, que podem não ser verbais e que são utilizadas em todas as fases do processo tradutório, o método “es una opción global que recorre todo el texto y que condiciona el desarrollo del proceso tradutor” (HURTADO, 2001, p. 265). Para a autora, a técnica seria a designação mais adequada para os procedimentos verbais concretos, visíveis no resultado da tradução, utilizados para obter equivalências tradutórias. Sua intervenção restringe-se ao produto e às unidades menores do texto, manifestando-se unicamente na reformulação, em uma fase final de tomada de decisões.

Hurtado sugere que o interesse suscitado pelas técnicas de tradução tem a ver com o fato de oferecerem uma metalinguagem própria que possibilita identificar, denominar e classificar as escolhas do tradutor, no que se refere às menores unidades textuais, assim como é possível também, através da observação dessas escolhas, obter dados concretos sobre sua opção metodológica.

A confusão entre o processo tradutor e o resultado da tradução é iniciada já pela apresentação que Vinay e Darbelnet fazem dos procedimentos, diz Hurtado. O problema é que a explanação que realizam de tais procedimentos não se relaciona, em última instância, ao processo, mas ao produto da tradução. Assim, esta apresentação pioneira favorece uma confusão com outras categorias tradutológicas – o método e as estratégias – vinculadas ao processo cognitivo do tradutor.

Outra crítica feita por Hurtado é que, ao dividir os procedimentos considerando a dicotomia metodológica tradicional, literal e livre, Vinay e Darbelnet incorrem numa desordem terminológica entre técnicas e métodos. O próprio fato do livro dos autores levar como título *Méthode de traduction* torna a questão ainda mais problemática. Além disso, a denominação *procedimentos* confunde-se com outra categoria vinculada ao processo, as estratégias. Em síntese, os procedimentos de Vinay e Darbelnet seriam, para a autora, técnicas.

1.4 A RECATEGORIZAÇÃO DE BARBOSA

Em um trabalho publicado pela primeira vez em 1990 e intitulado *Procedimentos técnicos da tradução*, Heloisa Barbosa procurou “recharacterizar e recategorizar os procedimentos técnicos de tradução” (2004 [1990], p. 14) inicialmente descritos por Vinay e Darbelnet (1958).

Através de sua prática como tradutora, a pesquisadora constatou que a descrição primeira proposta pelos autores canadenses parecia incompleta e insatisfatória, dado que contava com apenas sete procedimentos. O método formulado por eles era relativamente simples e sua hierarquização seguia um determinado critério, o de dificuldade da realização do procedimento.

Ao mesmo tempo em que continham problemas, os procedimentos, como afirma a autora, tinham importância na medida em que poderiam ser vistos como uma tentativa de responder a um questionamento: o de como traduzir. Ademais, poderiam servir para a análise do que acontece no ato da tradução.

A pesquisadora relata que o modo como Vinay e Darbelnet explicam os procedimentos parecia ser útil no sentido de ampliar o alcance da descrição, oferecendo uma alternativa mais adequada do que as imprecisas categorias opostas de tradução

literal vs. tradução livre, e no sentido de esclarecer o que é de fato realizado na passagem de uma língua para outra. No entanto, comparando as propostas de diferentes autores, parecia haver discrepâncias que englobavam “divergências terminológicas e modos diversos de recortar os procedimentos descritos” (Id., p. 16).

De acordo com Barbosa, ao dispor os procedimentos técnicos de tradução ao longo de dois eixos opostos, o da tradução literal e o da tradução não literal, Vinay e Darbelnet reproduzem de modo pouco desejável a tensão entre estes dois modos de traduzir. Essa discussão tem a ver com uma visão de tradução que a autora considera impressionista e imprecisa, estritamente ligada à fidelidade ao texto original, que também se formulou ao longo do tempo em outros termos, como uma tensão entre forma e conteúdo. A estudiosa opta por focalizar sua atenção sobre os procedimentos técnicos da tradução enquanto superação da oposição imprecisa e reducionista entre tradução livre e literal.

A análise dessas questões, a partir de uma perspectiva atenta às “falhas” observadas no método, fez com que Barbosa pensasse numa recharacterização (ajustes na seleção e definição dos procedimentos) e numa recategorização (organizando-os não com base na dicotomia literal-livre, mas de acordo com parâmetros de distância lingüística), com o objetivo de atender a necessidades dos tradutores em geral, para que pudessem dispor de um elenco de maneiras de traduzir e, por conseguinte, vissem suas tarefas facilitadas.

Depois de propor uma recharacterização inicial, Barbosa faz duas tentativas de recategorização: uma delas, de acordo com a frequência com que os procedimentos ocorrem na tradução, verificada a partir de traduções existentes, logo foi abortada devido à falta de subsídios teóricos. Sua segunda proposta leva em conta o grau de divergência entre duas línguas em contato no ato tradutório. Desta forma, a tradução

literal corresponderia a uma elevada identidade formal e cultural, já que tanto os aspectos lingüísticos quanto os culturais intervêm nesse processo. Os desvios com relação à tradução literal, por outro lado, espelhariam as divergências lingüísticas, estilísticas, ou extralingüísticas, e Barbosa dispõe os demais procedimentos tradutórios ao longo desses últimos eixos, considerando uma escala capaz de indicar a menor e a maior distância lingüística e cultural.

Os procedimentos recategorizados por Barbosa (2004 [1990]) somam um total de treze, que descrevemos a seguir:

Tradução palavra-por-palavra: é quando o enunciado expresso na LF é transferido para a LM, conservando-se a ordem sintática e as categorias gramaticais e o conteúdo semântico dos termos utilizados (uso de segmentos considerados sinônimos interlingüísticos).

Tradução literal: a esse procedimento corresponde à idéia mais difundida a respeito da tradução, conforme Barbosa. A tradução literal seria aquela em que se mantém a fidelidade semântica estrita, adequando a morfossintaxe às normas gramaticais da LM. De acordo com a autora, são essas alterações perceptíveis que a diferenciam da tradução palavra por palavra (Id., p. 65).

Transposição: ocorre quando há mudança na categoria gramatical de um segmento de texto a ser traduzido. Podemos dizer que, se por um lado há casos em que sua utilização é facultativa e relaciona-se a questões estilísticas, por outro, há situações em que este procedimento faz-se necessário – obrigatório – para atender características próprias da LM.

Modulação: este procedimento, tal como descrito em Vinay e Darbelnet (1958), concerne à maneira como as diversas línguas constataam a experiência do real. Relaciona-se, portanto, a uma questão de perspectiva e de como isso se reflete na

tradução da LF para a LM. Do mesmo modo que a transposição, este também é um procedimento que se desdobra em obrigatório, conforme a existência de expressões dicionarizadas, e facultativo, mostrando uma questão de escolha que privilegia o estilo.

Equivalência: também como aparece em Vinay e Darbelnet, neste procedimento uma unidade de tradução na LF é substituída por outra funcionalmente equivalente na LM. De modo geral, verifica-se sua ocorrência em provérbios, ditados populares e expressões idiomáticas.

Explicitação vs. Omissão: no primeiro procedimento, elementos desnecessários na LF, como no caso dos pronomes pessoais em português, são incluídos na tradução para o TM, por exemplo, para o inglês. Na omissão ocorre o procedimento contrário.

Compensação: o uso desse procedimento é freqüente, por exemplo, em trocadilhos: quando não se pode reproduzir num mesmo ponto da LM um efeito estilístico presente na LF, pode-se lançar mão de outro recurso num outro lugar do texto.

Reconstrução de períodos: é um procedimento comum, por exemplo, em traduções do português para o inglês, quando são necessários agrupamentos ou divisões de orações e períodos do TF na passagem para a LM.

Melhorias: ocorre quando os erros de fato ou outros tipos de erro cometidos no TF não são repetidos na tradução.

Transferência: ocorre transferência quando elementos textuais da LF são introduzidos no TM. De acordo com Barbosa, esse procedimento pode ter as seguintes formas: estrangeirismo, estrangeirismo transliterado (transliteração), estrangeirismo aclimatado (aclimatação), estrangeirismo mais explicação de seu significado (como nota de rodapé ou diluição do texto).

Como sinaliza a autora, o estrangeirismo é chamado por Vinay e Darbelnet de

empréstimo, denominação pouco adequada, segundo ela, já que o termo tomado da lingüística apresenta uma acepção diferente na descrição dos autores, ou seja, o da não utilização de termos já incorporados. Para a estudiosa, o estrangeirismo é um empréstimo lexical que não está integrado à língua que o importa, mantendo da outra os fonemas, a grafia e a flexão.

Na transliteração há substituição de uma norma gráfica por outra.

A aclimatação é o mesmo procedimento denominado por Vinay e Darbelnet como decalque. Nele os vocábulos “emprestados” passam por adaptações à estrutura fonológica e morfológica da língua que os toma. No que tange à tradução, tratar-se-ia da realização de tais mudanças pelo próprio tradutor.

A transferência ocorre quando os receptores da tradução podem compreender seu significado por meio do contexto, porém, quando isso não é possível, recorre-se a outros recursos, como as notas de rodapé, as notas no final do capítulo, as notas ou glossário no final do livro, ou a explicação diluída no próprio texto.

Explicação: este procedimento é utilizado quando há explicação de estrangeirismos não retomados no TM.

Decalque: a confusão gerada pela utilização desse termo é substituída pela seguinte descrição feita pela autora: neste procedimento são traduzidos no TM sintagmas ou tipos frasais da LF. Barbosa diz que a identificação deste procedimento só se dá por meio de uma análise diacrônica, que determine se tal segmento de texto já foi usado ou não, por exemplo, em: *task force* → grupo tarefa.

Adaptação: também como apontavam Vinay e Darbelnet, Barbosa (2004 [1990]) considera a adaptação como o extremo limite da tradução. Esse procedimento ocorre quando uma situação contida no TF inexistente na LM e o tradutor tem de recriá-la com os meios extralingüísticos equivalentes disponíveis na LM.

1.5 AS MODALIDADES DE TRADUÇÃO DE AUBERT

Derivada também da proposta de Vinay e Darbelnet (1958) são as **modalidades de tradução** de Francis Aubert (1998). Elas integram um modelo de pesquisa tradutológica com base em *corpus* e que visa, principalmente, a análise quantitativa de traduções.

As **modalidades** surgiram da necessidade de adaptação dos *procedimentos de tradução* a um objetivo específico, o de descrever, medir e quantificar o grau de diferenciação lingüística – ou grau de proximidade/distância – entre o texto original e o traduzido. Isso é relevante também na medida em que tais dados são passíveis de tratamento estatístico.

Tais como os *procedimentos técnicos* de Vinay e Darbelnet, as modalidades organizam-se em uma escala cujo ponto de partida é o grau zero da tradução, nesse caso, o empréstimo, até o grau mais extremo, a adaptação. Este modelo, porém, já não pretende analisar o **processo** como previa a proposta inicial dos autores canadenses, mas sim o **produto** da tradução, o que deu origem à nova denominação.

Algumas indagações de ordem metodológica tiveram lugar nesse ínterim, tornou-se imprescindível definir a pergunta à qual a aplicação das modalidades deveria responder: “quantos % do texto original reaparecem no texto traduzido sob forma de determinada modalidade?” (AUBERT, 1998, p. 103).

Além disso, dever-se-ia delimitar qual a unidade de tradução a ser utilizada. A opção deu-se em favor da *palavra* porque esta poderia facilitar a quantificação de *corpus* e proporcionar, segundo o autor, uma contagem com pouca ou nenhuma ambigüidade de interpretação por diferentes pesquisadores. Entretanto, observa Aubert, isso não significa que a análise e a observação conduzam-se elemento por elemento, pois cada palavra do TF precisaria, com esse método, ser colocada no contexto do

sintagma, da oração e do texto como um todo para, só depois, ser verificada na tradução, seja de forma explícita (como sintagma verbal ou nominal, morfema ou paráfrase), seja de forma implícita (como sugestão por uma ou mais soluções do tradutor). Também não significa que os procedimentos não devam ser adaptados às necessidades de cada trabalho específico.

As **modalidades de tradução** de Aubert (1998) dividem-se em dois grupos, as denominadas modalidades de **tradução direta** (transcrição, empréstimo, decalque, tradução literal e transposição), e o conjunto de **tradução indireta** (explicitação/implicação, modulação, adaptação e tradução intersemiótica). De acordo com Aubert (1998), as 13 modalidades se definem como segue:

Omissão: verifica-se a ocorrência dessa modalidade quando uma informação presente no TF não pode ser recuperada no TM. Isso importa porque, embora superficialmente a correspondência direta de uma língua na passagem para outra seja perdida, muitas vezes a informação pode ser recuperada no texto traduzido, o que não constituiria um caso de omissão. Barbosa (1990), diferentemente de Aubert, inclui nesta categoria casos em que pronomes pessoais contidos no TF não aparecem na tradução, como em *'I am 18 years old'* e *'Tenho 18 anos'*, estes casos são classificados por Aubert como transposições.

Transcrição: segundo Aubert, trata-se do verdadeiro “grau zero” da tradução. Desta modalidade fazem parte os seguimentos textuais que não conformam nem a LF nem a LM e sim uma terceira língua, o que, na maioria dos casos, seriam considerados empréstimos no TF, ou, inversamente, pertençam a ambas as línguas envolvidas (algarismos, fórmulas algébricas, etc.). Um exemplo seria quando em um texto em espanhol aparece um nome chinês e em sua tradução para o português o nome é mantido sem quaisquer alterações.

Empréstimo: ocorre quando um elemento do TF é reproduzido sem marcadores específicos no TM. De acordo com Aubert (1998, p. 106), “nomes próprios (inclusive topônimos) são objetos privilegiados de empréstimo, bem como termos e expressões tendo por referentes realidades antropológicas e/ou etnológicas específicas”. Da mesma forma que Vinay e Darbelnet, Aubert somente classifica como empréstimo aquilo que não faz parte do léxico da língua e, além disso, não tenha adquirido significados diferentes na LM, como no caso da palavra *outdoor* em português.

Decalque: de acordo com o autor, esse procedimento ocorre quando uma palavra ou expressão tomada da LF, e que não está dicionarizada, passa por adaptações de ordem gráfica e/ou morfológica para adequar-se às normas dessa língua. Cabe assinalar que nessa classificação, diferentemente da de Vinay e Darbelnet, não se realiza uma distinção entre decalque de léxico e decalque de estrutura, divisão essa que, como se verá adiante, será de suma importância para os fins de nosso trabalho. Também esclareceremos mais adiante que, em nossas tabulações, adotamos um sentido de decalque diferente do de Aubert. Em nosso trabalho, o que classificamos como decalque se aproximaria do que tem sido chamado de interferência ou transferência negativa em tradução.

Tradução literal: para que um segmento seja classificado como tradução literal, ou palavra por palavra, os elementos do TF e TM devem atender aos seguintes critérios: “(i) o mesmo número de palavras, (ii) na mesma ordem sintática, (iii) empregando as ‘mesmas’ categorias gramaticais e (iv) contendo as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser consideradas sinônimos interlingüísticos” (AUBERT, 1998, p. 106). O referido conceito é mais restritivo do que aquele apresentado por Vinay e Darbelnet (1958), uma vez que os autores mencionavam sobre esse procedimento que a gramaticalidade e a idiomaticidade do TF deveriam manter-se na LM.

Transposição: observamos este procedimento quando não é satisfeito ao menos um dos três primeiros critérios estabelecidos para a ocorrência de tradução literal, ou seja, quando há reajustes morfossintáticos. Na proposta inicialmente elaborada por Vinay e Darbelnet, esta modalidade apresentava uma separação em “obrigatória” e “opcional”, o que também se observa na reformulação de Aubert. Esta informação aparece mencionada em uma nota de rodapé da seguinte forma: “as transposições podem ser obrigatórias – impostas pela estrutura morfossintática da língua alvo – ou facultativas, a critério do tradutor” (AUBERT, 1998, p. 107). No entanto, Vinay e Darbelnet consideram transposição apenas as mudanças de categoria gramatical. Barbosa (1990) em sua descrição do procedimento de tradução literal aproxima-se muito do modo como o Aubert caracteriza a transposição. A definição de transposição por Aubert engloba o que, nos procedimentos de Vinay e Darbelnet, correspondia à transposição e à inversão, além de abranger aspectos do que aqueles autores chamavam de tradução literal.

Explicitação/Implicação: a primeira consiste na explicitação no TM de informações contidas de maneira implícita no TF. A implicação, por outro lado, seria o procedimento contrário. Esta modalidade não aparece nos sete procedimentos de Vinay e Darbelnet, mas é incluída por eles posteriormente, de acordo com o assinalado por Hurtado (2001).

Modulação: nota-se a ocorrência da modulação sempre que na tradução de um segmento de texto mantêm-se os sentidos, embora a estrutura de superfície seja distinta. Bem como a transposição anteriormente explicada, também este procedimento pode ser, como a proposta dos autores pioneiros na classificação apontam, “obrigatória” ou “optativa”.

Adaptação: é quando “a solução tradutória adotada para o segmento textual

dados estabelece uma equivalência parcial de sentido, tida por suficiente para os fins do ato tradutório em questão, mediante uma intersecção de traços pertinentes de sentido” (AUBERT, 1998, p. 108). De acordo com Aubert (1998), quando se lança mão desta modalidade cai por terra qualquer tentativa de equivalência dita “perfeita”.

Tradução intersemiótica: figuras, ilustrações, logomarcas, selos, brasões e similares constantes no TF vêm reproduzidos no TM como material textual.

Erro: são classificadas como pertencentes a esta modalidade somente “os casos evidentes de ‘gato por lebre’” (AUBERT, 1998, p. 109).

Correção: é quando o tradutor tenta melhorar o TM, se o TF contém erros lingüísticos, factuais, entre outros. Barbosa (1990) nomeia tal procedimento como **melhorias**.

Acréscimo: ocorre quando algum elemento textual é incluído no TM pelo tradutor, sem que exista qualquer motivação decorrente do conteúdo explícito ou implícito do TF. Esta modalidade pode ocorrer de várias formas: comentários (velados ou não) do tradutor, notas do tradutor, paráfrase explicativa etc.

Observa-se que a “equivalência” apresentada por Vinay e Darbelnet não é retomada por Aubert da mesma maneira em sua formulação do método de 1998. Claro está que, pela definição dada pelos autores, poderíamos percebê-la de certa forma diluída nas modalidades de adaptação e de modulação de Aubert. Outras modalidades, tais como omissão, transcrição, tradução intersemiótica, erro, correção e acréscimo, foram incluídas para atender aos propósitos específicos para os quais o referido modelo foi criado.

Vale ressaltar que a ocorrência dessas modalidades pode dar-se em estado puro ou de forma híbrida, isso significa que o agrupamento dos dados pode ver-se muitas vezes dificultado. Assim sendo, como indica Aubert (1998), o melhor é adotar como

critério a inclusão de cada unidade tradutória, nesse caso a palavra, sempre na categoria mais distante do “grau zero”, além disso, convém dizer que, nas tabulações feitas a partir desse método, as quantificações serão sempre realizadas sobre as palavras do TF.

1.5.1 Uma revisão da ferramenta

Como resultado de estudos realizados por Aubert aplicando o modelo descritivo das modalidades a textos da literatura brasileira traduzida, uma revisão das modalidades anteriormente apresentadas em 1998 é proposta pelo autor, alguns anos depois, para que estas se prestassem melhor à descrição de aspectos próprios da tradução literária.

De acordo com Aubert (2006, p. 63):

O modelo descritivo das modalidades de tradução [...] organiza-se como partindo de uma certa indiferenciação entre original e tradução, para aquém da qual ocorre a *omissão*, e estendendo-se até um grau máximo, para além do qual se incorre na ausência de qualquer intersecção e, portanto, no *erro*.

A nova organização das modalidades de tradução estaria assim disposta:

Omissão: Não houve alterações, pelo menos nesta modalidade, em sua definição. A omissão ocorre sempre que um dado segmento textual do TF e a informação nele contida não podem ser recuperados no TM.

Espelhamento: esta modalidade ocorre “quando um determinado segmento do texto original reocorre no texto traduzido sem alterações ou com pequenas alterações gráficas e/ou morfossintáticas” (AUBERT, 2006, p. 64). Desdobra-se em: *empréstimo* e *decalque*, não houve, porém, alterações na descrição destas modalidades com relação à definição antes apresentada pelo autor em 1998, portanto, não a repetiremos neste ponto (vide p. 27).

A **Literalidade** (AUBERT, 2006, p. 64) manifesta-se, como indica o autor:

Como um conjunto de soluções tradutórias aparentemente desprovidas de ‘ruído’, ou seja, em que a passagem do texto original para o texto traduzido

faz-se, no segmento observado, de forma direta, valendo-se de soluções configuradoras de uma certa sinonímia interlingüística e intercultural no contexto dado.

Esta categoria reparte-se nas modalidades de *transcrição*, *tradução palavra por palavra*, *transposição* e *explicitação*. De maneira geral, não ocorreram modificações significativas nas modalidades referidas anteriormente, entretanto, um comentário deve ser tecido: à modalidade de explicitação é acrescentada uma informação importante, i.e., que através desta modalidade procura-se garantir a literalidade semântica, por meio de recursos outros – não citados na explicação anterior – como o prefácio, o posfácio, a nota de rodapé ou de fim, o glossário final etc.

Equivalência: “as modalidades de equivalência são aquelas em que a atuação, interferência e co-autoria do tradutor tornam-se mais visíveis” (AUBERT, 2006, p. 65), em outras palavras, não é o grau de interferência do tradutor que conta, em última instância, o que é levado em consideração nesta modalidade é o grau de visibilidade da intervenção realizada. Em seu limite, leva o texto traduzido, ou partes deste, a um trabalho de reescrita, culminando para isso a interpretação do tradutor e sua preocupação com a receptividade do texto, pensando-o na ótica da cultura de chegada. Nesta revisão da ferramenta, a equivalência aparece como uma categoria que agrupa as modalidades de *implicação*, *modulação* e *adaptação*.

Algumas ressalvas merecem ser feitas sobre isso: a *implicação* não é mais vista como o processo inverso à explicitação, pois resulta, muitas vezes, em simples eliminações de redundâncias ou em condensações. Por outro lado, também constitui um recurso pelo qual o tradutor evita problemas culturais, que o levariam a uma busca por equivalências no TM, nesse uso, tal modalidade aproxima-se da *omissão*. À *modulação* acrescenta-se a informação de que esta se confunde com a idiomática das línguas.

No caso da *adaptação*, o autor assinala que a principal característica dessa modalidade é o fato de residir em uma intersecção de sentidos, ainda que de caráter denotativo. O que marcaria a diferenciação seriam os “resultados possíveis do embate entre as duas realidades extralingüísticas que se confrontam no ato tradutório” (AUBERT, 2006, p. 67).

Tradução intersemiótica: esta modalidade não guarda diferenças marcantes se comparada com a primeira definição de Aubert (1998), contudo, o autor ressalta que esta ocorre, no caso do texto literário, sob a forma de ilustrações ou vinhetas.

Erro: nesta modalidade não chegamos a ter uma reformulação, mas a explicitação do que antes estava pouco detalhado. Considera-se *erro* apenas os casos que transponham, injustificamente, os limites da adaptação.

Como podemos notar, as modalidades de **correção** e **acrécimo** perderam lugar na nova proposta. Outras modalidades, porém, como a **explicitação** e a **implicação** aparecem disjuntas, enquanto que as demais são reunidas em blocos ou categorias (**espelhamento, literalidade, equivalência**). Além disso, o autor procurou, mediante esta classificação e os objetivos para ela estabelecidos, uma maior integração entre o procedimento e o produto, diferentemente do que se expunha em 1998, quando o que se focalizava era, essencialmente, o produto.

1.5.2 Modificando a ferramenta

A partir das modalidades de Aubert (1998, 2006) vislumbrou-se a possibilidade de realizarmos um estudo empírico sobre a tradução, aplicando-as a um *corpus* composto por traduções no par lingüístico português-espanhol, com o fim de observar se as modalidades são sensíveis, não apenas ao grau de distância/proximidade entre as duas línguas, mas a diferentes graus de desenvolvimento da competência tradutória.

Para tanto, algumas mudanças no método de Aubert foram feitas. Nosso estudo considerou todas as modalidades propostas em 1998, exceto a tradução intersemiótica, posto que não faz parte de nosso objeto de análise a tradução de textos que contenham ilustrações. Tendo em vista as relações entre a língua portuguesa e a língua espanhola, as modalidades passaram por alguns rearranjos, ou modificações, assim explicados:

No caso da modalidade **decalque**, houve a divisão em **decalque lexical** e **sintático**, separação já prevista pelo modelo de Vinay e Darbelnet (1958), mas que não era utilizada por Aubert. Além disso, passamos a entender o decalque no sentido de uso no texto traduzido de palavras ou estruturas agramaticais, pouco usuais, de muito baixa frequência ou de registro pouco adequado, aparentemente preferidas pelo tradutor ou aprendiz por serem superficialmente mais próximas das estruturas da língua fonte presentes no texto fonte. Assim, o que observamos sob o nome de decalque foi esse tipo de espelhamento de palavras ou estruturas da LF, que tem sido chamado de ‘interferência’ ou ‘transferência negativa’ em tradução (ver CINTRÃO 2006a). O decalque lexical ocorre sempre que esse tipo de operação é feita no nível da palavra, quando, por exemplo, aparecer em um texto na língua espanhola a palavra “*dice*” (verbo na 3ª pessoa do presente do indicativo), e em uma tradução para o português “disse”, correspondente à 1ª e à 3ª pessoa do pretérito perfeito. Esse tipo de tradução é geralmente influenciada pela proximidade gráfica entre as palavras das duas línguas. O decalque sintático, por sua vez, ocorre quando se mantém uma estrutura gramatical usual na LF, mas incomum na LM, por exemplo, na frase “*las princesas debemos estar quietas*” e, em uma tradução decalcada da estrutura verbal, “as princesas devemos ficar quietas”. Esta divisão tem por fim verificar a hipótese de Cintrão (2006a) de que, dadas as características de proximidade/distância entre o português e o castelhano, os decalques de estruturas e de palavras gramaticais serão mais frequentes nesse par

lingüístico do que os decalques de léxico (ou de palavras de conteúdo) e que os decalques desse último tipo marcarão as traduções de sujeitos pouco proficientes na LE (o castelhano), enquanto que os decalques sintáticos poderão ser encontrados também nas traduções de bilíngües altamente proficientes nas duas línguas.

A modalidade de **tradução literal**, ou palavra por palavra (AUBERT, 2006), foi dividida em **literal próxima** e **literal distante**. À primeira referem-se os casos em que há proximidade gráfica (formal) entre os sinônimos interlingüísticos; em outros termos, é quando as palavras são facilmente reconhecidas, mesmo por aqueles que não têm conhecimento da LF, como em “*estudiante*” (esp.) e “*estudante*” (port.). Com a modalidade **literal distante** pretende-se quantificar por separado aqueles casos em que os sinônimos interlingüísticos não são parecidos superficialmente, e não seriam facilmente identificados por um sujeito falante do português pouco proficiente no espanhol, ou seja, são aqueles casos de sinonímia interlingüística que, ao contrário dos primeiros, não são imediatamente transparentes, como o caso de “*no*” (esp.) e “*não*” (port.) ou de ‘*pajita*’ (esp.) e ‘*canudinho*’ (port.).

A separação entre **transposição obrigatória** e **transposição facultativa**, mencionada tanto na proposta de Vinay e Darbelnet (1958) quanto na de Aubert (1998, 2006), interessam para nosso estudo de um ponto de vista contrastivo. Por um lado, a porcentagem de ocorrência de transposição obrigatória sinalizaria especialmente as distâncias morfossintáticas entre as duas línguas, permitindo aferir, de modo bastante independente da semelhança das bases lexicais, os graus de proximidade e distanciamento entre as línguas na sintaxe. Por outro lado, a quantidade de ocorrências da modalidade de transposição facultativa talvez permitisse observar padrões diferentes entre grupos de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento da competência tradutória. A transposição obrigatória ocorre nos casos em que não se tem a opção de

uma tradução literal sem que sejam cometidos erros gramaticais, por exemplo, em: “en este capítulo” (esp.) e “neste capítulo” (port.). A transposição facultativa relaciona-se a uma opção do tradutor em “¿Dónde estará la princesa?” (esp.), e na tradução “Onde será que está a princesa? (port.), em que o tradutor poderia realizar uma tradução literal do verbo “estará”(esp.) > “estará” (port.) e não o faz.

A **modulação**, tal como a transposição, também pode ser **opcional** ou **obrigatória**. Conquanto as propostas de Vinay e Darbelnet e de Aubert não considerem a divisão no tratamento dos dados, para nós essa separação é fundamental porque com ela podemos medir o grau de interferência do tradutor/aprendiz no TM, bem como sua atenção a questões de idiomaticidade e de registro. Assim, com uma *modulação obrigatória* o tradutor mantém a idiomaticidade, o modo próprio de se dizer algo em cada língua, por exemplo, quando em espanhol uma criança “*hace pucheros*”, estabelece-se nessa expressão a relação entre o som feito por uma panela durante o cozimento de algo e as emissões de sons e as alterações gestuais na face de uma criança quando está prestes a chorar (UNIVERSIDAD DE ALCALÁ DE HENARES, 2001 [2000]). Em português não teríamos outro modo de expressar essa situação que não fosse “com cara de choro” ou “fazendo bico”, dado que não há em nossa língua nenhuma correspondência entre a situação mencionada e o som de um objeto, qualquer que seja. Na modulação facultativa, geralmente verificamos que a interferência do tradutor dá-se principalmente por uma questão de opção, muito mais do que por obrigatoriedade, por exemplo, na tradução de “Y agarró un matamoscas...” (esp.) por “E passou a mão num mata-moscas...” (port.).

A **adaptação** também foi desmembrada com o intuito de que fosse possível perceber em que medida o sujeito, levando em conta as diretrizes que lhe haviam sido dadas sobre seu público e tarefa de tradução ao traduzir o texto, seria capaz de colocar a

finalidade de tradução acima da fidelidade estrita aos significados denotativos, considerando elementos de estilo no TF importantes no texto a ser traduzido, do ponto de vista de seu público e de sua organização textual, e procurando mantê-los no TM (*adaptação estilística*), por exemplo, quando se constrói um trecho com rima no TM para manter uma rima contida no TF: “*quieta como una galleta*” (esp.) > “*parada que nem marmelada*” (port.). As *adaptações culturais*, por seu turno, poderiam refletir um cuidado do tradutor em adaptar elementos que pertencem a uma cultura por elementos próprios de outra, também para conseguir maior adequação a um público e a uma finalidade de tradução específica, por exemplo, se em um texto temos a bebida “*brandy*” e o tradutor em uma tradução para o público brasileiro utiliza a palavra “*cachaça*”, dado que a primeira é pouco conhecida entre os brasileiros, mas muito consumida em certas partes da Europa.

Além disso, reservaram-se espaços para registrar o aumento e a diminuição de número de palavras em relação ao TF, porém estes não foram incluídos dentro das modalidades. Com isso queríamos verificar, entre outras coisas, se a porcentagem de aumento/diminuição de palavras era maior entre os profissionais ou entre os aprendizes, e se haveria variação entre os aprendizes ao longo do tempo. O quadro abaixo mostra as modalidades finais a que chegamos depois das modificações descritas:

MODALIDADES		
Modalidades de Aubert (1998)	Modificações realizadas em função da pesquisa	Modalidades finais
Omissão		Omissão
Transcrição		Transcrição
Empréstimo		Empréstimo
Decalque	Decalque lexical	Decalque lexical

	Decalque sintático	Decalque sintático
Tradução literal ou palavra por palavra	Literal próxima	Literal próxima
	Literal distante	Literal distante
Transposição obrigatória		Transposição obrigatória
Transposição facultativa		Transposição facultativa
Implicitação		Implicitação
Explicitação		Explicitação
Modulação obrigatória		Modulação obrigatória
Modulação facultativa		Modulação facultativa
Adaptação	Adaptação estilística	Adaptação estilística
	Adaptação cultural	Adaptação cultural
Correção		Correção
Acréscimo		Acréscimo
Erro		Erro

Quadro 1: modalidades modificadas em função da pesquisa

2 SOBRE OS CONCEITOS DE TRADUÇÃO LITERAL E DECALQUE

Em nosso trabalho analisaremos as modalidades de **tradução literal** (próxima e distante) e **decalque** (lexical e sintático), acreditando que estas modalidades poderão:

(1) no caso dos desdobramentos da tradução literal, mostrar-nos mais claramente informações de ordem contrastiva que o modelo original de Aubert não detectava, por falta de um dispositivo que medisse as distâncias/proximidades de bases lexicais e, (2) no caso dos dois tipos de decalque, indicar diferenças entre a tradução de bilíngües proficientes e aprendizes de espanhol como língua estrangeira (ELE), além de responder

de modo visível a progressos no desenvolvimento da CT.

Neste subitem, aprofundaremos a discussão sobre os conceitos de tradução literal e de decalque. Para o primeiro conceito, discutiremos o verbete ‘tradução literal’ da *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* e o confrontaremos com as definições dadas de tradução literal nas taxonomias de procedimentos tradutórios consideradas anteriormente. Para o conceito de decalque entendido no sentido de interferência em tradução, usaremos como texto de base o estudo de Cintrão (2006a).

No verbete **tradução literal** da *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, (ROBINSON, 1998, p. 125), equipara-se a noção de tradução literal com tradução palavra por palavra, ou seja, a segmentação do texto fonte em palavras isoladas e a transposição seqüencial dessa segmentação para a língua meta, uma por uma, e, na mesma ordem. Entretanto, essa operação, segundo o autor, é impossível, seja porque os elementos de uma língua não podem ser reproduzidos *pari passu* por outra, seja porque o texto na LM torna-se, via de regra, inteligível. Assim, as traduções que costumam ser de fato chamadas de “literais”, afirma o autor, na maioria das vezes são apenas uma aproximação do que se definiu acima como uma tradução literal “ideal”.

Há também, de acordo com Robinson, uma imprecisão inerente aos termos usados em discussões sobre esse tema, ou seja, costumam ser usados de forma pouco precisa os termos palavra por palavra, literal, sentido por sentido e tradução livre. Catford (1965) procura evitar essa imprecisão diferenciando a tradução restrita a um nível da tradução não restrita, e explicando que, na primeira, todos os segmentos do texto são traduzidos em um mesmo nível (morfema, palavra, sintagma, oração ou frase) e que tanto uma tradução palavra por palavra como uma tradução feita “sentido por sentido” (na verdade, frase por frase) seriam traduções restritas a um único nível. Em contrapartida, se a tradução não adere sistematicamente a um único tipo de segmento

textual, às vezes trabalhando com unidades nos níveis mais baixos, como a palavra ou a locução, outras vezes selecionando unidades em níveis mais altos, como os da frase ou da oração, tratar-se-ia de uma tradução não restrita. Segundo a terminologia de Catford, tanto o que se costuma chamar de tradução literal (palavra por palavra) como que se costuma chamar de livre (sentido por sentido) seriam subcategorias da tradução restrita a um único nível.

Discussões formuladas em torno da oposição tradução literal vs tradução livre, tradução palavra por palavra ou tradução sentido por sentido ocorrem desde os tempos de Cícero, e nos deixaram os primeiros registros de reflexões sobre a tradução. De acordo com Vega (1994), Cícero acreditava que havia dois tipos de tradução, uma realizada pelo intérprete (palavra usada por Cícero para designar o tradutor “pragmático”), a tradução fiel, e outra realizada pelo orador, a tradução livre. Muito se discute sobre a opinião contrária de Cícero à tradução palavra por palavra. Por indicar que o trabalho do orador consistia em interpretar um texto na língua fonte de forma livre com o intuito de persuadir o público da língua meta, muitos entenderam que, talvez, para Cícero, a tradução do orador, a livre, seria uma atividade mais elevada. Mas Vega sustenta que a única coisa que realmente se tem documentada em suas palavras é que Cícero constatava a existência de duas formas diferentes de traduzir, uma mais adequada para os fins do intérprete e outra mais adequada para os fins do orador.

Na conhecida “Carta a *Pammachium*”, também São Jerônimo (395 d.C) reflete sobre a tradução, ataca o literalismo e cria o termo “sentido por sentido” como uma saída intermediária entre a censurada literalidade e as imitações livres. Contudo, quando o assunto era a tradução das Sagradas Escrituras, “onde até mesmo a ordem das palavras encerra mistério”, observava-se que São Jerônimo não havia conseguido desmistificar totalmente a sacralidade da ordem das palavras do texto na língua fonte.

Robinson (1998) considera estranha essa ressalva feita por São Jerônimo com relação às Sagradas Escrituras, já que sua própria carta enumerava uma série de exemplos de passagens inteiras do Velho Testamento hebreu que os tradutores da Septuaginta e os evangelistas traduziram para o grego livremente, sentido por sentido.

A respeito da tradução das Sagradas Escrituras, Robinson menciona uma oposição entre duas posições. De um lado, as tradições místicas que antecederam a história do cristianismo (e posteriormente conviveram com ela) viam com reverência sagrada as palavras do texto original, supostamente ditado por Deus, e temiam modificar qualquer detalhe dele. Por outro lado, a cristandade ortodoxa, à qual se vincula a teoria de tradução de São Jerônimo, que atacou essa devoção à letra do texto fonte, vendo-a como idolatria. Agostinho (354-430 d.C.), por exemplo, em “Sobre a Doutrina Cristã” declarava preferir a tradução da Septuaginta aos originais em hebraico e aramaico, porque acreditava que os 72 tradutores gregos em Alexandria haviam sido guiados pelo Espírito Santo. Segundo a visão do cristianismo ortodoxo, uma correta tradução sentido por sentido poderia captar o sentido abstrato e transcendental das Sagradas Escrituras, e fazê-lo até mesmo melhor do que os autores originais poderiam ter chegado a compreender.

Mas ainda muito tempo depois dessas idéias do cristianismo ortodoxo sobre a tradução, comenta Robinson, a tradução literal continuava a dar frutos na Idade Média. No século XV, a tradução sentido por sentido já era aceita por quase todos como a única forma de abordar o texto estrangeiro. No entanto, o literalismo não havia desaparecido: continuou a ser praticado marginalmente, e ressurgiu com força impressionante nos trabalhos dos Românticos alemães. Contudo, para Schlegel, Schleiermacher, Goethe e Humboldt a questão da literalidade não era meramente como segmentar ou que unidade utilizar na tradução, mas a problemática da interpretação dos textos através das

fronteiras culturais.

Numa nova concepção da velha dualidade, os Românticos tentavam produzir algo como a tradução literal, com a qual buscavam introduzir o leitor na cultura da língua fonte, entregando-o às peculiaridades do texto estrangeiro. Os neoclassicistas franceses, desta forma, eram atacados por tentarem se apropriar do texto estrangeiro, tornando-o “afrancesado”, de fácil leitura para o leitor da língua meta (ROBINSON, 1998).

No século XX esse ideal estrangeirizante da tradução, discutido amplamente pelos Românticos alemães, foi alimentado por vários teóricos de peso, tais como Benjamin (*A tarefa do tradutor*, 1923), Berman em sua obra *A experiência do estrangeiro* (1984), Venuti em *A invisibilidade do tradutor* (1995), entre outros.

Estes teóricos do século XX, como muitos de seus precursores do Romantismo, basearam-se numa visão dicotômica da tradução e atribuíram valores morais a cada um dos modos de traduzir. Domesticar o texto fonte é visto como descaracterizá-lo, submetendo-o a uma linguagem comum homogeneizadora na cultura meta. Estrangeirizá-lo, mantendo algo de sua alteridade por meio da literalidade na tradução, seria uma resistência heróica às pressões homogeneizadoras do capitalismo. Segundo essa visão, não haveria escolha: apenas essas duas alternativas se apresentariam, com suas respectivas conseqüências éticas ou morais.

Entendida como um conceito mais amplo, a tradução literal descrita na *Encyclopedia* aparece sempre vinculada a uma relação dicotômica, oposta a um outro “modo” de traduzir, i.e., à tradução livre ou não literal. Essa mesma contraposição, no entanto, não é constatada no conceito de tradução literal tal como apresentado dentro das taxonomias de “procedimentos técnicos” ou “modalidades” de tradução. Nestas abordagens o conceito de tradução literal não se apresenta como oposto a um outro

modo de traduzir, mas como uma dentre várias operações que o tradutor tem disponíveis para lidar com micro-unidades de tradução. É exatamente nesse sentido que a pesquisa aqui exposta pretende trabalhar com o conceito de “tradução literal”.

Passamos às questões em torno da definição de decalque e do sentido em que usaremos essa palavra. De acordo com a definição de **decalque** apresentada anteriormente, quando “(i) uma palavra ou expressão emprestada da Língua Fonte foi submetida a certas adaptações gráficas e/ou morfológicas para conformar-se às convenções da Língua Fonte e (ii) não se encontra registrada nos principais dicionários recentes desta língua” (AUBERT, 1998, p. 106), acreditamos que nosso trabalho com esta modalidade especializa tal sentido, afinando-o para um de seus possíveis efeitos: a aparição de uma transferência negativa ou interferência da língua materna na tradução. Essa conceituação de decalque será mais útil a nosso estudo para a observação do *corpus* de aprendizes de tradução, uma vez que nosso trabalho se relaciona com o desenvolvimento da competência tradutória, e nos interessa testar certas hipóteses a respeito da interferência em tradução. Essa “interferência”, seguindo a Cintrão (2006a), poderia ser descrita como a inclusão em uma língua de elementos pertencentes à outra. O decalque guardaria, assim, grande proximidade com a modalidade “erro”, já que há grandes chances de que nessa interferência surjam casos de “gatos por lebres” (AUBERT, 1998, p. 109).

Entenderemos, portanto, o decalque como uma espécie de empréstimo – no sentido utilizado por Corder ao falar de aprendizes de segundas línguas, como a utilização de um elemento de uma língua na produção de outra. Contudo, é importante diferenciar a forma como esse fenômeno acontece na aprendizagem de língua estrangeira e no âmbito da tradução para a língua materna. Quando um aprendiz usa a língua estrangeira, seja na forma oral ou na forma escrita, “o sentido da interferência se

verifica da LM [língua materna ou L1] sobre a L2 [língua estrangeira]” (CINTRÃO, 2006a, p. 73). Já na tradução escrita, o fenômeno ocorre na direção inversa, da L2 sobre a L1.

O recurso ao empréstimo de elementos da língua materna por um aprendiz de uma língua estrangeira é explicado por Corder como uma estratégia que esse aprendiz usa quando se vê frente a uma necessidade comunicativa que excede seus conhecimentos na língua estrangeira. O autor também aponta que a incidência de tais tipos de tentativa de empréstimo da língua materna aumenta em função da proximidade que o aprendiz percebe entre sua língua materna e a língua estrangeira. Assim, o recurso ao empréstimo tem relação não apenas com a proximidade real entre as línguas, embora esta possa contribuir para que a utilização desse procedimento seja bem-sucedida comunicativamente: como aponta Cintrão (2006a), a maior ou menor utilização desse procedimento pode ser uma questão de proximidade percebida, ou seja, da percepção dos aprendizes com relação à proximidade entre a língua estrangeira e sua língua materna, não necessariamente condizente com a proximidade real entre as duas línguas.

Na proposta da autora, para entender a diferença entre interferência na aprendizagem de língua estrangeira e a interferência na tradução para a língua materna, outra diferenciação faz-se necessária, inicialmente: a distinção entre interferência na produção e a interferência no processo de compreensão. A interferência na aquisição da L2, a que Corder se refere, é aquela que se manifesta como inclusão da língua materna de um aprendiz em sua **produção** na língua estrangeira. O fenômeno da interferência na tradução para a L1, que ocorre em sentido oposto, poderia em certos casos ser explicado por um empréstimo mal-sucedido da língua materna, feito para auxiliar no processo de **compreensão** de um texto na língua estrangeira. Ao redigir, na língua materna, a tradução do resultado de uma compreensão problemática da língua estrangeira, essa

compreensão equivocada se cristaliza numa aparente interferência da L2 sobre a L1, quando, na verdade, o que houve foi uma interferência da língua materna no processo de compreensão do texto na língua estrangeira (CINTRÃO, 2006a).

A estudiosa ainda afirma que tanto a similitude lexical quanto a similitude estrutural fazem com que os aprendizes entendam os vocábulos e as construções da língua estrangeira com menor esforço, mesmo quando o sentido de algumas palavras não lhes seja conhecido. Mas essa facilitação tem uma outra face: uma proximidade apenas aparente, – que vai além da semelhança gráfica, atingindo as relações entre léxico e sintaxe –, pode conduzir a um maior número de interferência no processo de compreensão e conseqüentes erros materializados no texto meta, exatamente porque as semelhanças apenas superficiais aumentam o grau da proximidade percebida, aumentando a confiança do sujeito em que pode valer-se da língua materna para interpretar o texto na língua estrangeira.

Mas, no caso de bilíngües proficientes, que se supõe disporem de suficiente proficiência na L2 para entender o texto fonte sem precisar recorrer a um ‘empréstimo’ da L1 no processo de compreensão, como se poderia explicar a interferência em tradução? Por um lado, Cintrão se baseia num estudo de Séguinot para propor que, num estado de desatenção ou sobrecarga da memória de trabalho, mesmo um bilíngüe altamente proficiente pode processar um segmento da língua estrangeira como se fosse um segmento da língua materna, especialmente no caso de línguas relativamente próximas, deixando-se levar por similitudes meramente superficiais. Por outro lado, baseando-se num estudo de Presas sobre diferentes tipos de bilingüismo, Cintrão aponta que certos bilíngües tendem a proceder em tradução estabelecendo relações mais diretas entre as formas da língua fonte e as da língua meta, sem passar por um processo intermediário de abstração dos conteúdos (desverbalização) para um processamento do

sentido na memória de longo prazo, e que isso pode ter a ver, por um lado, com pouca formação e experiência em tradução, e, por outro, com concepções inadequadas sobre tradução.

Tudo o que foi arrolado até o momento, assim, leva-nos a concordar com Cintrão (2006a, p. 97) quando afirma que:

Especialmente naqueles lugares onde palavras e estruturas entre um par lingüístico podem guardar uma semelhança que é puramente superficial (forma e ordem das letras na palavra ou ordem das palavras na oração), o automatismo da fase inicial do processamento lingüístico no módulo decodificador (em conjunto com limitações de capacidade da memória de trabalho) pode induzir uma relação tradutória L2-LM [língua estrangeira - língua materna] estabelecida puramente no nível das formas lingüísticas superficialmente assemelhadas.

O caráter mais abstrato dos elementos sintático-estruturais das línguas também contribui para que as falsas semelhanças nesse nível não sejam identificadas quando há um considerável grau de proximidade de bases lexicais entre os pares lingüísticos. A partir daí, Cintrão formula a hipótese de que os decalques sintáticos seriam mais freqüentes do que os lexicais, na tradução para a língua materna, especialmente nas traduções de sujeitos proficientes na língua estrangeira.

Se pensarmos nos procedimentos utilizados neste estudo, conseguiremos observar que as modificações realizadas no método de Aubert (1998), como no caso das divisões entre decalque léxico e sintático, permitem testar essa hipótese. A divisão da modalidade literal entre distante e próxima, por outro lado, permitirá ter uma medida mais ajustada das distâncias/proximidades entre esse par lingüístico, posto que introduzirão no método um dispositivo que contempla também uma medida de distância que se refere às semelhanças gráficas no nível lexical.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

Em sua parte empírica, este trabalho se propõe como um estudo piloto que testará a aplicabilidade do método das modalidades de Aubert (1998, 2006) a um *corpus* de traduções feitas por aprendizes, coletado para estudos sobre o **desenvolvimento da competência tradutória**. Entenderemos o conceito de competência tradutória (CT) de acordo com Hurtado (2001), como aquela competência que distingue o indivíduo tradutor do indivíduo não tradutor (p. 375), e que se definiria como “o sistema subjacente de conhecimentos e habilidades, destrezas e atitudes necessários para traduzir” (p. 385). O desenvolvimento da competência tradutória, por sua vez, será entendido como o processo pelo qual aprendizes de tradução ou sujeitos bilíngües se aproximam gradativamente do desempenho de sujeitos tradutores. Para nosso estudo, observaremos variações no uso das modalidades de tradução literal e decalque na tradução de diferentes grupos de sujeitos e para os mesmos sujeitos ao longo do tempo, num *corpus* de traduções formado por três subcorpora e coletado por Cintrão entre 2004 e 2005, durante seu doutoramento. Ao observar tais variações no uso das modalidades, procuraremos responder principalmente às seguintes perguntas: (1) As modalidades de tradução literal e decalque variam de forma regular em conformidade com o nível de proficiência bilíngüe dos sujeitos dos diferentes grupos?; (2) O fato de haverem passado por um curso de tradução determina algum padrão específico de variação no uso das modalidades no grupo principal de estudantes?

Passamos a seguir a descrever o *corpus* utilizado¹. O subcorpus principal, doravante EP (estudantes principal), foi composto por oito estudantes de Letras

¹ Descrição feita a partir de Cintrão, 2007.

Português-Espanhol, todos brasileiros, que então já haviam cumprido metade do curso de Língua Espanhola 2, cuja carga horária total corresponde a 60 horas/aula². Eles participaram de uma disciplina piloto de Introdução aos Estudos de Tradução, com carga total de 28 horas³. A coleta do *corpus* deu-se de forma longitudinal, isto é, os aprendizes fizeram uma tradução do conto “*Historia de una princesa, su papá, una mariposa y el príncipe Kinoto Fukasuka*” de Walsh (2000 [1966]), antes do princípio da disciplina piloto (quando já tinham cerca de 90 horas/aula de língua espanhola), e retornaram a fazê-la aproximadamente depois de quatro meses, após o seu término. Ao concluir a coleta, os estudantes haviam concluído também o curso de Língua Espanhola 2 e, portanto, acumulavam 120 horas/aula de espanhol como língua estrangeira.

Para controle dos dados, outros dois grupos foram constituídos: o primeiro, denominado EC (estudantes controle), foi formado por sete estudantes que não passaram pelo curso piloto, mas que compartilhavam do mesmo perfil do grupo anterior, e que igualmente realizaram as duas traduções do conto, nos mesmos períodos que o EP. O segundo grupo de controle, P (profissionais de Letras), compunha-se de seis profissionais de Letras, bacharéis em Português-Espanhol, em sua maioria mestres nas áreas de Língua ou Literatura Espanhola, todos com experiência no ensino de espanhol como língua estrangeira. Vale ressaltar, contudo, que nenhum dos indivíduos deste grupo possuía os anos de experiência e a frequência de trabalhos em tradução que, em estudos empíricos mais recentes, têm sido tidos como necessários para considerar tradutores como profissionais.

² Para cursarem Língua Espanhola 2, os estudantes já haviam passado pela disciplina de Língua Espanhola 1, também com carga horária de 60 horas/aula. As 60 horas/aula totais de cada nível correspondem a aproximadamente 45 horas de relógio, com alguma variação entre cursos do matutino e do noturno.

³ Para uma descrição detalhada do curso, ver Cintrão 2006b.

A inclusão deste último grupo era fundamental, já que através dele poderíamos observar as diferenças nas traduções de sujeitos altamente proficientes em espanhol, em comparação com os dois grupos de estudantes de espanhol como língua estrangeira. O grupo de profissionais realizou somente uma tradução do conto. No quadro abaixo é possível verificar, de maneira simplificada, a divisão do *corpus*.

Distribuição do <i>corpus</i> de tradução do conto “Historia de una princesa” (WALSH, 2000 [1966])				
Subcorpus		Nº de indivíduos	Perfil	Nº de traduções
EP	Estudantes principal	8	Graduandos em Letras-Espanhol Finalizando o curso de Língua 2 de ELE (acumulavam, então, 90 h/a) Cursaram a disciplina piloto	Duas traduções do conto com intervalo de 4 meses de uma para outra
EC	Estudantes controle	7	Graduandos em Letras-Espanhol Finalizando o curso de Língua 2 de ELE (acumulavam, então, 90 h/a) Não cursaram a disciplina piloto	Duas traduções do conto com intervalo de 4 meses de uma para outra
P	Profissionais de Letras	6	Bacharéis em Letras Português - Espanhol Alta competência bilíngüe no referido par lingüístico	Uma tradução do conto

Quadro 2: Perfil dos grupos

3.2 A ADEQUAÇÃO DA METODOLOGIA À TABULAÇÃO DOS DADOS

De acordo com a proposta de Aubert (1998, 2006) a cada unidade de tradução, pré-definida em seu método como sendo a palavra, deveria ser atribuída uma modalidade específica, que poderia combinar-se a outras. Todavia, uma modalidade seria sempre caracterizada como a “principal” ou “predominante”, e a escolha dar-se-ia pelo critério de distância em relação ao grau zero da tradução, considerando-se sempre

como predominante a mais distante do grau zero. Isso importa na medida em que os dados conseguidos ao final da análise podem demonstrar objetivamente, entre outras coisas, quantos por cento da tradução é literal e, portanto, mais próximo do texto fonte, do que se poderia inferir que o grau de interferência visível do tradutor foi menor; ou, de outra feita, se um texto passa por adaptações, caracterizaria certo distanciamento do texto fonte e maior intervenção ostensiva de quem o traduziu.

Tendo em vista as diretrizes acima expostas, numa primeira fase, usamos uma planilha em Excel, elaborada inicialmente por Cintrão, para tabular as modalidades em uma tradução “modelo” (M1) do conto “*Historia de una princesa*”. A confecção desta planilha justificava-se pela necessidade de tabularmos um *corpus* com 30 traduções do mesmo conto realizadas por 18 indivíduos dos três grupos. Nesta planilha, a organização dos dados foi feita do seguinte modo:

- i) Cada uma das palavras do texto original foi digitada numa linha da coluna B, o que representa 873 linhas, correspondentes ao total de palavras do conto.
- ii) Cada modalidade recebeu um número, em uma escala crescente, de acordo com o critério de proximidade/distância do chamado grau zero, segundo a proposta de Aubert de 1998. Assim, à modalidade de **omissão** atribui-se o número 1 e a **erro**, o número 13.
- iii) Para além da análise das modalidades, incluímos duas outras colunas (V14 e W15), que não existem como modalidades propostas por Aubert, e que teriam como objetivo calcular o aumento e a diminuição do número de palavras em relação ao texto traduzido, em estudos posteriores desse mesmo *corpus*.
- iv) Algumas modalidades foram desdobradas e cada uma delas (decalque, literal, transposição, modulação e adaptação) recebeu um mesmo número. A diferenciação ocorria pelo uso das letras A e B, deste modo, para decalque

lexical tínhamos 4A e para decalque sintático, 4B. As modalidades de tradução literal e de adaptação foram subdividas para os fins deste trabalho, não apareciam desdobradas em nenhuma das propostas anteriormente citadas.

- v) Os referidos códigos numéricos encabeçaram as colunas. Para cada um deles e para sua respectiva coluna foi atribuída uma cor diferente, visando a uma facilitação na identificação visual das modalidades marcadas, em conformidade com o seguinte quadro:

Código	Coluna	MODALIDADES
1	C	Omissão
2	D	Transcrição
3	E	Empréstimo
4A	F	Decalque lexical
4B	G	Decalque sintático
5A	H	Literal próxima
5B	I	Literal distante
6A	J	Transposição obrigatória
6B	K	Transposição facultativa
7	L	Implicitação
8	M	Explicitação
9A	N	Modulação obrigatória
9B	O	Modulação facultativa
10A	P	Adaptação estilística
10B	Q	Adaptação cultural
11	R	Correção
12	S	Acréscimo
13	T	Erro

Marcações separadas das modalidades

14	V	Aumento de número de palavras
15	W	Diminuição de número de palavras

Quadro 3: códigos e cores das modalidades

- vi) Cada palavra do texto original foi marcada com o número 1 na célula que corresponde ao cruzamento entre a modalidade em que foi traduzida e a palavra. Isso nos permitiu utilizar o programa para obter um cálculo automático, através de fórmulas nele inseridas, do total de palavras traduzidas em cada modalidade, bem como o cálculo de sua porcentagem, de modo que não foi preciso fazer esse cálculo manualmente. Acreditamos que esse método de aplicação, além de facilitar o trabalho automatizando os cálculos finais, contribuiu também para reduzir a margem de erro na quantificação dos dados.
- vii) Como não poderíamos marcar com o número 1 mais de uma modalidade por palavra, resolvemos fazer uma marcação com o número zero (0) naquelas modalidades que se combinavam com outra, predominante no caso específico. Esse registro nos pareceu importante especialmente no caso de algumas modalidades que costumam co-ocorrer com outras, como é o caso do decalque em relação com o erro. A marcação 0 permitirá, em estudos posteriores, refinar a observação dos dados, considerando também aqueles casos em que o uso de determinada modalidade não entrou nos cálculos finais, por motivo de co-ocorrência com outra, considerada predominante, em geral devido a seu maior distanciamento do grau zero. Graças à marcação com zero, será possível voltar a todas as regiões de ocorrência real de uma determinada modalidade, em futuros estudos qualitativos que dêem seqüência a este estudo piloto quantitativo.
- viii) Além disso, notamos que era preciso criar uma coluna que fizesse a soma de

cada uma das linhas, primeiro para que nenhuma palavra fosse marcada com o número 1 mais de uma vez; segundo para que nenhuma palavra deixasse de ser marcada. Isso se demonstrou necessário porque muitas vezes tínhamos, ao final da tabulação, um total de 873 palavras, mas durante a revisão do trabalho verificávamos que algumas palavras não apresentavam nenhuma marcação enquanto outras estavam assinaladas com o número 1 mais de uma vez.

A figura é uma amostra da planilha que acabamos de descrever.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z	AA
3			1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTALS	14	15				
4	1	historia						1													1						
5	1	de						1													1						
6	1	una						1													1						
7	1	princesa						1													1						
8	1	su						1													1						
9	1	papá							1					0							1						
10	1	una						1													1						
11	1	mariposa				0															1	1					
12	1	y						1													1						
13	1	el					0														1	1					
14	1	príncipe						1													1						
15	1	kinoto			1																1						
16	1	fukasuka			1																1						
17	1	sukimuki			1																1						
18	1	era						1													1						
19	1	una						1													1						
20	1	princesa						1													1						
21	1	japonesa						1													1						
22	1	vivia						1													1						
23	1	en								1											1						
24	20		0	3	0	0	0	13	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	20	0	1			
25							0		14		1					0											
26			0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	1,5	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	2,29	0,0	0,1				
27							0,0		1,6		0,1				0,0	0,0											

Figura 1: amostra da planilha das tabulações

A tabulação inicial da tradução modelo 1, realizada em equipe pela orientadora e por três orientandas de TGI que trabalharam com o mesmo *corpus*, permitiu que as discussões e problematizações surgidas ao longo dessa tarefa⁴ contribuíssem com a definição de critérios que garantissem uma maior uniformidade nas decisões de como se tabulariam os casos mais freqüentes. Nosso objetivo era evitar ao máximo variações na tabulação de trechos traduzidos identicamente ou de modo comparável pelos indivíduos. Algumas dessas decisões foram as seguintes:

- a) Uma vez que há muitos casos em que a escolha entre as modalidades de transposição e de modulação é difícil, pareceu-nos melhor, quando houvesse dúvida, que os casos considerados mais “gramaticais” e sem mudança de ponto de vista fossem classificados como transposição, ao passo que os relacionados à semântica fossem tabulados como modulação.
- b) Em algumas situações, por exemplo, quando havia uma categoria vazia na tradução (*le preguntó* > \emptyset perguntou), optamos por marcar um zero em implicação pois, ainda que pela descrição do autor isso não seja uma informação propriamente, tornava-se especialmente interessante marcar a ausência do elemento coesivo explícito no TM, o que constitui um aspecto contrastivo importante entre o espanhol e o português a ser considerado em futuros estudos.
- c) Decidimos tabular as mudanças de gênero como transposição (*el balcón* > a sacada), porque, embora trate-se de sinônimos interlingüísticos, interessam para o contraste entre as duas línguas, uma vez que marcam distância lingüística e são um fenômeno recorrente na tradução entre o português e o castelhano.

⁴ As reuniões para tabulação e discussão realizavam-se uma vez por semana, durante aproximadamente três horas.

d) Casos considerados por Barbosa (1990) como implicitação, como em “*no ver a su hija*” > “não ver sua filha”, em que a preposição de complemento de pessoa não pode ser retomada no TM, foram classificados como transposição obrigatória.

Todos esses esclarecimentos são relevantes porque, conquanto idealmente as tabulações dos demais textos devessem ser feitas também em conjunto, isso se tornava impossível devido às restrições de tempo dos TGIs. Desta forma, realizamos a distribuição dos textos de maneira equitativa (vide *quadro 4* a seguir), de modo que cada pessoa envolvida no projeto pudesse tabular pelo menos um texto de cada grupo⁵.

Grupos	Traduções (T1 – 1ª e T4 – 2ª)	Número de traduções por indivíduo			
		B	E	J	H ⁶
EP	T1	2	2	1	1
	T4	2	2	1	1
EC	T1	1	1	2	2
	T4	1	1	2	2
P	T1	2	2	2	M2

Quadro 4: Divisão das traduções por sujeitos envolvidos no projeto

Além de M1, utilizamos a tabulação de outra tradução modelo, mais literal, porém considerada aceitável (M2). Ambas nos serviram como parâmetro na análise dos dados, permitindo, em linhas bastante gerais, indicar se determinado indivíduo e

⁵ Como o número de 30 traduções não correspondia a uma divisão exata pela quantidade de pessoas da equipe, optamos por deixar uma delas, no caso a orientadora deste estudo, com menos tabulações. Cintrão não tabulou textos do grupo de profissionais, entretanto, como já havia utilizado esse *corpus* em seu doutoramento, conhecia-o bem e nos auxiliou nesta tarefa.

⁶ Cada letra representa a inicial das pessoas que realizaram as tabulações, ver-se-á que estas iniciais estão presentes também ao final do nome de cada arquivo tabulado (anexo B).

determinada tradução se mantêm dentro de faixas relativamente previsíveis do uso das modalidades para esse texto, ou se fogem dos padrões previstos a partir das tabulações de M1 e M2.

Como destacamos anteriormente (item 1.5.2, p. 32-37), algumas modificações foram necessárias no método das modalidades (AUBERT 1998, 2006) para que ele se adequasse às características específicas deste estudo exploratório. Pretendíamos com isso, por um lado, observar como se realizavam as distribuições das modalidades entre os estudantes, em relação com o grupo de profissionais, estes lingüisticamente mais competentes que aqueles; por outro, verificar se o método conseguiria mostrar-nos se e de que modo a intervenção pedagógica pela qual passaram os sujeitos do grupo EP provocou mudanças observáveis no uso das modalidades na segunda tradução, efetuada após quatro meses do início da disciplina.

Nesse sentido, cabe-nos examinar no estudo que apresentaremos no próximo capítulo como se comportam as modalidades de tradução literal próxima e distante e as modalidades de decalque lexical e sintático, nesses subcorpora. Para tanto, algumas questões nortearão nosso trabalho:

1) Há um padrão no uso destas modalidades no grupo de profissionais que difere do grupo de estudantes?

2) Há mudanças perceptíveis no uso das referidas modalidades entre a tradução inicial (T1) e a tradução final (T4), isto é, há variação ao longo do tempo, observando-se especialmente o grupo que passou pelo curso piloto?

Neste estudo, daremos uma resposta a elas baseada em uma análise puramente quantitativa, entretanto, seria bastante interessante empreender ademais um estudo subsequente em termos qualitativos, o que não poderemos fazer dados os limites de tempo desta pesquisa. Uma das implicações desse recorte é que as modalidades

marcadas com zero, ou seja, aquelas que contêm traços de mais de uma modalidade, mas que, dadas as características do método, não puderam ser registradas nos cálculos finais, não poderão ser discutidas detalhadamente neste trabalho.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Com o intuito de facilitar o desenvolvimento de nosso estudo das modalidades de decalque e tradução literal discutidas nos capítulos anteriores, algumas tabelas e gráficos foram elaborados. Na seqüência, apresentamos as médias gerais por grupo e os resultados individuais de cada um dos sujeitos que compuseram nosso *corpus* base e alguns comentários a respeito do que pôde ser notado para tais modalidades a partir de observações quantitativas iniciais.

MÉDIA POR GRUPO																
<i>Literal próxima</i>				P	T1		EP	T1		T4		EC	T1		T4	
		%	Nº		%	Nº		%	Nº	%	Nº		%	Nº	%	Nº
P	T1	53,59	467,8	P01	50,29	439	EP01	55,21	482	53,15	464	EC03	53,61	468	54,18	473
	T4			P02	55,78	487	EP04	52,92	462	54,18	473	EC05	54,41	475	51,09	446
EP	T1	55,44	484,0	P03	53,61	468	EP07	50,06	437	53,04	463	EC10	56,70	495	59,56	520
	T4	55,52	484,7	P04	51,66	451	EP08	55,90	488	58,76	513	EC14	55,67	486	56,93	497
EC	T1	55,69	486,2	P05	56,93	497	EP11	59,11	516	54,75	478	EC15	58,53	511	60,82	531
	T4	56,32	491,7	P06	53,26	465	EP13	59,45	519	59,22	517	EC16	55,21	482	55,33	483
					53,59	467,8		55,44	484,0	55,52	484,7		55,69	486,2	56,32	491,7
<i>Literal distante</i>				P	T1		EP	T1		T4		EC	T1		T4	
		%	Nº		%	Nº		%	Nº	%	Nº		%	Nº	%	Nº
P	T1	15,86	138,5	P01	15,01	131	EP01	16,49	144	15,58	136	EC03	12,49	109	15,92	139
	T4			P02	16,27	142	EP04	13,29	116	12,83	112	EC05	16,61	145	16,84	147
EP	T1	14,93	130,3	P03	18,67	163	EP07	13,40	117	15,58	136	EC10	15,92	139	16,49	144
	T4	15,54	135,7	P04	15,69	137	EP08	14,66	128	15,35	134	EC14	15,69	137	16,72	146
EC	T1	15,03	131,2	P05	15,81	138	EP11	14,78	129	17,07	149	EC15	15,01	131	12,60	110
	T4	15,44	134,8	P06	13,75	120	EP13	16,95	148	16,84	147	EC16	14,43	126	14,09	123
					15,86	138,5		14,93	130,3	15,54	135,7		15,03	131,2	15,44	134,83

<i>Decalque lexical</i>				P	T1		EP	T1		T4		EC	T1		T4	
		%	Nº		%	Nº		%	Nº	%	Nº		%	Nº	%	Nº
P	T1	0,36	3,2	P01	0,23	2	EP01	1,03	9	0,80	7	EC03	2,06	18	1,15	10
	T4			P02	0,69	6	EP04	0,92	8	1,37	12	EC05	0,69	6	0,46	4
EP	T1	1,11	9,7	P03	0,00	0	EP07	1,60	14	1,03	9	EC10	0,57	5	1,03	9
	T4			P04	0,23	2	EP08	1,37	12	1,83	16	EC14	1,49	13	1,60	14
EC	T1	1,16	10,2	P05	0,57	5	EP11	1,03	9	0,80	7	EC15	0,80	7	0,69	6
	T4			P06	0,46	4	EP13	0,69	6	0,69	6	EC16	1,37	12	1,26	11
					0,36	3,2		1,11	9,7	1,09	9,5		1,16	10,2	1,03	9,0

<i>Decalque sintático</i>				P	T1		EP	T1		T4		EC	T1		T4	
		%	Nº		%	Nº		%	Nº	%	Nº		%	Nº	%	Nº
P	T1	1,18	10,3	P01	0,57	5	EP01	2,41	21	1,60	14	EC03	1,37	12	1,95	17
	T4			P02	1,49	13	EP04	2,41	21	2,86	25	EC05	1,49	13	0,69	6
EP	T1	2,41	21,0	P03	0,69	6	EP07	2,29	20	3,44	30	EC10	2,98	26	2,63	23
	T4			P04	0,69	6	EP08	1,60	14	2,63	23	EC14	1,60	14	2,98	26
EC	T1	2,02	17,7	P05	1,60	14	EP11	2,98	26	2,06	18	EC15	2,06	18	2,98	17
	T4			P06	2,06	18	EP13	2,75	24	2,18	19	EC16	2,63	23	2,63	23
					1,18	10,3		2,41	21,0	2,46	21,5		2,02	17,7	2,31	18,7

Tabela 1: Média por grupo – modalidades de decalque e tradução literal

4.1 TRADUÇÃO LITERAL

4.1.1 Literal próxima

A *tabela 1* mostra que o número de traduções literais próximas é menor entre os sujeitos do grupo de profissionais (P) em comparação com os dois grupos de estudantes (EP e EC) e que nestes houve aumento dessa modalidade de T1 para T4. Entretanto, o aumento constatado em EP é menor que o verificado em EC, como mostra o *gráfico 1*:

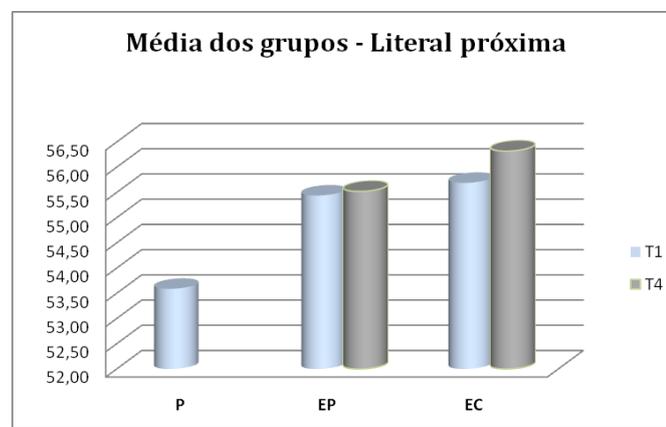


Gráfico 1: Média dos grupos – Literal próxima

Com base na tabela anterior e na comparação com o grupo de profissionais, excetuando-se duas retraduições (EP08 e EP13), todas as demais nesse grupo aproximam-se da média de P. No grupo EC apenas um indivíduo mostra diminuição na utilização de literais próximas, todos os outros sujeitos apresentam distanciamento da média de P na T4. Essas informações notam-se também nos seguintes gráficos em que se confrontam os sujeitos de cada um dos grupos nos dois momentos (T1 e T4).

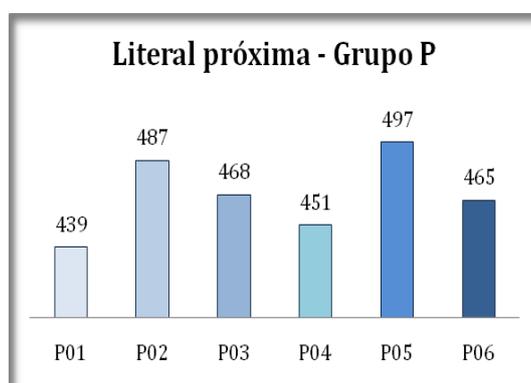


Gráfico 2: Média dos sujeitos de P (nº absolutos)

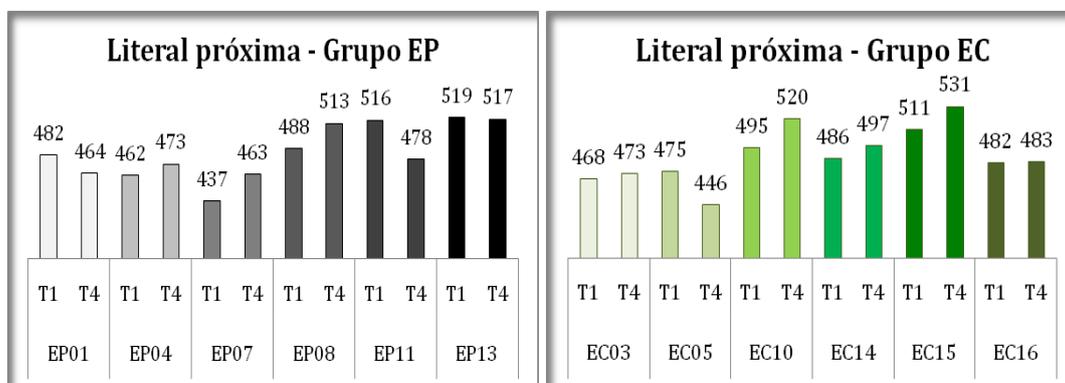


Gráfico 3: Média dos sujeitos de EP (nº absolutos)

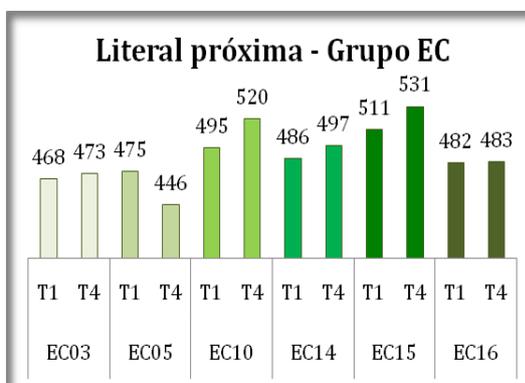


Gráfico 4: Média dos sujeitos de EC (nº absolutos)

Entre os dois grupos de estudantes, vemos que EP01, EP11 e EP13 diminuem o número dessa modalidade – em EP11 a queda é bastante expressiva, diminuição de 38 palavras –, enquanto que EP04, EP07 e EP08 mostram aumento. No grupo de controle, apenas em EC05 há diminuição de literal próxima, é o que indica a seguinte tabela:

Grupo EP												
	EP01		EP04		EP07		EP08		EP11		EP13	
	T1	T4										
Nº	482	464	462	473	437	463	488	513	516	478	519	517
%	55,21	53,15	52,92	54,18	50,06	53,04	55,90	58,76	59,11	54,75	59,45	59,22

Grupo EC												
	EC03		EC05		EC10		EC14		EC15		EC16	
	T1	T4										
Nº	468	473	475	446	495	520	486	497	511	531	482	483
%	53,61	54,18	54,41	51,09	56,70	59,56	55,67	56,93	58,53	60,82	55,21	55,33

Tabela 2: comparação entre os grupos EP e EC - tradução literal próxima

Apesar de EP ter na primeira tradução um índice menor que o apresentado em EC, o grupo principal manteve, ao longo do tempo, uma variação mínima, como se visualiza no gráfico abaixo, no qual também se constata a menor distância em relação ao grupo de profissionais, na retradução:

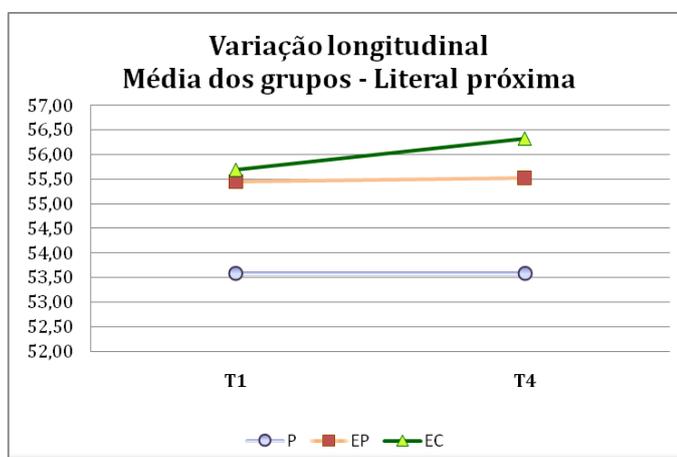


Gráfico 5: Variação longitudinal – tradução literal próxima

4.1.2 Literal distante

Na modalidade de tradução literal distante ocorre um fenômeno inverso ao discutido na modalidade anterior: sua maior ocorrência se dá no grupo de profissionais.

Tanto EP quanto EC ficam mais próximos do valor de P na T4, no entanto, EP indica maior aproximação ao grupo de profissionais de Letras, visto que na primeira tradução do conto o distanciamento era maior se comparado a EC e na segunda sua progressão é mais acentuada, como se ilustra no *gráfico 6*:

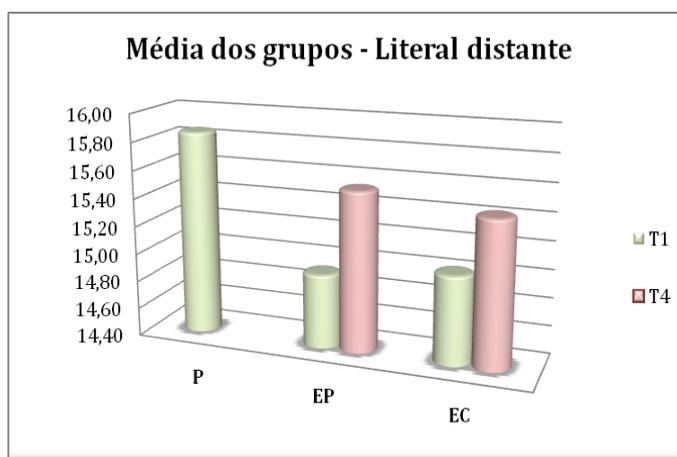


Gráfico 6: Média dos grupos – tradução literal distante

A tabela abaixo mostra a comparação entre os dois grupos:

Grupo EP												
	EP01		EP04		EP07		EP08		EP11		EP13	
	T1	T4										
Nº	144	136	116	112	117	136	128	134	129	149	148	147
%	16,49	15,58	13,29	12,83	13,40	15,58	14,66	15,35	14,78	17,07	16,95	16,84
Grupo EC												
	EC03		EC05		EC10		EC14		EC15		EC16	
	T1	T4										
Nº	109	139	145	147	139	144	137	146	131	110	126	123
%	12,49	15,92	16,61	16,84	15,92	16,49	15,69	16,72	15,01	12,60	14,43	14,09

Tabela 3: comparação entre os grupos EP e EC - tradução literal distante

EP01, EP04 e EP13 têm diminuição do número de ocorrências dessa modalidade na T4. EP07, EP08 e EP11, pelo contrário, aumentam o uso de traduções literais desse tipo. EC15 e EC16 apresentam queda no número de traduções literais distantes, enquanto que nos demais indivíduos de EC há aumento.

Os gráficos 7, 8 e 9, a seguir, contribuem para a comparação do uso dessa modalidade entre os sujeitos dos três grupos:

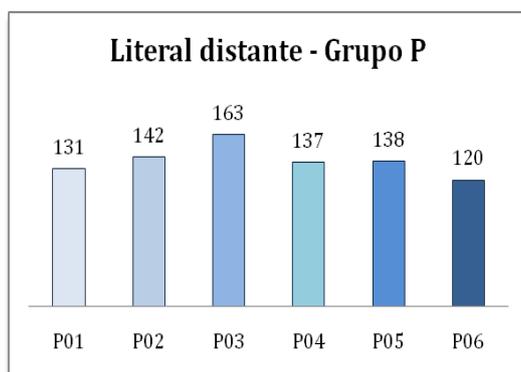


Gráfico 7: Média dos sujeitos de P (nº absolutos)

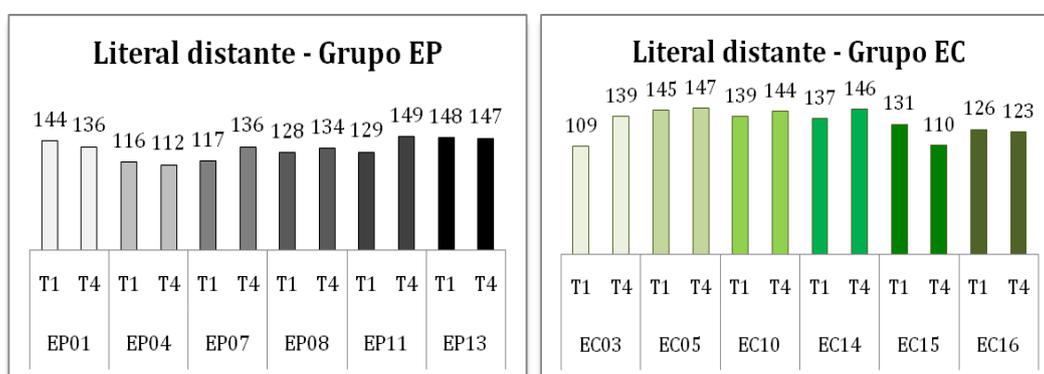


Gráfico 8: Média dos sujeitos de EP (nº absolutos)

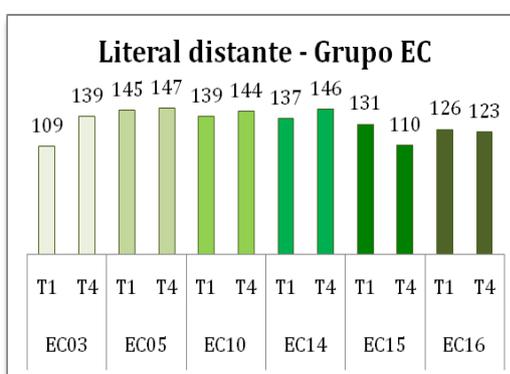


Gráfico 9: Média dos sujeitos de EC (nº absolutos)

Excetuando-se o caso de EP04 no qual se constata grande afastamento da média do grupo P (138,5), em todos os outros ocorre aproximação dos índices obtidos por esse grupo, mesmo naqueles em que houve queda no número de ocorrências dessa modalidade na T4, já que os valores, ainda assim, continuam mais próximos dos obtidos por P.

No grupo EC, observa-se que EC03 apresenta aproximação da média do grupo P, frente aos demais em que há distanciamento. Na T1, EC14 e EC15 tinham valores iguais aos de P4 e P1, respectivamente, e na retradução do conto indicaram afastamento do grupo principal, mais acentuado no sujeito EC15.

Independentemente de tais variações, pode-se afirmar que há uma tendência do

grupo de estudantes principal a aproximar-se ao grupo de profissionais de Letras, mais do que no grupo de estudantes controle, como aponta o *gráfico 10*:

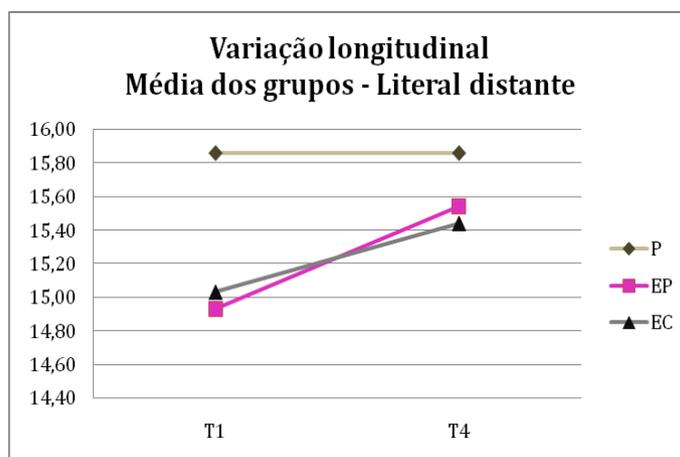


Gráfico 10: Variação longitudinal – tradução literal distante

4.2 DECALQUE

4.2.1 Decalque lexical

A *tabela 1* mostra como no caso do **decalque lexical** o número de ocorrências é muito superior nos grupos de estudantes se comparados ao de profissionais.

Na retradução constata-se diminuição no número de decalque desse tipo, tanto no grupo de EP (1,09% do total de palavras do texto) quanto no grupo de EC (1,03%). Embora dois indivíduos do grupo principal (EP04, EP08) e dois do grupo de controle (EC10, EC14) apresentem aumento no uso dessa modalidade, de maneira geral o que ocorre predominantemente em T4 é a diminuição de decalques desse tipo. Esse declínio, todavia, não se dá de maneira suficientemente eficaz para que os grupos de estudantes se aproximem da média apresentada pelo grupo P (0,36%). O gráfico a seguir mostra por meio de porcentagens como se conduz a evolução dos grupos, considerando-se a primeira e a segunda tradução e o tempo de realização decorrente entre as duas.

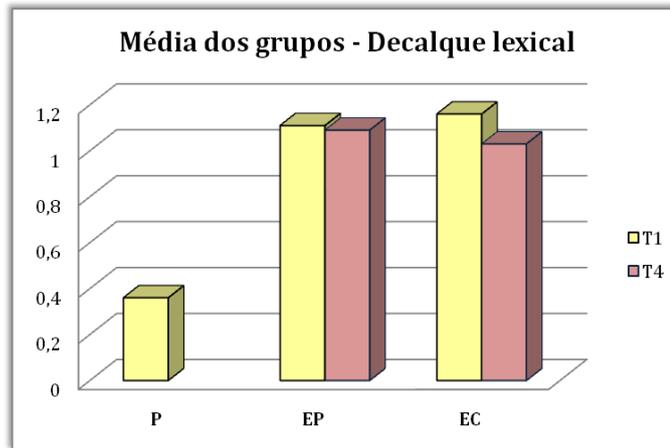


Gráfico 11: Média dos grupos – decalque lexical

Como é possível verificar, o grupo EC mostra uma progressão maior que a observada no grupo EP, uma vez que em T1 havia um número maior de decalques lexicais naquele grupo do que os apresentados por este. Em T4, no entanto, o grupo de estudantes controle evidencia queda na utilização dessa modalidade superior à apresentada pelo grupo de estudantes principal.

Observando-se a *tabela 4* abaixo, pode-se dizer que:

Grupo EP												
	EP01		EP04		EP07		EP08		EP11		EP13	
	T1	T4										
Nº	9	7	8	12	14	9	12	16	9	7	6	6
%	1,03	0,8	0,92	1,37	1,6	1,03	1,37	1,83	1,03	0,8	0,69	0,69
Grupo EC												
	EC03		EC05		EC10		EC14		EC15		EC16	
	T1	T4										
Nº	18	10	6	4	5	9	13	14	7	6	12	11
%	2,06	1,15	0,69	0,46	0,57	1,03	1,49	1,6	0,8	0,69	1,37	1,26

Tabela 4: comparação entre os grupos EP e EC - decalque lexical

Na comparação entre os dois grupos de estudantes, nota-se que EP01, EP07 e EP11 apresentam declínio no uso de decalques lexicais, ao passo que EP04 e EP08 mostram aumento e em EP13 há manutenção do mesmo valor nas duas traduções.

Quanto ao grupo de estudantes controle, em EC03, EC05, EC15 e EC16 constata-se diminuição de decalques desse tipo e em EC10 e EC14, aumento.

Ainda no tocante aos dois grupos de estudantes, os *gráficos 12 e 13* corroboram os resultados no sentido de indicarem como a maior queda no uso de decalque lexical produziu-se entre os sujeitos de EC:

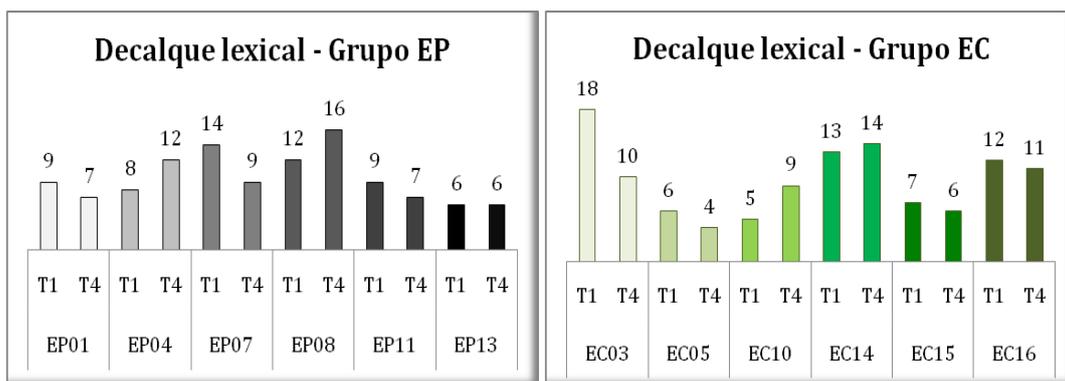


Gráfico 12: Média dos sujeitos de EP (nº absolutos)

Gráfico 13: Média dos sujeitos de EC (nº absolutos)

Embora a distância observada entre os dois grupos seja muito grande, é possível dizer que a diminuição na utilização de decalques no grupo EC parece ir em direção a uma aproximação ao grupo P, como se observa no *gráfico 14*:

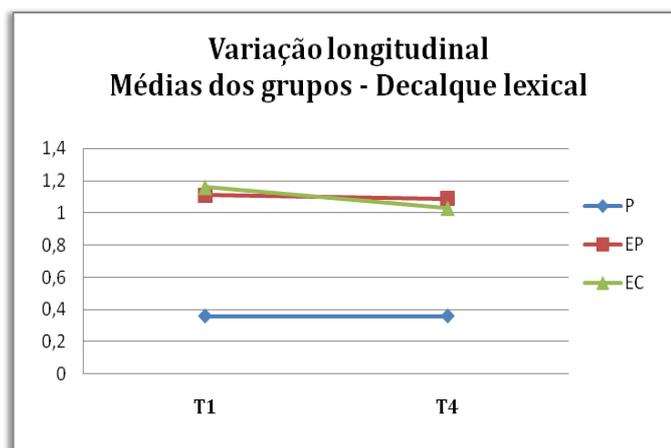


Gráfico 14: Varição longitudinal – decalque lexical

4.2.2 Decalque sintático

Fundamentando-nos em observações feitas a partir da *tabela 1*, verificamos que nesta modalidade também há um número menor de ocorrência de decalques sintáticos por parte do grupo P e que tanto EP quanto EC apresentam aumento desse tipo de decalque na segunda tradução do conto.

Embora EP tenha índices de decalque sintático maiores que EC na retradução (2,46% contra 2,31%), o aumento mostrou-se menor do que aquele constatado nos indivíduos que não passaram pelo curso, como se observa no *gráfico 15*:

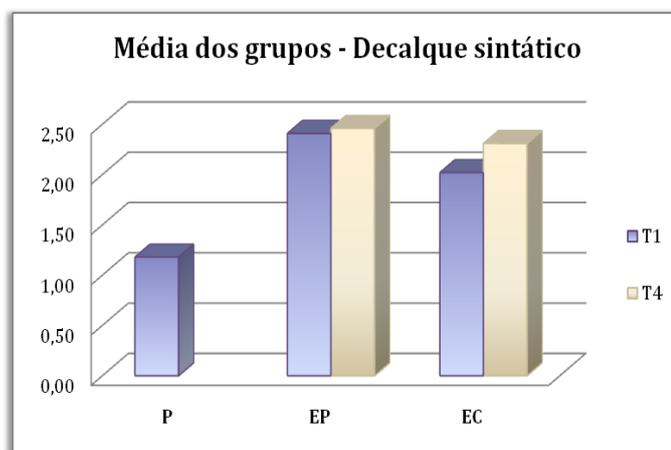


Gráfico 15: Média dos grupos – decalque sintático

Confrontando-se os dois grupos de estudantes, vê-se que metade do grupo de estudantes principal (EP01, EP11 e EP13) apresenta diminuição do número de decalques sintáticos na retradução. Nenhum dos sujeitos pertencentes a esse grupo, contudo, chega a estar dentro da média de P na T4 (10,3 decalques sintáticos), mas alcançam valores iguais aos de alguns indivíduos desse grupo: EP01 apresenta 14 decalques desse tipo na segunda tradução do conto, número igual ao obtido por P05. EP11 tem na segunda tradução 18 decalques sintáticos, o mesmo se nota em P06. Os *gráficos 16 e 17* representam esses índices:

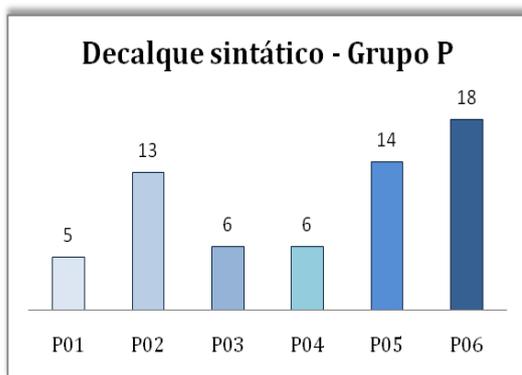


Gráfico 16: Média dos sujeitos de P (nº absolutos)

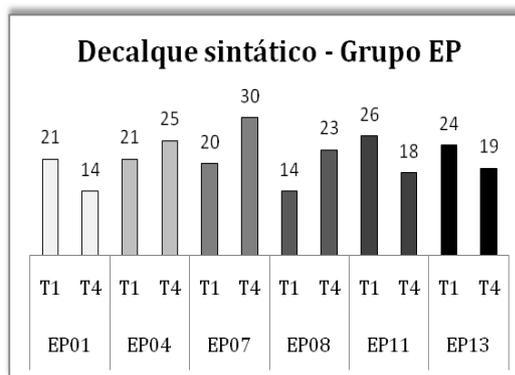


Gráfico 17: Média dos sujeitos de EP (nº absolutos)

No caso dos estudantes controle, também há aumento na média geral do grupo, de 2,02 para 2,31, como aponta a *tabela 1*, porém, dois dos indivíduos desse grupo apresentam diminuição no uso dessa modalidade (EC05 e EC15) e um permanece com a média igual à obtida em T1 (EC16). De acordo com os *gráficos 18 e 19* abaixo, EC05 chega a igualar-se na T4 aos índices de dois sujeitos do grupo principal, P03 e P04 (6 decalques sintáticos). Em EC10, contudo, ainda com a queda no número de decalques desse tipo, os valores permanecem muito acima dos obtidos pelos sujeitos de P.

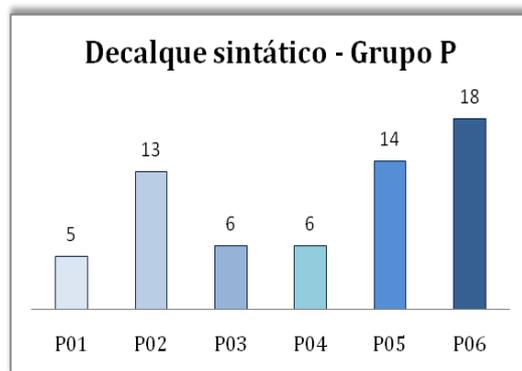


Gráfico 18: Média dos sujeitos de P (nº absolutos)

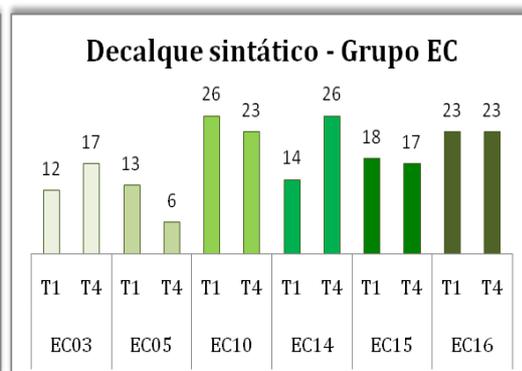


Gráfico 19: Média dos sujeitos de EC (nº absolutos)

O decalque sintático pode ser notado ainda no cotejo entre os dois grupos de estudantes, a partir da seguinte tabela:

Grupo EP												
	EP01		EP04		EP07		EP08		EP11		EP13	
	T1	T4										
Nº	21	14	21	25	20	30	14	23	26	18	24	19
%	2,41	1,60	2,41	2,86	2,29	3,44	1,60	2,63	2,98	2,06	2,75	2,18

Grupo EC												
	EC03		EC05		EC10		EC14		EC15		EC16	
	T1	T4										
Nº	12	17	13	6	26	23	14	26	18	17	23	23
%	1,37	1,95	1,49	0,69	2,98	2,63	1,60	2,98	2,06	1,95	2,63	2,63

Tabela 5: comparação entre os grupos EP e EC - decalque sintático

EP01, EP11 e EP13 diminuem o número de decalques desse tipo, enquanto que EP04, EP07 e EP08 mostram o inverso. Em EC05, EC10 e EC15 há declínio no número de decalques sintáticos; em EC03 e EC14 nota-se aumento e em EC16 manutenção do valor anterior na segunda tradução do conto.

O grupo de controle apresentava desde a primeira tradução números inferiores aos do grupo de estudantes principal. O aumento dos valores em dois indivíduos e a manutenção do alto índice de EC16 contribuem para o resultado verificado no gráfico 20 a seguir. Além disso, embora se constate aumento dessa modalidade, o que mostraria distanciamento dos valores de P na T4, a inclinação observada na curva de EP é inferior à de EC, o que talvez indique uma maior tendência à aproximação do grupo de profissionais:

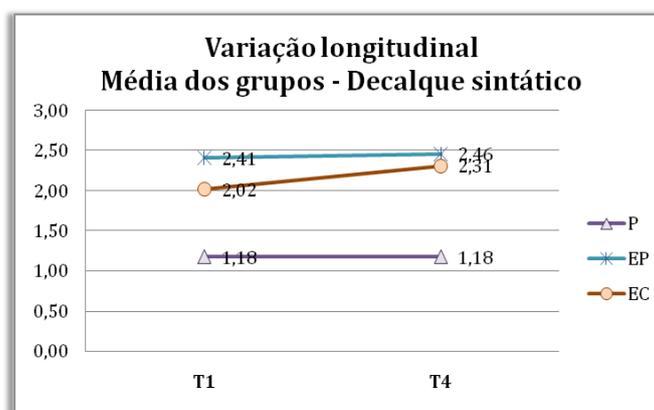


Gráfico 20: Variação longitudinal – decalque sintático

A tabela a seguir procura mostrar a representatividade das modalidades de tradução literal e decalque, considerando-se o total de palavras do conto (873).

Modalidades	MODELOS		PROFISSIONAIS					
	M1	M2	P01	P02	P03	P04	P05	P06
<i>4A. Decalque lexical</i>	0	0	2	6	0	2	5	4
<i>4B. Decalque sintático</i>	4	2	5	13	6	6	14	18
<i>5A. Literal próxima</i>	423	472	439	487	468	451	497	465
<i>5B. Literal distante</i>	137	148	131	142	163	137	138	120
TOTAL n° palavras	564	622	577	648	637	596	654	607
TOTAL %	64,60	71,25	66,09	74,23	72,97	68,27	74,91	69,53

Modalidades	ESTUDANTES PRINCIPAL											
	EP01		EP04		EP07		EP08		EP11		EP13	
	T1	T4	T1	T4	T1	T4	T1	T4	T1	T4	T1	T4
<i>4A. Decalque lexical</i>	9	7	8	12	14	9	12	16	9	7	6	6
<i>4B. Decalque sintático</i>	21	14	21	25	20	30	14	23	26	18	24	19
<i>5A. Literal próxima</i>	482	464	462	473	437	463	488	513	516	478	519	517
<i>5B. Literal distante</i>	144	136	116	112	117	136	128	134	129	149	148	147
TOTAL n° palavras	656	621	607	622	588	638	642	686	680	652	697	689
TOTAL %	75,14	71,13	69,53	71,25	67,35	73,08	73,54	78,58	77,89	74,68	79,84	78,92
Modalidades	ESTUDANTES CONTROLE											
	EC03		EC05		EC10		EC14		EC15		EC16	
	T1	T4	T1	T4	T1	T4	T1	T4	T1	T4	T1	T4
<i>4A. Decalque lexical</i>	18	10	6	4	5	9	13	14	7	6	12	11
<i>4B. Decalque sintático</i>	12	17	13	6	26	23	14	26	18	17	23	23
<i>5A. Literal próxima</i>	468	473	475	446	495	520	486	497	511	531	482	483
<i>5B. Literal distante</i>	109	139	145	147	139	144	137	146	131	110	126	123
TOTAL n° palavras	607	639	639	603	665	696	650	683	667	664	643	640
TOTAL %	69,53	73,20	73,20	69,07	76,17	79,73	74,46	78,24	76,40	76,06	73,65	73,31

Tabela 6: representatividade das modalidades de decalque e tradução literal

Vale ressaltar, entretanto, que tais informações não podem ser consideradas como permanentes, dado que em uma observação preliminar qualitativa da modalidade decalque já foi possível comprovar algumas diferenças na tabulação de trechos iguais, por exemplo, em:

⇒ “*Porque las princesas de Japonpón debemos estar quietitas...*” (esp.) > “Por

que as princesas (...) devemos estar quietinhas...” (port.): nesse caso uma das traduções aceitáveis para a parte assinalada seria “devemos ficar”, houve variação entre as tabulações, em alguns casos as marcações foram feitas em decalque lexical e em outras em decalque sintático, além disso, houve casos em que se considerou todo o bloco como pertencente a um único tipo e em outros, cada uma das palavras como decalques de tipos diferentes;

- ⇒ “*Y oyó una voz que respondía a sus espaldas*” (esp.) > “E ouviu uma voz que respondia a suas costas” (port.): uma tradução não decalcada do trecho sublinhado seria “às suas costas”, também houve oscilação na escolha do tipo de decalque.
- ⇒ “*Murmuró al fin Sukimuki...*” (esp.) > “Murmurou ao fim Sukimuki...” (port.): em que uma possível tradução da parte destacada seria “finalmente”, em algumas tabulações houve diferenças entre tratar todo o bloco como decalque lexical ou apenas o primeiro termo destacado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teste inicial das modalidades de decalque e tradução literal apresentado neste trabalho foi antecedido por uma apresentação das modalidades de tradução, na qual se pretendia situá-las num panorama das muitas abordagens de tradução existentes e, em seguida, em uma perspectiva lingüística, a dos estudos de estilística comparada. Para tanto, embasamo-nos nos trabalhos de Hurtado (2001) e de Fawcett (1998).

A partir disso, apresentamos a proposta dos procedimentos de tradução de Vinay e Darbelnet (1958), com a qual pretendiam criar uma classificação de categorias operacionais utilizadas pelos tradutores na busca de solução de problemas. Deste modelo pioneiro partiram importantes estudos, como a recategorização dos procedimentos de Barbosa (1990), que apareceu como alternativa a uma proposta que, segundo a autora, parecia incompleta e insuficiente diante dos problemas freqüentemente enfrentados pelos tradutores; e as modalidades de tradução de Aubert

(1998), surgidas como uma reformulação dos procedimentos dos autores canadenses, com o objetivo de realizar uma descrição, medição e quantificação do grau de diferenciação lingüística e sua revisão posterior, voltada para o estudo de características próprias da tradução em textos literários, mais especificamente da literatura brasileira traduzida (2006). Em seguida, explicitamos quais modificações foram realizadas no modelo de Aubert para que atendessem a delimitados propósitos em nossa pesquisa.

No segundo capítulo, discutimos mais detalhadamente os aspectos relativos às modalidades específicas de tradução literal e decalque, a partir dos estudos de Robinson (1998) e de Cintrão (2006a). No capítulo terceiro, realizamos a descrição do *corpus* com o qual trabalhamos durante este estudo exploratório e quais as adequações feitas na metodologia aplicada à tabulação de nossos dados, além disso, formularam-se duas questões: na primeira queríamos saber se havia um padrão no uso das duas modalidades específicas que diferenciava o grupo de profissionais em comparação com os grupos de estudantes e, na segunda, se eram constatáveis mudanças no uso dessas modalidades entre a primeira e a segunda tradução, principalmente no que tange ao grupo que cursou a disciplina piloto.

O capítulo quatro, portanto, tinha como proposta apresentar a análise da aplicação inicial do método das modalidades e, por meio de seus resultados, formular respostas para as perguntas anteriores. O teste com as modalidades permitiu constatar que a regularidade nas tabulações dos mesmos sujeitos parece ser mais confiável, de modo que as mudanças nas porcentagens entre a primeira e a segunda traduções é mais correta do que a diferença absoluta entre os indivíduos de cada grupo. Nesse sentido, destacam-se os sujeitos EP11 e EC05, nos quais se verificou da T1 para a T4 alguma regularidade na diminuição de decalques, tanto lexicais ($9 < 7$, para o primeiro, e $6 < 4$, para o segundo sujeito) quanto sintáticos ($26 < 18$ e $13 < 6$). No caso das traduções

literais também se sobressaíram estes dois indivíduos, uma vez que houve diminuição no número de literais próximas ($516 < 478$, para o primeiro, $475 < 446$, para o segundo) e aumento nas literais distantes ($129 > 149$, e $145 > 147$)

No caso da modalidade de **tradução literal próxima**, o aumento foi observado em ambos os grupos de estudantes, todavia EP mostrou maior proximidade a P do que EC, ainda que a literalidade tenha aumentado quando o esperado depois do curso seria sua diminuição, dado que representaria uma aproximação ao desempenho do grupo de bilíngües proficientes. Isso poderia ser comprovado, por exemplo, a partir da menor variação constatada no grupo que passou pela disciplina introdutória em comparação com os estudantes que não o fizeram.

A modalidade de **tradução literal distante** apresentou aumento verificado em EP e em EC, porém, isso não foi suficiente para que os grupos de estudantes se igualassem ao grupo P. O grupo principal, contudo, mostrou, ao longo do tempo, uma aproximação consideravelmente maior do grupo de profissionais de Letras.

Os casos de **decalque lexical** foram um aspecto em que os estudantes do grupo controle mostraram um comportamento mais próximo do verificado no grupo de profissionais.

Embora o número de ocorrências de **decalque sintático** entre os participantes de EP tenha sido maior do que em EC, o aumento em decorrência do tempo foi menor e se, por um lado, não podemos ser categóricos quanto à aproximação ao grupo P, por outro, é certo que o distanciamento longitudinal foi menor que o observado em EC.

Podemos dizer, no entanto, que os indivíduos de EP mostraram desempenho de certa forma superior aos de EC, pois a redução constatada foi maior se compararmos os números iniciais em T1. Isso é importante na medida em que o decalque tende a aproximar-se da noção de erro, desta forma, quanto menor a incidência no uso dessa

modalidade, maiores serão as probabilidades de que os indivíduos tenham melhoras na direção da aquisição da competência tradutória.

Apesar do sujeito EC03 apresentar em T1 um número maior de decalques lexicais (18) do que de decalques sintáticos (12), em geral, o número de decalques lexicais não excedeu o número de decalques sintáticos em nenhum dos grupos.

Claro está que não puderam ser constatados padrões gerais de comportamento, mas é possível apontar, entretanto, que há uma grande diferença entre o grupo de profissionais (bilíngües proficientes, mas não tradutores) e os outros dois grupos de estudantes. Além disso, é considerável a diferença entre os resultados obtidos pelos sujeitos do grupo P e aqueles apresentados pelas duas traduções modelo, o que sugere que o decalque é uma modalidade sensível a níveis de bilingüismo, tanto quanto de desenvolvimento de competência tradutória. Por outro lado, o curso pelo qual passaram os indivíduos de EP não parece haver incidido significativamente sobre a ocorrência dessa modalidade, a ponto de que possamos ser contundentes em nossas observações sobre a evolução desses sujeitos nesse quesito.

Por fim, vale ressaltar que esses resultados são provisórios e precisariam ser reconsiderados após uma verificação mais cuidadosa das tabulações, como apontamos em alguns exemplos apresentados no capítulo anterior. Ademais de uma revisão nas tabulações, seria necessário empreender uma análise qualitativa dos dados para observar se houve ou não variação no nível de precisão e para verificar se ocorreu melhora nos textos retraduzidos e se o curso influenciou de alguma forma para isso ou não.

Um estudo como esses, e seu cruzamento com a análise quantitativa aqui exposta, poderia debruçar-se também sobre a observação das combinações do decalque e da tradução literal com outras modalidades que, dadas as limitações de tempo dessa aplicação piloto, não puderam ser apreciadas. Nesse sentido, uma análise que levasse

em conta as marcações duplas (com 1 e 0) seria fundamental numa seqüência desse trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. **TradTerm**, São Paulo, v. 5.1, p. 99-128, 1998.

_____ Em busca das refrações na literatura brasileira traduzida – Revendo a ferramenta de análise. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, 9, p. 60-69, 2006.

BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2004. [1ª ed. 1990]

CINTRÃO, H. P. Competência tradutória, línguas próximas, interferência: efeitos hipnóticos em tradução direta. **TradTerm**, São Paulo, v. 12, p. 69-104, 2006a.

_____ **Colocar lupas, transcriar mapas. Iniciando o desenvolvimento da competência tradutória em nível básico de espanhol como língua estrangeira**. 2006. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006b. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br>>. Acesso em: 15 jan. 2009.

_____ Configuração e primeiros resultados de análise de um corpus para o estudo do desenvolvimento da CT no par português-espanhol. In: **CIATI**, 4, 2007, São Paulo (no prelo).

FAWCETT, P. Linguistic approaches. In: BAKER, M. (ed.) **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Londres: Routledge, 1998, p. 120-125.

HURTADO ALBIR, A. **Traducción y traductología**. Madrid: Cátedra, 2001.

PUCHEROS. In: **SEÑAS: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños / Universidad de Alcalá de Henares**. Departamento de Filología. Tradução Eduardo Brandão; Claudia Berliner. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1ª ed. 2000], p. 1048.

ROBINSON, D. Literal translation. In: BAKER, M. (ed.) **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Londres: Routledge, 1998, p. 125-127.

VEGA, M. A. (ed.) Introducción. In: **Textos clásicos de teoría de la traducción**. Madrid: Cátedra, 1994, p. 15-57.

VINAY, J. P.; DARBELNET, J. Introduction. In:_____. **Comparative Stylistics of French and English**. A Methodology for translation. Amsterdam: John Benjamins, 1958, p. 7-50.

WALSH, M. E. Historia de una princesa, su papá, una mariposa y el príncipe Kinoto Fukasuka. In: **Cuentopos de Gulubú**. Buenos Aires: Alfaguara, 2000 [1ª ed. 1966], p. 19-23.

REFERÊNCIAS DOS TÍTULOS MENCIONADOS INDIRETAMENTE

ALBRECHT, J. **Linguistik und Übersetzung**. Tübingen: Niemeyer, 1973. [*apud* FAWCETT, 1998]

ARCAINI, E. **Analisi linguistica e traduzione**. Bolonia: Patron, 1986. [*apud* HURTADO, 2001]

ARROJO, R. **Tradução, Desconstrução e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993. [*apud* HURTADO, 2001]

_____ Desconstruction and the Teaching of Translation. **Textcontext**, 9, 1-12, 1994. [*apud* HURTADO, 2001]

BELL, R. T. **Translation and Translating**. Londres: Longman, 1991. [*apud* HURTADO, 2001]

BENJAMIN, W. Die Aufgabe des Übersetzers. In: STÖRIG, H. J. (ed.), 1923. (La tarea del traductor. In: BENJAMIN, W. **Ensayos escogidos**. Buenos Aires, p. 77-88, 1967 [*apud* ROBINSON, 1998])

BERMAN, A. **L'épreuve de l'étranger**. Culture et tradition dans l'Allemagne romantique. Paris: Gallimard, 1984. (**The experience of the Foreign: Culture; Translations in Romantic Germany**. State University of New York Press, 1992) [*apud* ROBINSON, 1998; HURTADO, 2001]

BRISSET, A. **Sociocritique de la traduction**. Théâtre et altérité au Québec (1968-1988). Quebec: Le Préambule, 1990. [*apud* HURTADO, 2001]

CAMPOS, H. A poética da tradução. In: CAMPOS, H. (ed.). **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva, 1972. [*apud* HURTADO, 2001]

_____ De la traducción como creación y como crítica. **Quimera**, 9/10, p. 30-37, 1981. [*apud* HURTADO, 2001]

CARBONELL, O. **Traducir al otro**. Traducción, exotismo, poscolonialismo. Cuenca: Escuela de Traductores de Toledo - Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 1997. [*apud* HURTADO, 2001]

_____ **Traducción y cultura**. De la ideología al texto. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1999. [*apud* HURTADO, 2001]

CATFORD, J.C. **A linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics**. Londres: Oxford University Press, 1965. (**Una teoría lingüística de la traducción: ensayo de lingüística aplicada**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1970). [*apud* FAWCETT, 1998; HURTADO, 2001]

CORDER, S.P. A role for the mother tongue. In: GASS, S; SELINKER, L. (ed.) **Language Transfer in Language Learning**. Rowley, Mass.: Newbury, p. 85-97. [*apud* CINTRÃO, 2006]

COSERIU, E. Lo erróneo y lo acertado en la teoría de la traducción. In: COSERIU, E. **El Hombre y su lenguaje**. Madrid: Gredos, 1977, p. 214-239. [*apud* HURTADO, 2001]

DANCETTE, J. **Parcours de traduction: Étude expérimentale du processus de compréhension**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1995. [*apud* HURTADO, 2001]

DELISLE, J. L'Analyse du discours comme method de traduction. **Cahiers de Traductologie 2**. Éditions de l'Université d'Ottawa, 1980. (Translation: an interpretative approach. Ottawa: University Press, 1980). [*apud* HURTADO, 2001]

DERRIDA, J. **The Ear of the Other**. Otobiography, Transference, Translation. Texts and Discussions with Jacques Derrida. Lincoln: University of Nebraska Press, 1985a. [*apud* HURTADO, 2001]

_____ Des Tours de Barbel. In: GRAHAM (ed.). **Difference in Translation**. Ithaca; Cornell University Press, 165-207, 1985b. (Torres de Babel, ER. **Revista de Filosofía**, 5, 1987). [*apud* HURTADO, 2001]

DÍAZ-DIOCARETZ, M. **Translation Poetic Discourse**. Questions on Feminist Strategies in Adrienne Rich. Amsterdam: John Benjamins, 1985. [*apud* HURTADO, 2001]

DURISIN, D. Die Äquivalenz in der literarischen und nichtliterarischen Übersetzung. **Slavica Slovaca**, 7, 1972. [apud FAWCETT, 1998]

FLOTOW VON, L. Feminist Translation: Contexts, Practices, and Theories. **TTR**, 4/2, p. 69-84, 1997. [apud HURTADO, 2001]

GARNIER, G. **Linguistique et traduction**. Éléments de systématique verbale comparée du français et de l'anglais. Caen: Paradigme, 1985. [apud HURTADO, 2001]

GAVRONSKY, S. The Translator: From Poetry to Cannibalism. **Substance**, 16, p. 53-62, 1977. [apud HURTADO, 2001]

GILE, D. **Regards sur la recherche en Interprétation de conférence**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1995a. [apud HURTADO, 2001]

_____. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Amsterdam: John Benjamins, 1995b. [apud HURTADO, 2001]

GODAYOL, P. Espais de Frontera. Gènere i Traducció. **Biblioteca de Traducció i Interpretació**, 5, Vic: Eumo: 2000. [apud HURTADO, 2001]

GUTT, E. A. **Translation and Relevance**. Oxford: Basil Blackwell, 1991. [apud HURTADO, 2001]

HALLIDAY, M. A. K. **Explorations in the Functions of language**. Londres: Arnold, 1973. [apud FAWCETT, 1998]

HATIM, B; MASON, I. **Discourse and the translator**. Londres: Longman, 1990. (**Teoría de la traducción**. Una aproximación al discurso. Barcelona: Ariel, 1995). [apud HURTADO, 2001]

_____. **The Translation as Communicator**. Londres: Routledge, 1997. [apud HURTADO, 2001]

HEWSON, L.; MARTIN, J. **Redefining Translation**. The variational approach. Londres: Routledge, 1991. [apud HURTADO, 2001]

HOLZ-MÄNTTÄRI, J. Übersetzen – Theoretischer Ansatz und Konsequenzen für die Ausbildung. **Kääntäjä/Översättaren**, 24, p. 2-3, 1984. [apud HURTADO, 2001]

HOUSE, J. **A Model for Translation Quality Assessment**. Tubinga: Gunter, 1977 (reed. 1997, **Model for Translation Quality Assessment. A Model Revisited**). [*apud* HURTADO, 2001]

KADE, O. Zur Modellierung von Äquivalenzbezeichnungen. In: NEUBERT, A; KADE, O. (eds.). **Neue Beiträge zu Grundfragen der Übersetzungswissenschaft**. Frankfurt, 157-165, 1973. [*apud* FAWCETT, 1998]

KIRALY, D. C. **Pathways to Translation**. Pedagogy and Process. Kent/London: The Kent State University Press, 1995. [*apud* HURTADO, 2001]

KRINGS, H. P. **Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht**. Eine empirische Untersuchung der Struktur des Übersetzungsprozesses an Fortgeschrittenen. Tubinga: Gunter Narr, 1986. [*apud* HURTADO, 2001]

KUSSMAUL, P. Creativity in the Translation Process: Empirical Approaches. In: LEUVEN-ZWART, K; NAAIKENS, T. (eds.). **Translation Studies**. The State of the Art. Amsterdam: Rodopi, 1991, p. 91-101. [*apud* HURTADO, 2001]

LADMIRAL, J. R. **Traduire: Théorèmes pour la traduction**. Pris: Payot, 1979. [*apud* HURTADO, 2001]

LAROSE, R. **Théories contemporaines de la traduction**. Québec: Press de L'Université du Québec, 1989. [*apud* HURTADO, 2001]

LARSON, M. **Meaning-based Translation: A Guide to Cross-language Equivalence**. Lanham, MD: University Press of America, 1984. (La traducción basada en el significado. Un manual para el descubrimiento de equivalencias entre lenguas. Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1989) [*apud* HURTADO, 2001]

LEDERER, M. **La traduction simultanée**. Paris: Minard, 1981. [*apud* HURTADO, 2001]

_____ **La traduction aujourd'hui**. Le modèle interprétative. Paris: Hachette, 1994; [*apud* HURTADO, 2001]

LJDUSKANOV, A. **Traduction humaine et traduction mécanique**. Paris: Centre de linguistique quantitative de la Faculté des Sciences de l'Université de Paris, 1969. [*apud* HURTADO, 2001]

LÖRSCHER, W. **Translation Performance, Translation Process, and Translation Strategies.** A Psycholinguistic Investigation. Tübingen: Gunter Narr, 1991. [*apud* HURTADO, 2001]

LOTBINIÈRE-HARWOOD, S. **Re-belle et infidèle.** The body bilingual. Québec: Women's Press, 1991. [*apud* HURTADO, 2001]

LVÓVSKAYA, Z. **Problemas actuales de la traducción.** Granada: Método Ediciones, 1997. [*apud* HURTADO, 2001]

MESCHONNIC, H. Propositions pour une poétique de la traduction. **Langages**, 28, p. 49-54, 1972. [*apud* HURTADO, 2001]

NIDA, E. A. Science of Translation. **Language**, 45, p. 483-498, 1969. [*apud* HURTADO, 2001]

_____ **Exploring semantic structures.** Munich: Fink, 1975. [*apud* HURTADO, 2001]

NIDA, E. A.; TABER, C. **The Theory and Practice of Translation.** Leiden: E. J. Brill, 1969. (La traducción: teoría y práctica. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1986). [*apud* HURTADO, 2001]

NIRANJANA, T. **Siting Translation.** History, Post-structuralism, and the Colonial Context. Berkeley: University of California Press, 1992. [*apud* HURTADO, 2001]

NORD, C. **Textanalyse und Übersetzen.** Heidelberg: J. Gross Verlag, 1988 (Text analysis in Translation. Amsterdam: Rodopi, 1991). [*apud* HURTADO, 2001]

PAZ, O. **Traducción: Literatura y Literaridad.** Barcelona: Tusquets, 1971. [*apud* HURTADO, 2001]

PERGNIER, M. **Les fondements sociolinguistiques de la traduction.** Paris: Champion, 1978. [*apud* HURTADO, 2001]

PIRES, E. R. V. A postmodern translational aesthetics in Brazil. In: SENLL-HORNBY, M.; PÖCHHACKER, M. F.; KÄNDL, K. (eds.). **Translation Studies: An Interdiscipline.** Amsterdam: John Benjamins, 1994. [*apud* HURTADO, 2001]

QUINE, W. V. Meaning and Translation. In: BROWER, R. A. (ed.) **On Translation.** Cambridge: Harvard University Press, 1959. (Traducción y significado. In: QUINE, W. V. Palabra y objeto. Barcelona: Labor, 1968) [*apud* HURTADO, 2001]

REISS, K. **Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik**. Munich: Hueber, 1971. [*apud* HURTADO, 2001]

REISS, K; VERMEER, J. **Grundlegund einer allgemeinen Translationstheorie**. Tubinga: Niemeyer, 1984 (Fundamentos para una teoría funcional de la traducción, Madrid: Akal, 1996). [*apud* HURTADO, 2001]

ROBINSON, D. **Translation and Empire**. Manchester: St. Jerome, 1997. [*apud* HURTADO, 2001]

ROSE, M. G. **Translation and Literary Criticism**. Translation as Analysis. Machester: St. Jerome, 1997. [*apud* HURTADO, 2001]

SCHÖKEL, A. **Hermenéutica de la palabra**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2 vol., 1987. [*apud* HURTADO, 2001]

SCHÖKEL, A.; ZURRO, E. **La traducción bíblica: lingüística y estilística**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1977. [*apud* HURTADO, 2001]

SÉGUINOT, C. Understanding Why Translators Make Mistakes. **TTR**, 2/2, p. 73-81, 1989. [*apud* HURTADO, 2001]

SELESKOVITCH, D. **L'interprète dans les conférences internationals**. Problèmes de langage et de communication. Paris: Minard, 1968. (Interpreting for international conferences: problems of language and commucation. Washington: Pen and Booth, 1978) [*apud* HURTADO, 2001]

_____ **Langage, langues et mémoire**. Étude de la prise de notes en interpretation consecutive. Paris: Minard, 1975. [*apud* HURTADO, 2001]

SHVEITSER, A. D. **Perevod i lingvistika** [Translation and Linguistics]. Moscou: Voenizdat, 1973 (trad. **Übersetzung und Linguistik**. Berlim: Akademie Verlag, 1987.) [*apud* FAWCETT, 1998]

SIMON, S. **Gender in Translation**. Cultural Identify and the Politics of Transmission. Londres: Routledge, 1996. [*apud* HURTADO, 2001]

TOURY, G. **In Search of a Theory of Translation**. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1980. [*apud* HURTADO, 2001]

VÁZQUEZ AYORA, G. **Introducción a la Traductología**. Washington: Georgetown University Press, 1977. [*apud* HURTADO, 2001]

VENUTI, L. The Translator's Invisibility. **Criticism**, 28/2, p. 179-212, 1986. [*apud* HURTADO, 2001]

_____ **The Translator's Invisibility.** A history of translation. Londres: Routledge, 1995. [*apud* HURTADO, 2001]

VIDAL CLARAMONTE, C. A. Traducción y desconstrucción. **Miscelánea**, 10, p. 117-129, 1989. [*apud* HURTADO, 2001]

_____ **Traducción, manipulación, desconstrucción.** Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1995. [*apud* HURTADO, 2001]

_____ **El futuro de la traducción.** Últimas teorías, nueva aplicaciones. Valencia: Institució Alfons el Magnànim, 1998. [*apud* HURTADO, 2001]

WILLS, W. **Knowledge and Skills in Translator Behavior.** Amsterdam: Johns Benjamins, 1996. [*apud* HURTADO, 2001]

ANEXOS

ANEXO A – RESULTADOS DOS TESTES DE TABULAÇÃO

RESULTADOS FINAIS DAS TABULAÇÕES DE MODALIDADES

M1_T1

1	10	0	0	4	423	137	101	66	8	3	26	53	32	0	0	0	9	873
				4		560		167				79		32				
0,1	1,1	0,0	0,0	0,5	48,5	15,7	11,6	7,6	0,9	0,3	3,0	6,1	3,7	0,0	0,0	0,0	1,0	100,00
				0,5		64,1		19,1				9,0		3,7				
83,3																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

M2_T1

0	12	0	0	2	472	148	120	38	0	1	19	28	30	0	0	0	3	873
				2		620		158				47		30				
0,0	1,4	0,0	0,0	0,2	54,1	17,0	13,7	4,4	0,0	0,1	2,2	3,2	3,4	0,0	0,0	0,0	0,3	100,00
				0,2		71,0		18,1				5,4		3,4				
89,1																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

P01_T1

5	12	0	2	5	439	131	116	47	8	9	17	47	18	0	0	0	17	873		
				7		570		163				64		18						
0,6	1,4	0,0	0,2	0,6	50,3	15,0	13,3	5,4	0,9	1,0	1,9	5,4	2,1	0,0	0,0	0,0	1,9	100,00		
				0,8		65,3		18,7				7,3		2,1						
													84,0							
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS		

P02_T1

1	9	8	6	13	487	142	113	36	1	4	6	23	0	5	0	0	19	873		
				19		629		149				29		5						
0,1	1,0	0,9	0,7	1,5	55,8	16,3	12,9	4,1	0,1	0,5	0,7	2,6	0,0	0,6	0,0	0,0	2,2	100,00		
				2,2		72,1		17,1				3,3		0,6						
													89,1							
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS		

P03_T1

5	12	0	0	6	468	163	98	51	3	4	17	24	11,0	1	0	0	10	873		
				6		631		149				41		12						
0,6	1,4	0,0	0,0	0,7	50,6	18,7	11,2	5,8	0,3	0,5	1,9	2,7	1,3	0,1	0,0	0,0	1,1	100,00		
				0,7		72,3		17,1				4,7		1,4						
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS		

P04_T1

1	12	0	2	6	451	137	99	67	3	2	20	28	##	2	0	0	14	873		
				8		588		166				48		31						
0,1	1,4	0,0	0,2	0,7	51,7	15,7	11,3	7,7	0,3	0,2	2,3	3,2	3,3	0,2	0,0	0,0	1,6	100,00		
				0,9		67,4		19,0				5,5		3,6						
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS		

P05_T1

0	12	0	5	14	497	138	105	48	0	0	8	21	12,0	0	0	0	13	873		
				19		635		153				29		12						
0,0	1,4	0,0	0,6	1,6	56,3	15,8	12,0	5,5	0,0	0,0	0,9	2,4	1,4	0,0	0,0	0,0	1,5	100,00		
				2,2		72,7		17,5				3,3		1,4						
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS		

P06_T1

25	12	0	4	18	465	120	93	43	3	1	11	43	14	0	0	0	21	873		
				22		585		136				54		14						
2,9	1,4	0,0	0,5	2,1	53,3	13,7	10,7	4,9	0,3	0,1	1,3	4,9	1,6	0,0	0,0	0,0	2,4	100,00		
				2,5		67,0		15,6				6,2		1,6						
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS		

EP01_T1

4	11	1	9	21	482	144	96	36	0	1	1	16	9	0	0	0	42	873
				30		626		132				17		9				
0,5	1,3	0,1	1,0	2,4	55,2	16,5	11,0	4,1	0,0	0,1	0,1	1,8	1,0	0,0	0,0	0,0	4,8	100,00
				3,4		71,7		15,1				1,9		1,0				
86,8																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EP01_T4

1	11	1	7	14	464	136	103	53	2	1	2	32	19	1	0	0	26	873
				21		600		156				34		20				
0,1	1,3	0,1	0,8	1,6	53,2	15,6	11,8	6,1	0,2	0,1	0,2	3,7	2,2	0,1	0,0	0,0	3,0	100,00
				2,4		68,7		17,9				3,9		2,3				
86,6																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EP04_T1

13	12	0	8	21	462	116	100	53	3	1	4	18	10	0	0	0	52	873
				29		578		153				22		10				
1,5	1,4	0,0	0,9	2,4	52,9	13,3	11,5	6,1	0,3	0,1	0,5	2,1	1,1	0,0	0,0	0,0	6,0	100,00
				3,3		66,2		17,5				2,5		1,1				
86,6																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EP04_T4

7	12	0	12	25	473	112	108	39	4	0	5	17	20	0	0	0	39	873
				37		585		147				22		20				
0,8	1,4	0,0	1,4	2,9	54,2	12,8	12,4	4,5	0,5	0,0	0,6	1,9	2,3	0,0	0,0	0,0	4,5	100,00
				4,2		67,0		16,8				2,5		2,3				
86,6																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EP07_T1

18	12	0	14	20	437	117	95	45	5	0	4	22	0	0	0	0	84	873
				34		554		140				26		0				
2,1	1,4	0,0	1,6	2,3	50,1	13,4	10,9	5,2	0,6	0,0	0,5	2,5	0,0	0,0	0,0	0,0	9,6	100,00
				3,9		63,5		16,0				3		0,0				
86,6																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EP07_T4

17	11	0	9	30	463	136	89	32	5	0	2	22	0	0	0	0	57	873
				39		599		121				24		0				
1,9	1,3	0,0	1,0	3,4	53,0	15,6	10,2	3,7	0,6	0,0	0,2	2,5	0,0	0,0	0,0	0,0	6,5	100,00
				4,5		68,6		13,9				2,7		0,0				
86,6																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EP08_T1

5	12	6	12	14	486	128	108	30	6	1	6	7	3	0	0	0	47	873
				26		616		138				13		3				
0,6	1,4	0,7	1,4	1,6	55,9	14,7	12,4	3,4	0,7	0,1	0,7	0,8	0,3	0,0	0,0	0,0	5,4	100,00
				3,0		70,6		15,8				1,5		0,3				
86,4																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EP08_T4

4	13	1	16	23	613	134	105	18	0	0	6	4	10	0	0	0	26	873
				39		647		123				10		10				
0,5	1,5	0,1	1,8	2,6	58,8	15,3	12,0	2,1	0,0	0,0	0,7	0,5	1,1	0,0	0,0	0,0	3,0	100,00
				4,5		74,1		14,1				1,1		1,1				
88,2																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EP11_T1

3	12	2	9	26	516	129	98	19	0	0	2	6	10	0	0	0	41	873
				35		645		117				8		10				
0,3	1,4	0,2	1,0	3,0	59,1	14,8	11,2	2,2	0,0	0,0	0,2	0,7	1,1	0,0	0,0	0,0	4,7	100,00
				4,0		73,9		13,4				0,9		1,1				
87,3																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EP11_T4

4	12	0	7	18	478	149	109	32	4	0	8	9	16	0	0	0	27	873
				25		627		141				17		16				
0,5	1,4	0,0	0,8	2,1	54,8	17,1	12,5	3,7	0,5	0,0	0,9	1,0	1,8	0,0	0,0	0,0	3,1	100,00
				2,9		71,8		16,2				1,9		1,8				
88,0																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EP13_T1

2	14	5	6	24	513	148	98	23	1	0	5	10	1,0	0	0	0	17	873
				30		667		121				15		1				
0,2	1,6	0,6	0,7	2,7	58,5	17,0	11,2	2,6	0,1	0,0	0,6	1,1	0,1	0,0	0,0	0,0	1,9	100,00
				3,4		76,4		13,9				1,7		0,1				
87,3																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EP13_T4

7	12	0	6	19	517	147	93	33	3	0	7	8	11,0	0	0	0	10	873
				25		664		126				15		11				
0,8	1,4	0,0	0,7	2,2	58,2	16,8	10,7	3,8	0,3	0,0	0,8	0,9	1,3	0,0	0,0	0,0	1,1	100,00
				2,9		76,1		14,4				1,7		1,3				
87,3																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EC03_T1

10	10	0	18	12	486	109	99	43	6	1	1	24	8	0	0	0	64	873
				30		577		142				25		8				
1,1	1,1	0,0	2,1	1,4	53,6	12,5	11,3	4,9	0,7	0,1	0,1	2,7	0,9	0,0	0,0	0,0	7,3	100,00
				3,4		66,1		16,3				2,9		0,9				
82,4																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EC03_T4

3	12	2	10	17	473	139	97	34	8	0	4	19	21	1	0	3	30	873
				27		612		131				23		22				
0,3	1,4	0,2	1,1	1,9	54,2	15,9	11,1	3,9	0,9	0,0	0,5	2,2	2,4	0,1	0,0	0,3	3,4	100,00
				3,1		70,1		15,0				2,6		2,5				
85,1																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EC05_T1

18	12	0	6	13	475	145	108	37	4	1	7	16	0	0	0	0	31	873
				19		620		145				23		0				
2,1	1,4	0,0	0,7	1,5	54,4	16,6	12,4	4,2	0,5	0,1	0,8	1,8	0,0	0,0	0,0	0,0	3,6	100,00
				2,2		71,0		16,6				2,6		0,0				
87,6																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EC05_T4

12	10	0	4	6	446	147	103	33	7	1	6	44	2	0	0	0	52	873
				10		593		136				50		2				
1,4	1,1	0,0	0,5	0,7	51,1	16,8	11,8	3,8	0,8	0,1	0,7	5,0	0,2	0,0	0,0	0,0	6,0	100,00
				1,1		67,9		15,6				5,7		0,2				
83,5																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EC10_T1

0	12	0	5	26	435	139	86	38	0	0	7	38	11,0	1	0	0	15	873
				31		634		124				45		12				
0,0	1,4	0,0	0,6	3,0	56,7	15,9	9,9	4,4	0,0	0,0	0,8	4,4	1,3	0,1	0,0	0,0	1,7	100,00
				3,6		72,6		14,2				5,2		1,4				
83,5																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EC10_T4

0	12	0	9	23	520	144	99	20	0	0	9	9	13,0	0	0	0	15	873
				32		664		119				18		13				
0,0	1,4	0,0	1,0	2,6	58,6	16,5	11,3	2,3	0,0	0,0	1,0	1,0	1,5	0,0	0,0	0,0	1,7	100,00
				3,7		76,1		13,6				2,1		1,5				
83,5																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EC14_T1

23	10	4	13	14	486	137	87	40	1	0	5	14	0	0	0	0	39	873
				27		623		127				19		0				
2,6	1,1	0,5	1,5	1,6	55,7	15,7	10,0	4,6	0,1	0,0	0,6	1,6	0,0	0,0	0,0	0,0	4,5	100,00
				3,1		71,4		14,5				2,2		0,0				
85,9																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EC14_T4

6	12	1	14	26	497	146	95	24	1	0	1	10	9	0	0	0	31	873
				40		643		119				11		9				
0,7	1,4	0,1	1,6	3,0	56,9	16,7	10,9	2,7	0,1	0,0	0,1	1,1	1,0	0,0	0,0	0,0	3,6	100,00
				4,6		73,7		13,6				1,3		1,0				
87,3																		
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EC15_T1

2	9	8	7	18	511	131	109	26	0	0	2	16	0,0	0	0	0	34	873
				25		642		135				18		0				
0,2	1,0	0,9	0,8	2,1	58,5	15,0	12,5	3,0	0,0	0,0	0,2	1,8	0,0	0,0	0,0	0,0	3,9	100,00
				2,9		73,5		15,5				2,1		0,0				
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EC15_T4

2	13	8	6	17	531	110	99	32	2	0	2	18	0,0	0	0	0	33	873
				23		641		131				20		0				
0,2	1,5	0,9	0,7	1,9	60,8	12,6	11,3	3,7	0,2	0,0	0,2	2,1	0,0	0,0	0,0	0,0	3,8	100,00
				2,6		73,4		15,0				2,3		0,0				
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EC16_T1

7	12	0	12	23	432	126	101	42	1	0	5	13	0,0	0	0	0	49	873
				35		608		143				18		0				
0,8	1,4	0,0	1,4	2,6	55,2	14,4	11,6	4,8	0,1	0,0	0,6	1,5	0,0	0,0	0,0	0,0	5,6	100,00
				4,0		69,6		16,4				2,1		0,0				
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

EC16_T4

4	12	0	11	23	493	123	103	40	4	0	7	12	12,0	0	0	0	39	873
				34		606		143				19		12				
0,5	1,4	0,0	1,3	2,6	55,3	14,1	11,8	4,6	0,5	0,0	0,8	1,4	1,4	0,0	0,0	0,0	4,5	100,00
				3,9		69,4		16,4				2,2		1,4				
1	2	3	4A	4B	5A	5B	6A	6B	7	8	9A	9B	10A	10B	11	12	13	TOTAIS

ANEXO B – CD CONTENDO OS ARQUIVOS COM TODAS AS TABULAÇÕES

HISTORIA DE UNA PRINCESA, SU PAPÁ, UNA MARIPOSA Y EL PRÍNCIPE KINOTO FUKASUKA

Sukimuki era una princesa japonesa.

Vivía en la ciudad de Siu Kiu, hace como dos mil años, tres meses y media hora.

En esa época, las princesas todo lo que tenían que hacer era quedarse quietitas.

Nada de ayudarle a la mamá a secar los platos. Nada de hacer mandados. Nada de bailar con abanico. Nada de tomar naranjada con pajita.

Ni siquiera ir a la escuela. Ni siquiera sonarse la nariz. Ni siquiera pelar una ciruela. Ni siquiera cazar una lombriz.

Nada, nada, nada.

Todo lo hacían los sirvientes del palacio: vestirla, peinarla, estornudar por ella, abanicarla, pelarle las ciruelas.

¡Cómo se aburría la pobre Sukimuki!

Una tarde estaba, como siempre, sentada en el jardín papando moscas, cuando apareció una enorme Mariposa de todos colores.

Y la Mariposa revoloteaba, y la pobre Sukimuki la miraba de reojo porque no le estaba permitido mover la cabeza.

—¡Qué linda mariposapa! —murmuró al fin Sukimuki, en correcto japonés.

Y la Mariposa contestó, también en correctísimo japonés:

—¡Qué linda Princesa! ¡Cómo me gustaría jugar a la mancha con usted, Princesa!

—Nopo puepedopo —le contestó la Princesa en japonés.

—¡Cómo me gustaría jugar a la escondida, entonces!

—Nopo puepedopo —volvió a responder la Princesa, haciendo pucheros.

—¡Cómo me gustaría bailar con usted, Princesa! —insistió la Mariposa.

—Eso tampoco puepedopo —contestó la pobre Princesa.

Y la Mariposa, ya un poco impaciente, le preguntó:

—¿Por qué usted no puede hacer nada?

—Porque mi papá, el Emperador, dice que si una Princesa no se queda quieta quieta quieta como una galleta, en el imperio habrá una pataleta.

—¿Y eso por qué? —preguntó la Mariposa.

—Porque sípi —contestó la Princesa—, porque las princesas del Japonpón debemos estar quietitas sin hacer nada. Si no, no seríamos princesas. Seríamos mucamas, colegialas, bailarinas o dentistas, ¿entiendes?

—Entiendo —dijo la Mariposa—, pero escátese un ratito y juguemos. He venido volando de muy lejos nada más que para jugar con usted. En mi isla, todo el mundo me hablaba de su belleza.

A la Princesa le gustó la idea y decidió, por una vez, desobedecer a su papá. Salió a correr y a bailar por el jardín con la Mariposa.

En eso se asomó el Emperador al balcón y, al no ver a su hija, armó un escándalo de mil demonios.

—¿Dónde está la Princesa! —chilló.

Y llegaron todos sus sirvientes, sus soldados, sus vigilantes, sus cocineros, sus lustrabotas y sus tías para ver qué le pasaba.

—¡Vayan todos a buscar a la Princesa! —rugió el Emperador con voz de trueno y ojos de relámpago.

Y allá salieron todos corriendo y el Emperador se quedó solo en el salón.

—¿Dónde estará la Princesa! —repitió.

Y oyó una voz que respondía a sus espaldas:

—La Princesa está de jarana donde se le da la gana.

El Emperador se dio vuelta furioso y no vio a nadie.

Miró un poquito mejor y no vio a nadie.

Se puso tres pares de anteojos y entonces sí vio a alguien.

Vio a una mariposota sentada en su propio trono.

—¿Quién eres? —rugió el Emperador con voz de trueno y ojos de relámpago.

Y agarró un matamoscas, dispuesto a aplastar a la insolente Mariposa.

Pero no pudo.

¿Por qué?

Porque la Mariposa tuvo la ocurrencia de transformarse inmediatamente en un Príncipe.

Un Príncipe buen mozo, simpático, inteligente, gordito, estudioso, valiente y con bigotito.

El Emperador casi se desmaya de rabia y de susto.

—¿Qué quieres? —le preguntó al príncipe con voz de trueno y ojos de relámpago.

—Casarme con la Princesa —dijo el Príncipe valientemente.

—¿Pero de dónde diablos has salido con esas pretensiones?

—Me metí en tu jardín en forma de Mariposa —dijo el Príncipe—, y la princesa jugó y bailó conmigo. Fue feliz por primera vez en su vida y ahora nos queremos casar.

—¡No lo permitiré! —rugió el Emperador con voz de trueno y ojos de relámpago.

—Si no lo permites, te declaro la guerra —dijo el Príncipe, sacando la espada.

—¡Servidores, vigilantes, tías! —llamó el Emperador.

Y todos entraron corriendo, pero al ver al Príncipe empuñando la espada se pegaron un susto terrible.

A todo esto, la Princesa Sukimuki espiaba por la ventana.

—¡Echen a este Príncipe insolente de mi palacio! —ordenó el Emperador con voz de trueno y ojos de relámpago.

Pero el Príncipe no se iba a dejar echar así nomás.

Peleó valientemente contra todos. Y los lustrabotas escaparon por una ventana. Y las tías se escondieron aterradas debajo de la alfombra. Y los vigilantes se treparon a la lámpara.

Cuando el Príncipe los hubo vencido a todos, preguntó al Emperador:

—¿Ø Me dejas casar con tu hija, sí o no?

—Está bien —dijo el Emperador con voz de laucha y ojos de lauchita—. Cásate, siempre que la Princesa no se oponga.

El Príncipe fue hasta la ventana y preguntó a la Princesa:

—¿Quieres casarte conmigo, Princesa Sukimuki?

—Sípi —contestó la Princesa entusiasmada.

Y así fue como la Princesa dejó de estar quietita y se casó con el Príncipe Kinoto Fukasuka. Los dos llegaron al templo en monopatín y luego dieron una fiesta en el jardín. Una fiesta que duró diez días y un enorme chupetín.

Así acaba, como ves,

este cuento japonés.

(WALSH, María Elena. *Cuentopos de Gulubú*. Buenos Aires: Alfaguara, 2000. p. 19-26.)

EC03_T1

História de uma princesa, seu pai, uma mariposa e do príncipe Kinoto Fukasuka

Sukimuki era uma princesa japonesa.

Vivia na cidade de Siu Kui, desde dois mil anos, três meses e meia hora.

Em sua época, tudo o que as princesas tinham que fazer era ficarem bem quietinhas.

Nada de ajudar as mães a secar os pratos. Nada de fazer o que mandavam. Nada de dançar com leques. Nada de tomar laranjada com canudo.

Nem se quer ir à escola. nem sequer soar o nariz. Nem sequer ter uma lombriga.

Nada, nada, nada.

Os serventes do palácio faziam tudo: a vestia, penteava seus cabelos, espirravam por ela, a abanavam, descascavam suas ameixas..

Como se aborrecia a pobre Sukimuki!

Uma tarde estava, como sempre, sentada no jardim procurando moscas, quando apareceu uma enorme mariposa de todas as cores.

E ela rebolava, e a pobre Sukimuki a olhava de lado porque não estava-lhe permitido mover a cabeça.

_ Que linda mariposa! - murmurou por fim Sukimuki, em correto japonês.

E a mariposa contestou, também em corretíssimo japonês:

_ Que linda princesa! Como gostaria de brincar de pega-pega com a senhorita, princesa!

_ Nãoopão possopo - lhe contestou a princesa em japonês.

_ Como eu gostaria de brincar de esconde- esconde, então!

_ Nãoopão possopo - voltou a responder a princesa, fazendo um biquinho.

_ como eu gostaria de dançar com a senhorita, princesa! Insistiu a mariposa.

_ Isso tão poucopo possopo - contestou a pobre princesa.

E a mariposa, já um pouco impaciente, lhe perguntou:

_ Por que a senhorita não pode fazer nada?

_ Porque meu pai, o Imperador, disse que se uma princesa não fica quietinha, quietinha como uma bolacha, no império haverá um ataque.

_ E isso Por quê? Perguntou a mariposa.

_ Por que simpim - contestou a princesa - por que as princesas do Japãoopão devemos estar quietinhas sem fazer nada. Se não, não seríamos princesas. Seríamos servas, estudantes, bailarinas ou dentistas, entende?

_ Entendo - disse a mariposa - escape um minutinho e joguemos. Eu vim voando de muito longe para somente jogar com a senhorita. Na minha ilha, todo mundo me falava da sua beleza.

A princesa gostou da idéia e decidiu, só uma vez, desobedecer a seu pai,. Saiu para correr e para dançar pelo jardim com a mariposa.

Nisso o imperador olhou da sacada e, ao não ver sua filha, armou um escândalo de mil demônios.

_ Onde está a princesa! - gritou.

E chegaram todos os seus servos, seus soldados, seus vigilantes, seus cozinheiros, seus engraxates e suas tias para ver o que estava acontecendo.

_ Vão todos procurar a princesa! - rugiu o imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.

E lá saíram todos correndo e o imperador ficou sozinho no salão.

_ onde estará a princesa! - repetiu.

E ouviu uma voz que respondia a suas costas:

_ A princesa está de farra onde pode fazer as suas vontades.

O imperador ficou furioso e não via ninguém.

Olhou um pouquinho melhor e viu alguém.

Colocou seus três óculos e viu alguém.

Viu uma mariposa sentada em seu próprio trono.

_ Quem é você? - rugiu o imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.

E pegou um mata-moscas, disposta a esmagar a insolente mariposa.

Porém não pôde.

Por quê?

Por que a mariposa teve a inesperada idéia de transformar-se em um príncipe.

Um príncipe muito muito jovem, simpático, inteligente, estudioso, valente e com um bigodinho.

O imperador quase desmaia de raiva e de susto.

_ O que você quer? - perguntou ao príncipe com voz de trovão e olhos de relâmpago.

_ Casar-me co a princesa - disse o príncipe valentemente.

_ Mas de que diabos saiu com essas pretensões?

_ Entrei em seu jardim na forma de mariposa - disse o príncipe - e a princesa brincou e dançou comigo. Foi feliz pela primeira vez em sua vida e agora queremos nos casar.

_ Não permitirei! - gritou o imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.

_ Se não nos permite, declaro guerra - disse o príncipe, desembainhando a espada.

_ Servos, vigilantes, tias! - chamou o imperador.

E todos entraram correndo, porém ao ver o príncipe empunhando a espada tiveram um susto terrível.

A tudo isso, a princesa espiava pela janela.

_ Joguem esse insolente fora do meu palácio! - ordenou o imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.

Porém o príncipe não ia deixar-se jogar somente. Pelejou violentamente contra todos. E os engraxates escaparam por uma janela. E as tias se esconderam aterrorizadas debaixo do tapete. E os vigilantes se penduraram no lustre.

Quando o príncipe venceu a todos , perguntou ao imperador:

_ Me deixa casar com a sua filha, sim ou não?

_ Está bem - disse o imperador com voz de astúcia e olhos espertinhos - Case-se, desde que a princesa não se oponha.

O príncipe foi até a janela e perguntou à princesa:

_ Você quer casar comigo, princesa Sukimuki?

_ Simpim - contestou a princesa entusiasmada.

_ E assim foi como a princesa deixou de permanecer quietinha e se casou com o príncipe Kinoto Fukasuka. Os dois chegaram ao templo com um patinete e logo deram uma festa no jardim. Uma festa que durou dez dias e um enorme caramelo.

Assim acaba, como vês,
este conto japonês.

EC03_T4

História de uma princesa, seu papai, uma borboleta, e o príncipe Kinoto Fukasuka.

Sukimuki era uma princesa japonesa.

Vivia na cidade de Siu Kiu, há dois mil anos, três meses e meia-hora.

Em sua época, tudo o que as princesas tinham que fazer era ficarem bem quietinhas.

Nada de ajudar a mamãe a secar os pratos. Nada de fazer compras. Nada de dançar com leques. Nada de tomar laranjada com canudo.

Nem sequer ir à escola. Nem sequer coçar a pernoça. Nem sequer descascar carambola. Nem sequer caçar minhoca.

Nada, nada, nada.

Tudo faziam os serventas do palácio: Vestia-lhe, penteava-lhe, espirrava por ela, abanava, descarcava as carambolas.

Como se entediava a pobre Sukimuki!

Numa tarde estava, como sempre, sentada no jardim de pernas para o ar, quando apareceu uma enorme Borboleta de todas as cores.

E a borboleta esvoaçava, e a pobre Sukimuki a olhava de lado por que não estava permitido a ela mover a cabeça.

_ Que linda Borboletata! - murmurou ao final Sukimuki, em correto japonês.

E a Borboleta contestou, também em correto japonês:

_ Que linda princesa! Como eu gostaria de brincar de pique com a senhorita, princesa!

_ Nopo possopo - contestou-lhe a princesa em japonês.

_ Como eu gostaria de brincar de pique-esconde, então!

_ Nopo possopo - voltou a responder a princesa, fazendo cara de choro.

_ Como eu gostaria de dançar com a senhorita, Princesa! - insistiu a Borboleta.

_ Osso tompoco possopo - contestou a princesa.

E a Borboleta, já um pouco impaciente, perguntou-lhe:

_ Por que a senhorita não pode fazer nada?

_ Por que meu papai, o Imperador, diz que se uma princesa não fica quietinha, quietinha, quietinha como uma bolacha, no império haverá ataques.

_ E isso por quê? - perguntou a Borboleta.

_ Pir qui simpim - contestou a princesa - por que as princesas do Japão não devemos ficar quietinhas sem fazer nada. Se não, não seríamos princesas. Seríamos criadas, estudantes, bailarinas ou dentistas. Entende?

_ Entendo - disse a Borboleta - mas escape só um pouquinho e brinquemos. Eu vim voando de muito, muito longe, só para brincar com a senhorita. Em minha ilha, todo o mundo me falava de sua beleza.

A princesa gostou muito da idéia e decidiu, só por uma vez, desobedecer a seu papai. Saiu a correr e a dançar pelo jardim com a Borboleta.

Nisso o Imperador apareceu na sacada e, ao não ver sua filha, fez um escândalo dos infernos.

_ Onde está a princesa? - gritou.

E chegaram todos os seus criados, soldados, guardas, cozinheiros, engraxates e suas tias para ver o que acontecia.

- Vão todos procurar a Princesa! - rugiu o Imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.

E lá saíram todos correndo e o Imperador ficou sozinho no salão.

_ Onde estará a princesa? - repetiu.

E ouviu uma voz que respondia às suas costas:

_ A princesa está brincando onde seus desejos vão brotando.

O Imperador se voltou e não viu ninguém.

Olhou um pouquinho melhor e não viu ninguém.

Colocou três pares de óculos e então viu alguém.

Viu uma Borboleta sentada em seu próprio trono.

_ Quem é você? - rugiu com voz de trovão e olhos de relâmpago.

E agarro um mata-moscas, disposto a esmagar a insolente Borboleta.

Porém não conseguiu.

Por quê?

Por que a Borboleta teve a idéia de transformar-se imediatamente em um Príncipe.

Um Príncipe muito jovem, simpático, inteligente, gordinho, estudioso, valente e com bigodinho.

O Imperador quase desmaiou de raiva e de susto.

_ O Que você quer? - perguntou ao Príncipe com voz de trovão e de relâmpago.

_ Casar-me com a Princesa - disse o Príncipe valentemente.

_ Mas de que diabos você saiu com essas pretensões?

_ Entrei em seu jardim em forma de Borboleta - disse o Príncipe - e a Princesa brincou e dançou comigo. foi feliz pela primeira vez em sua vida e agora queremos nos casar.

_ Não permitirei! - rugiu o Imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.

_ Se não permitir, declaro guerra - disse o Príncipe, desembainhando a espada.

_ Criados, guardas, tias! - chamou o Imperador.

E todos entraram correndo, mas ao ver o Príncipe empunhando a espada tiveram um susto terrível.

Enquanto isso, a Princesa Sukimuki espiava pela janela.

_Expulsem esse Príncipe insolente do meu palácio - ordenou o Imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.

Mas o Príncipe não permitiria ser expulso sem mais nem menos.

Lutou valentemente contra todos. E os engraxates escaparam por uma janela. E as tias se esconderam aterrorizadas debaixo do tapete. E os guardas treparam no lustre.

Quando o Príncipe havia vencido a todos, perguntou ao Imperador:

_ Deixa casar-me com sua filha, sim ou não?

_ Está bem - disse o Imperador com voz de rato e olhos de ratinho - Case-se, desde a Princesa não se oponha.

O Príncipe foi até a janela e perguntou à Princesa:

_ Quer se casar comigo, Princesa Sukimuki?

_Simpim - respondeu a Princesa entusiasmada.

E assim foi como a Princesa deixou de ficar quietinha e se casou com o Príncipe Kinoto Fukasuka. Os dois chegaram à Igreja de patinete e logo deram uma linda festa no jardim. Uma festa que durou dez dias e um enorme pirulito.

Assim acaba, como vês,
este lindo conto japonês.

EP01_T1

Historia de uma princesa, seu pai, uma borboleta e o príncipe Kinoto Fukasuka

Sukimuki era uma princesa japonesa.

Vivia na cidade de Siu Kiu, como fazia a dois mil anos, três meses e meia hora.

Nessa época, tudo o que as princesas tinham que fazer eram ficar quietinhas.

Nada de ajudar a mãe a secar os pratos. Nada de fazer o que era mandado. Nada de dançar com o leque. Nada de tomar laranjada com canudo.

Nem sequer ir a escola. nem sequer soar o nariz. nem sequer descascar uma ameixa. Nem sequer caçar uma minhoca.

Nada, nada, nada.

Tudo era feito pelos servos do palácio: vestí-la, penteá-la, espirrar por ela, abaná-la, descascar-lhe as ameixas.

Como se aborrecia a pobre Sukimuki!

Em uma tarde estava, como sempre, sentada no jardim esmagando moscas, quando apareceu uma enorme borboleta de todas as cores.

E a borboleta revoava, e a pobre Sukimuki a olhava de esguelha porque não lhe era permitido mover a cabeça.

- Que linda borboletapa! - murmurou ao fim Sukimuki, em correto japonês.

E a borboleta respondeu, também em corretíssimo japonês:

- Que linda Princesa! Como eu gostaria de brincar de mancha com você, Princesa!

- Nãopo popessopo - respondeu-lhe a Princesa em japonês.

- Como eu gostaria de brincar de esconde-esconde, então!

- Nopo popessopo - voltou a responder a Princesa, fazendo beicinho.

- Como eu gostaria de dançar com você, Princesa! - insistiu a Borboleta.

- Isso tampoucopo popessopo - respondeu a pobre Princesa.

E a Borboleta, já um pouco impaciente, perguntou-lhe:

- Por que você não pode fazer nada?

- Porque meu pai, o Imperador, diz que se uma princesa não ficar quieta quieta quieta como um biscoito, haverá no Império uma rebelião.

- E por que isso? - perguntou a Borboleta.

- Porque simpi - respondeu a Princesa -, porque as princesas do Japão devemos estar quietinhas sem fazer nada. Se não, não seríamos princesas. Seríamos mucamas, colegiais, bailarinas ou dentistas, entede?

- Entendo - disse a Borboleta -, mas fuja um puquinho e brinquemos. Vim voando de muito longe para nada mais do que brincar com você. Na minha ilha, todo mundo me fala de sua beleza.

A Princesa gostou da idéia e decidiu, por uma vez, desobedecer a seu pai. Saiu correndo e dançando pelo jardim com a Borboleta.

Nisso, apareceu o Imperador no balcão e, ao não ver sua filha, armou um escândalo de mil demônios.

- Onde está a Princesa! - Berrou.

E chegaram todos os seus servos, os seus soldados, os seus guardas, os seus cozinheiros, os seus engraxates e suas tias para ver o que estava acontecendo.

- Vão todos buscar a princesa! - rugiu o Imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.

E lá saíram todos correndo e o Imperador sozinho no salão.

- Onde estará a Princesa! - repitiu.

E ouviu uma voz que respondia a suas costas:

- A princesa está de farra onde le deu vontade.

O Imperador voltou-se furioso e não viu ninguém.

Olhou um pouquinho melhor e não viu ninguém.

Pôs-se tres pares de óculos e aí sim viu alguém.

Viu uma borboletona sentada em seu próprio trono.

- Quem é? - rugiu o Imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.

E agarrou um matamoscas, disposto achatar a insolente Borboleta.

Mas não pôde.

Por que?

Porque ocorreu que a Borboleta transformou-se imediatamente em um Príncipe.

Um Príncipe bem moço, simpático, inteligente, gordinho, estudioso, valente e com um bigodinho.

O Imperador quase desmaiou de raiva e de susto.

- O que você quer? - perguntou ao príncipe com a voz de trovão e os olhos de relâmpago.

- Quero me casar com a Princesa - disse o Príncipe valentemente.

- Mas de onde diabos veio com essas pretensões?

- Enfie-me em seu jardim em forma de Borboleta - disse o Príncipe -, e a Princesa brincou e dançou comigo. Foi feliz pela primeira vez na sua vida e agora queremos nos casar.

- Não permitirei! - rugiu o Imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.

- Se não permite, declaro-lhe guerra - disse o Príncipe, sacando a espada.

- Servos, guardas, tias! - chamou o Imperador.

E todos entraram correndo, mas ao ver o Príncipe segurando firme a espada tiveram um susto terrível.

A tudo isso, a Princesa Sukimiki espiava pela janela.

- Expulsem este Príncipe insolente de meu palácio! - ordenou o Imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.

Mas o Príncipe não iria deixar-se expulsar assim tão cedo.

Brigou valentemente contra todos. E os engraxates escaparam por uma janela. E as tias se esconderam aterrorizadas debaixo do tapete. E os guardas subiram nos ilustres.

Quando o Príncipe havia vencido todos, perguntou ao Imperador:

- Deixará eu me casar com sua filha, sim ou não?

- Está bem - disse o Imperador com voz de rato e olhos de ratinho -. Você se casará, desde que a Princesa não se oponha.

O Príncipe foi até a janela e perguntou a Princesa:

- Você quer se casar comigo, Princesa Sukimuki?

- Simpi - respondeu a Princesa entusiasmada.

E assim foi como a Princesa deixou de ficar quietinha e se casou com o Príncipe Kinoto Fukasuka. Os dois chegaram ao templo de skate e em seguida deram uma festa no jardim. uma festa que durou dez dias e uma enorme comilança.

Assim acaba, como vê,

este conto japonês.

EP01_T4

A História de uma Princesa, de seu Papai, de uma Mariposa e do Príncipe Kinoto
Fukasuka

Sukimuki era uma princesa japonesa.

Vivia na cidade de Siu Kiu, e assim fazia como há dois mil anos, três meses e meia hora.

Nessa época, tudo o que as princesas tinham que fazer era ficarem quietinhas.

Nada de ajudar a mãe a secar os pratos. Nada de obedecer ordens. Nada de dançar com o leque. Nada de beber laranjada de canudinho.

Nem sequer ir estudar. Nem sequer soar o nariz. Nem sequer uma ameixa descascar. Nem sequer caçar um perdiz.

Nada, nada, nada.

Tudo era feito pelos servos do palácio: vesti-la, penteá-la, espirrar por ela, abaná-la, descascar-lhe as ameixas.

Como se aborrecia a pobre Sukimuki!

Numa tarde, estava, como sempre, sentada no jardim distraída, quando apareceu uma enorme Borboleta de todas as cores.

E a Borboleta voava, dava voltas, e a pobre SukimuKi a olhava de lado porque não lhe era permitido mover a cabeça.

-- Que linda Borboleta! -- murmurou por fim Sukimuki, em correto japonês.

E a Borboleta respondeu, também em corretíssimo japonês:

-- Que linda Princesa! Como eu gostaria de brincar de amarelinha com a senhorita, Princesa!

-- Nãoopo popossopo -- respondeu-lhe a Princesa em japonês.

-- Como eu gostaria de brincar, então, de esconde-esconde!

-- Nãoopo popossopo -- voltou a responder a Princesa, fazendo cara de choro.

-- Como eu gostaria de dançar com a senhorita, Princesa! -- insistiu a Borboleta.

-- Isso tampocopo popossopo -- respondeu a pobre Princesa.

E a Borboleta, já um pouco impaciente, perguntou-lhe:

-- E porque a senhorita não pode fazer nada?

-- Porque meu papai, o Imperador, diz que se uma Princesa não ficar quietinha, quietinha, quietinha como uma rosquinha, haverá no império uma histeria.

-- E por quê isso? -- perguntou a Borboleta.

-- Porque simpim -- Respondeu a Princesa --, porque as princesas do Japão são devemos ficar quietinhas sem fazer nada. Se não, não seríamos princesas. Seríamos mucamas, colegiais, bailarinas ou dentistas, entende?

-- Entendo -- disse a Borboleta --, mas fuja um pouquinho para brincarmos. Eu vim voando de tão longe para nada mais, nada menos, do que brincar com a senhorita. Na minha ilha, todo mundo me falava de sua beleza.

A Princesa gostou da idéia e decidiu, pela primeira vez desobedecer a seu papai. Saiu correndo e dançando pelo jardim com a Borboleta.

Nisso, apareceu o Imperador na sacada e, ao não ver a sua filha, armou um escândalo de mil demônios.

-- Onde está a Princesa! -- gritou.

E chegaram todos os seus servos, os seus soldados, os seus vigilantes, os seus cozinheiros, os seus engraxates e as suas damas de companhia para ver o que se passava.

-- Vão todos procurar a Princesa! -- berrava o Imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.

-- E lá saíram todos correndo e o Imperador ficou sozinho no salão.

-- Onde estará a Princesa! -- repitiu.

E ouviu que respondiam a suas costas:

-- A Princesa está na farra, à larga.
O Imperador voltou-se furioso, e não viu ninguém.

Olhou um pouquinho melhor e não viu ninguém.

Colocou três óculos e agora sim viu alguém.

Viu uma borboleta sentada no seu próprio trono.

-- Quem é você? -- berrou o Imperador com a voz de trovão e olhos de relâmpago.

E pegou um mata-moscas, disposto a esmagar a insolente Borboleta.

Mas não pôde.

Por quê?

Porque ocorreu à Borboleta de se transformar imediatamente em um Príncipe.

Um Príncipe bem moço, simpático, inteligente, gordinho, estudioso, valente e com bigodinho.

O Imperador quase desmaiou de raiva e de susto.

-- O que você quer? -- perguntou ao Príncipe com voz de trovão e olhos de relâmpago.

-- Casar-me com a Princesa -- disse o Príncipe valentemente.

-- Mas de onde diabos veio com essas pretensões?

-- Metí-me em seu jardim em forma de Borboleta -- disse o Príncipe --, e a Princesa brincou e dançou comigo. Foi feliz pela primeira vez em sua vida e agora nós queremos nos casar.

-- Não permitirei! -- berrou o Imperador com voz de trono e olhos de relâmpago.

-- Se não permitir, declararei guerra -- disse o Príncipe, sacando a espada.

-- Servos, vigilantes, damas! -- chamou o Imperador.

E todos entraram correndo, mas, ao ver o Príncipe empunhando a espada, tiveram um susto terrível.

A tudo isto, a Princesa Sukimuki expiava pela janela.

-- Expulsem este Príncipe insolente de meu palácio! -- ordenou o Imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.

Mas o Príncipe não se ia deixar expulsar assim tão fácil.

Guerreou valentemente contra todos. E os engraxates escaparam por uma janela. E as damas de companhia se esconderam aterrorizadas debaixo do tapete. E os vigilantes subiram nos lustres.

Depois que o Príncipe venceu a todos, perguntou ao Imperador:

-- Vai me deixar casar com sua filha, sim ou não?

-- Está bem -- disse o Imperador com voz de rato e os olhos de ratinho --. Casará, desde que a Princesa não se oponha.

O Príncipe foi até a janela e perguntou à Princesa:

-- Você quer se casar comigo, Princesa Sukimuki?

-- Simpim -- respondeu entusiasmada a Princesa.

E assim foi como a Princesa deixou de ficar quietinha e se casou com o Príncipe Kinoto Fukasuka. Os dois chegaram ao templo de bicicleta e em seguida deram uma festa no jardim. Uma festa que durou dez dias e muita guloseima.

Assim acaba, como vês,
este conto japonês.

P01_T1

A HISTORIA DE UMA PRINCESA, SEU PAPAIZINHO, UMA BORBOLETA E O PRÍNCIPE KINOTO FUKASUKA

Sukimuki era uma princesa japonesa.

Ela vivia na cidade de Siu Kiu, faz mais ou menos dois mil anos, tres meses e meia hora.

Nessa época, as princesas tinham simplesmente que ficar quietinhas.

Nada de ajudar a mamãe a enxugar a louça. Nada de fazer favores. Nada de dançar com leques. Nada de tomar laranjada com canudinho.

Nem mesmo ir à escola ela tinha que ir. Nem assoar o nariz. Nem descascar um ameixa. Nem caçar um bichinho.

Nada, nada, nada.

Tudo era feito pelos empregados do palácio: eles a vestiam, penteavam-na, espirravam por ela, refrescavam-na, descascavam-lhe as ameixas.

Como era chata a vida da pobre Sukimuki!

Uma tarde, como sempre, ela estava sentada no jardim contando moscas, quando apareceu uma enorme borboleta colorida.

A borboleta ia e voltava, e a pobre Sukimuki a olhava com o canto dos olhos, porque não tinha permissão para mexer a cabeça.

- Que linda borboleta! - murmurou finalmente Sukimuki, num japonês certinho.

E a Borboleta respondeu, também em um japonês certinho:

- Que linda princesa! Como eu gostaria de brincar de pique com a senhorita, Princesa!

- Mim, non poder - respondeu a princesa em japonês.

-Então, como eu gostaria de brincar de esconde-esconde...

- Non poder - voltou a responder a princesa, fazendo biquinho.

- Como eu gostaria de dançar com a senhorita, princesa! - insistiu a Borboleta.

- Ah... Isso também nom poder... - respondeu a princesa.

E a Borboleta, um pouco impaciente, lhe perguntou:

- Por que a senhorita não pode fazer nada?

- Porque meu papaizinho, o Imperador, diz que se uma princesa nom ficar quieta, quieta, quietinha como uma bolachinha, no Império haverá muita picuinha.

- E por que? - perguntou a Borboleta.

- Porque sim - respondeu a princesa - , porque as princesas do Japom devem ficar quietinhas sem fazer nada. Se não, não seriam princesas. Seriam empregadas, colegiais, bailalinas ou dentistas, né? Deu prá entender?

- Tá... - disse a Borboleta - , mas fuja um pouquinho e brinque comigo. Vim voando de muito longe só para brincar com a senhorita. Na minha ilha, todo mundo me contava da sua beleza.

A princesa gostou da idéia e decidiu, só desta vez, desobedecer o seu papaizinho. Foi correr e dançar pelo jardim com a Borboleta.

Nisso se aproximou o Imperador da sacada e, ao não ver a sua filha, armou um tremendo escândalo.

- Cadê a princesa! - gritou.

E vieram os empregados, os soldados, os vigilantes, os cozinheiros, os engraxates e as titias para ver o que tinha acontecido.

- Todo mundo procurando a princesa! - rugiu o Imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.

E todos saíram correndo e o imperador ficou sozinho no salão.

- Cadê a princesa! - repetiu.

Foi quando escutou uma voz que vinha de trás de si:

- A princesa está deitando e rolando, para não dizer, voando.

O Imperador se virou furioso e não viu ninguém.

Olhou um pouquinho melhor e não viu ninguém.

Pegou três óculos de uma vez e então viu alguém.

Viu uma borboletona sentada no seu trono.

- Quem é você? - rugiu o Imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.

E pegou um mata-moscas, disposto a esmagar a insolente Borboleta.

Mas não pôde.

Por que?

Porque a Borboleta teve a feliz idéia de transformar-se imediatamente em um Príncipe.

Um Príncipe bonito, simpático, inteligente, gordinho, estudioso, valente e com bigodinho.

O Imperador quase desmaia de raiva e de susto.

- O que você quer? - perguntou ao Príncipe com voz de trovão e olhos de relâmpago.

- Quero me casar com a princesa - disse o Príncipe com valentia.
- Mas de que raio de lugar de lugar veio você com estas pretensões?
- Eu invadi o seu jardim na forma de uma borboleta - disse o Príncipe - , e a princesa brincou e dançou comigo. Ela foi feliz pela primeira vez na sua vida e agora nós queremos nos casar.
- Não, eu não permitirei! - rugiu o Imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.
- Se você não permitir, eu declaro guerra - disse o Príncipe, empunhando a espada.
- Empregados, vigilantes, tias! - chamou o Imperador.

E todos entraram correndo mas, ao ver o príncipe com a espada em punho, levaram um tremendo susto.

A tudo isso a princesa Sukimuki espiava pela janela.

- Expulsem este Príncipe insolente de meu palácio! - ordenou o Imperador com voz de trovão e olhos de relâmpago.

Mas o Príncipe não se deixaria expulsar assim tão facilmente.

Ele lutou bravamente contra todos. E os engraxates fugiram por uma janela. E as tias se esconderam amedrontadas debaixo do tapete. E os vigilantes se penduraram em um lustre.

Depois de vencer a todos, o Príncipe perguntou ao Imperador:

- Tenho sua permissão para me casar com sua filha? Sim ou não?
- Está bem - disse o Imperador com voz de camundongo e olhos de camundonguinho - Casem-se, mas só se a princesa não se opuser.

O Príncipe foi até a janela e perguntou à princesa:

- Você quer se casar comigo, princesa Sukimuki?
- Mim! Sim! - respondeu a princesa entusiasmada.

E foi assim que a princesa deixou de ficar quietinha e se casou com o príncipe Kinoto Fukasuka.

Os dois chegaram ao templo de patim e depois deram uma festa no jardim. Uma festa que durou dez dias e mais um pirulito grande assim!

E assim acaba, como ves,
este conto japonês